



**UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN
FACULTAD DE CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN
Y LA COMUNICACIÓN
MAESTRÍA EN CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN**

**A HISTÓRIA EM QUADRINHOS COMO ALTERNATIVA
DIDÁTICA PARA AS TURMAS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS NA ESCOLA MUNICIPAL IV CENTENÁRIO DE
GOIANA – PE, BRASIL**

MARCOS PAULO AURÉLIO DOS SANTOS

Asunción, Paraguay

2022

Marcos Paulo Aurélio dos Santos

**A HISTÓRIA EM QUADRINHOS COMO ALTERNATIVA
DIDÁTICA PARA AS TURMAS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS NA ESCOLA MUNICIPAL IV CENTENÁRIO DE
GOIANA – PE, BRASIL**

Tese apresentada ao Curso de **Mestrado em Ciências da Educação** da Universidade Autônoma de Assunção, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Educação.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Olga Gonzáles de Cardozo.

Asunción, Paraguay

2022

Santos, Marcos Paulo A. dos. 2022. **A História em Quadrinhos como Alternativa Didática nas Turmas de Educação de Jovens e Adultos – EJA na Escola Municipal IV Centenário em Goiana – PE, Brasil.** Marcos Paulo A. dos Santos, 143 páginas.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Olga Gonzáles de Cardozo

Dissertação Acadêmica / Mestrado em Ciências de la Educación por la Universidad Autónoma de Asunción - UAA

Palavras chaves: Ensino aprendizagem; educação de jovens e adultos; história em quadrinhos.

Marcos Paulo Aurélio dos Santos

**A HISTÓRIA EM QUADRINHOS COMO ALTERNATIVA
DIDÁTICA PARA AS TURMAS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS NA ESCOLA MUNICIPAL IV CENTENÁRIO DE
GOIANA – PE, BRASIL**

Tese apresentada ao curso Pós-graduação Strictu Sensu da Universidad Autónoma de Asunción como requisito para a obtenção do título de Mestrado em Ciências da Educação.

Data de Aprovação: _____ / _____ / 2022

Banca Examinadora

Universidad Autónoma de Asunción - UAA

Avaliador I

Avaliador II

Avaliador III

Asunción, Paraguay

2022

*Dedico Ao Deus Todo Poderoso que em sua infinita
bondade infundiu em mim o desejo de sempre está em
busca de novos conhecimentos.*

*À Sacratíssima Virgem Maria que na República do
Paraguai me acolheu como filho sob o Glorioso título de
Senhora da Assunção.*

*À toda a minha turma de Mestrado formada por
paraguaios, angolanos e de uma forma destacada por
brasileiros estudiosos.*

*E ao meu Filho Vinícios Renam Mendonça de Alcântara
pelos constantes contatos para diminuir a saudade.*

Aos colegas de turma, Jorge Raphael Lopes Arruda, Silvestre Paulo Cardoso Galho, Alexandre Abdo Filho.

Ao amigo pessoal Sr. Clécio Antônio da Silva e a competente jovem kemle Senhorinha Rocha Tuma a minha imorredoura gratidão pelos incontáveis favores recebidos e apoio moral e material.

Por fim, uma prece ardente aos céus de louvor e gratidão por todos que fizeram parte de mais esta conquista!

“A gratidão é dívida que não prescreve”

“A boa educação é moeda de ouro.

Em toda parte, tem valor”

Padre Antônio Vieira

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS	III
LISTA DE FIGURA.....	IV
LISTA DE SIGLAS.....	V
RESUMO.....	XII
RESUMEN	XIV
INTRODUÇÃO	I
1. MARCO TEÓRICO	6
1.1 HISTÓRIA EM QUADRINHOS	6
1.2 INSPIRAÇÕES DA ARTE NOS QUADRINHOS -POP ARTE.....	8
1.3 UMA IMPOSIÇÃO HISTÓRICA.....	10
1.3.1 ENQUANTO ISSO, NO BRASIL	12
1.3.2 A REDENÇÃO, OU QUASE	14
1.3.3 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS FACILITAM O APRENDIZADO EM AULA	18
1.4 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO RECURSO DIDÁTICO E TEMAS TRANSVERSAIS	21
1.4.1 COMO A HQ PODE SER USADA EM SALA DE AULA	22
1.4.2 HISTÓRIA EM QUADRINHOS PROMOVEDO A LEITURA	24
1.4.3 HISTÓRIA EM QUADRINHOS E O ENSINO DA HISTÓRIA	25
1.5 DIDÁTICA E METODOLOGIA DE ENSINO	28
1.5.1 A DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA.....	31
1.5.2 O PROFESSOR, SUA FORMAÇÃO E COMPETÊNCIAS DE ENSINO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA.....	32
1.5.3 A DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: ESPECIFICIDADES E EMANCIPAÇÃO	35
1.6 NA TEORIA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA NO BRASIL.....	40
1.6.1 NECESSIDADES DE METODOLOGIAS DIFERENCIADAS PARA A EJA.....	52
2 MARCO METODOLÓGICO	46

2.1 PROBLEMA	46
2.2 OBJETIVOS	46
2.3 CONTEXTO DA INVESTIGAÇÃO	47
2.4 DELIMITAÇÃO GEOGRÁFICA.....	48
2.5 DESCRIÇÃO LOCAL DA PESQUISA PESQUISA	50
2.6 PARTICIPANTES	53
2.7 DESENHO DA INVESTIGAÇÃO	55
2.8 ETAPAS DA PESQUISA	56
2.9 TIPO DE ESTUDO	56
2.10 DESENHO NÃOEXPERIMENTAL	57
2.11 ENFOQUE	57
3. TÉCNICA DE COLETA DE DADOS.....	59
3.1 VALIDAÇÃO DOS INSTRUMENTOS	61
3.2 LOCAL DA PESQUISA	62
3.3 COLETA DAS INFORMAÇÕES.....	62
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	64
4.1 ANÁLISE DOCUMENTAL	64
4.2 ANÁLISE E RESULTADOS.....	67
4.2.1 QUESTIONÁRIO APLICADO	67
CONCLUSÕES	99
RECOMENDAÇÕES.....	103
REFERÊNCIAS	105
ANEXOS	113
APÊNDICES	120

TABELAS DE QUADROS

Quadro 01	Caracterização pessoal e profissional dos participantes	54
Quadro 02	Desenho de investigação.....	55
Quadro 03	Esquematização de coleta de dados	60
Quadro 04	Análise documental- PPP	64
Quadro 05	Análise e interpretação das entrevistas	67
Quadro 06	Pergunta 1	68
Quadro 07	Pergunta 2	71
Quadro 08	Pergunta 3	74
Quadro 09	Pergunta 4	77
Quadro 10	Pergunta 5	81
Quadro 11	Pergunta 6	82
Quadro 12	Pergunta 7	85
Quadro 13	Pergunta 8	87
Quadro 14	Pergunta 9	90
Quadro 15	Pergunta 10	94

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 História em quadrinhos no ensino da disciplina de história.....	27
Figura 2 História das sociedades	28
Figura 3 História em quadrinhos para alunos da EJA	44
Figura 4 História em quadrinhos como recurso didático.....	45
Figura 5 Mapa Pernambuco.....	48
Figura 6 Escola Municipal IV Centenário.....	51
Figura 7 Fotos da escola- local da pesquisa	128

LISTA DE SIGLAS E ABREVEATURAS

- CONFINTEA** – Conferências Internacionais de Educação de Adultos.
- CONEJA** – Comissão Nacional da Educação de Jovens e Adultos.
- CEAA** – Campanha Nacional de Educação de Adolescente.
- CENER** – Campanha Nacional de Educação Rural.
- CNBB** – Conferencia Nacional dos Bispos do Brasil.
- DF** – Distrito Federal.
- ECA** – Estatuto da Criança e do Adolescente.
- EUA** – Estados Unidos da América.
- Enem** – Exame Nacional do Ensino Médio.
- EJA** – Educação de Jovens e Adultos.
- ENCCEJA** - Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos.
- FAT** – Fundo de Amparo ao Trabalhador.
- FUNDEF** – Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental.
- FUNDEB** - Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica.
- FNDE** - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação.
- HQ** – Histórias em Quadrinhos.
- INEP** - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas.
- IES** – Instituições da Educação Superior.
- LDB** - Lei de Diretrizes e Bases.
- LDBEN** - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.
- MCP** – Movimento da Cultura Popular.
- MEB** – Movimento de Educação de Base.
- MEC** – Ministério da Educação.
- MEC – USAID** - Ministério da Educação e United States Agency for International Development.
- MG** – Minas Gerais.
- MOBRAL** - Movimento Brasileiro de Alfabetização.
- PCN** – Parâmetros Curriculares Nacionais.
- PROJOVEM** – Programa Nacional de Inclusão de Jovens.
- PROEJA** – Programa de Educação de Jovens e Adultos.

PNAE – Programa Nacional de Alimentação Escolar.

PNLD-EJA – Programa Nacional do Livro Didático para Educação de Jovens e adultos.

PNBE – Programa Nacional biblioteca na Escola.

PNAC – Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania.

PRONERA – Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária.

PROEP – Programa de Expansão da Educação Profissional.

PNQ – Plano Nacional de Qualificação.

PROFAE – Projeto de Profissionalização dos Trabalhadores da área de Enfermagem.

PLANFOR – Plano Nacional de Qualificação do Trabalhador.

PNPE – Plano Nacional de Estimulo ao Primeiro Emprego.

SEA – Serviço de Educação de Adultos.

SECAD - Secretaria de Educação a Distância, Alfabetização e Diversidade.

SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial.

SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial.

SENAR – Serviço Nacional de Aprendizagem Rural.

SENAT – Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte.

SESI – Serviço Social da Indústria.

SESC – Serviço Social do Comércio.

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura.

RESUMO

A dinâmica das histórias em quadrinhos tem atraído e empolgado crianças, jovens e idosos através de gerações. Em diferentes momentos históricos elas apresentaram a sua funcionalidade e utilidade para promover e estabelecer a comunicação em jornais, revistas e outros meios que proporcionam aos leitores conhecimentos de fácil assimilação. Apresenta-se como um valioso instrumento didático para as turmas de alfabetização de Jovens e Adultos – EJA, compostas na sua maioria por pessoas acima dos 15 anos de idade. O objetivo geral da investigação é: analisar a história em quadrinhos como alternativa didática no processo de comunicação e pensamento visual nas turmas de Educação de Jovens e Adultos na Escola Municipal IV Centenário em Goiana, PE no Brasil. E os objetivos específicos são: conceituar a História em Quadrinhos (HQ); verificar as práticas pedagógicas adotadas pelos docentes da Educação de Jovens e Adultos (EJA); descrever as técnicas de ensino aplicadas em sala de aula no processo de ensino aprendizagem; analisar o uso da História em Quadrinhos como técnica didática em turmas acima da faixa etária de 15 anos. A abordagem metodológica é de enfoque qualitativo, do tipo descritivo. As técnicas de coleta de dados foram através de questionário aberto e análise documental do Projeto Político Pedagógico da escola. Os sujeitos participantes foram os 08 professores da Escola Municipal IV Centenário que dão aulas na EJA. Os resultados obtidos apresentam que as atividades lúdicas favorecem a aprendizagem dos alunos da EJA. Pois propõe que a literatura em quadrinhos possa fazer parte da prática pedagógica do professor, oportunizando assim à luz de obras em quadrinhos já existente. Conclui-se que, os educandos podem atingir níveis mais satisfatórios de aprendizado e a alfabetização aconteça na sua essência com jovens e adultos fazendo das suas vivências e saberes prévios verdadeiras obras em quadrinhos.

Palavras- chave: Ensino e aprendizagem; Educação de Jovens e Adultos; História em quadrinhos.

RESUMEN

La dinámica de los cómics ha atraído a niños, jóvenes y viejos de generación en generación. En diferentes momentos históricos, presentaron su funcionalidad y utilidad para promover y establecer comunicación en periódicos, revistas y otros medios que brindan a los lectores conocimientos fáciles de asimilar. Se presenta como una valiosa herramienta de enseñanza para las clases de alfabetización de jóvenes y adultos (EJA), compuesta principalmente por personas mayores de 15 años. El objetivo general de la investigación es: analizar la historieta como una alternativa didáctica para el desarrollo de la comunicación y pensamiento en las clases de Educación de Jóvenes y Adultos en la Escola Municipal IV Centenario en Goiana, PE en Brasil. Y los objetivos específicos son: conceptualizar la historia en los cómics (HQ); verificar las prácticas pedagógicas adoptadas por los docentes de Educación de Jóvenes y Adultos (EJA); describir las técnicas de enseñanza aplicadas en el aula y en el proceso de enseñanza-aprendizaje; analizar el uso de los cómics como técnica didáctica en clases superiores al grupo de edad de 15 años. El enfoque de la investigación es cualitativo, descriptivo. Las técnicas de recolección de datos fueron a través de cuestionario abierto y análisis documental del Proyecto Político Pedagógico de la escuela. Las asignaturas participantes fueron 08 docentes de la Escola Municipal IV Centenario. Los resultados obtenidos muestran que las actividades recreativas favorecen el aprendizaje de los estudiantes de EJA. Propone que la literatura cómica puede ser parte de la práctica pedagógica del profesor, proporcionando así oportunidades a la luz de los cómics existentes. Se concluye que los estudiantes pueden alcanzar niveles más satisfactorios de aprendizaje y la alfabetización ocurre en esencia con los jóvenes y adultos haciendo de sus experiencias y conocimientos previos verdaderos trabajos en los cómics.

Palabras clave: Enseñanza y aprendizaje; Educación de jóvenes y adultos; Cómics.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por finalidade apresentar as histórias em quadrinhos como uma alternativa didática nas turmas de educação de jovens e adultos – EJA, na Escola IV Centenário na cidade de Goiana-PE no Brasil.

É consenso geral que existe uma dívida educacional no Brasil para com aquelas populações que não tiveram a oferta ou a possibilidade de acesso ao sistema de ensino e escolarização na idade adequada. Uns por questões de ordem financeira, geográfica, trabalhista e até mesmo políticas entre tantas outras barreiras que se apresentaram como verdadeiros obstáculos para que tivessem acesso e domínio da leitura e da escrita na idade própria de desenvolvimento emocional, psíquico e cognitivo.

O surgimento das obras em quadrinhos e o seu diferente uso nas atividades sociais e sobretudo nos meios de comunicação social, passaram a proporcionar conhecimentos e aprendizagem por meio de textos curtos em forma de balões, desenhos coloridos, linguagem acessível e acima de tudo o colorido que chama a atenção e a desenvoltura dos personagens nelas utilizados.

Na primeira metade do século XX a arte do desenho associou-se a um a nova forma de narrar histórias: as histórias em quadrinhos. Embora o desenho como ilustração de um texto literário já existisse há bastante tempo, desenho e histórias integrados em quadrinhos são uma inovação da década de 1930.

As histórias em quadrinhos e suas personagens criadas na década de 1930 são conhecidas até os dias de hoje. A duração se deve não apenas à qualidade das histórias, mas à qualidade do desenho criado pelos artistas da época.

A Lei de Diretrizes e Bases Nº 9.394/96 de 20 de dezembro de 1996 preconiza que é dever da família e do Estado a oferta do ensino para todas as faixas etárias e ainda deixa claro que o ente federado deve ofertar educação com igualdade de acesso, zelo pela permanência e condições pertinentes para o atendimento de jovens e adultos que estão no mundo do trabalho e que deve ter um atendimento diferenciado em vista as suas particularidades e especificidades.

A oferta de educação escolar regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola.

Percebe-se com certo espanto muitas vezes em nossas escolas municipais, a Educação de Jovens e Adultos – EJA ser vista e tratada como subproduto da educação e também ser encarada com certo preconceito. As unidades de ensino estão nas sedes dos municípios e esta modalidade de ensino atende a pessoas advindas do campo, dos engenhos e da zona rural. Como também muitas vezes não há o devido investimento educacional por parte dos poderes públicos que deveriam ter um olhar mais humano para estes seres humanos que estão aptos a aprender e assimilar todos os conhecimentos que no curso normal de suas vidas lhes foram negados por variadas situações.

Mas se faz necessário que a Educação de Jovens e Adultos – EJA seja institucionalizada, ou seja, passe a figurar no currículo das escolas, nos Projetos Políticos Pedagógicos – PPP e tenha espaço de especial atenção em toda a documentação institucional do fazer escolar das nossas instituições de ensino. Merece ainda atenção ao fato da escolha e capacitação do professor que vai lidar com esta modalidade de ensino, para que esteja capacitado para atender esta demanda tão específica do cenário educacional.

A Educação de Jovens e Adultos não pode disponibilizar estas turmas para professores que precisem completar sua carga horária, professores que estão as vésperas da sua aposentadoria ou até mesmo professores com formação e atuação em séries infantis e que tem uma linguagem e, sobretudo uma prática docente infantilizada para lidar com turmas de adultos. Há neste último caso, um verdadeiro choque e ruptura no espaço escolar, uma vez que o professor não tem nem uma habilidade para trabalhar com adultos que muitas vezes se apresentam cansados e sonolentos em sala de aula depois de um dia inteiros de trabalho. E na sua maioria, são trabalhos pesados no plantio e cultivo da cana de açúcar, plantação de lavouras e tantas outras atividades laborais que demanda muita força física.

Associado a este panorama de ausência do poder público com políticas educacionais específicas para atender satisfatoriamente os jovens e adultos das turmas da

EJA, a falta de estrutura das escolas e de professores formados para atender a esta demanda crescente, se soma a falta de materiais didáticos que contemplem a estes alunos desejos de aprender.

O educando da EJA precisa ser visto como um estudante com todos os direitos e necessidades próprias dos estudantes não importando se estejam nas séries iniciais ou finais, pois todos são parte da escola e como tal devem ser visto e tratados na sua totalidade e sem distinção de qualquer natureza.

Frente à necessidade do surgimento de novas práticas pedagógicas, metodologias e alternativas didáticas para o atendimento satisfatório das turmas de Educação de Jovens e Adultos – EJA e diante da necessidade de trazermos ao debate tão pertinente temática:

A HISTÓRIA EM QUADRINHO COMO ALTERNATIVA DIDÁTICA NAS TURMAS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA, NA ESCOLA MUNICIPAL IV CENTENÁRIO EM GOIANA – PE, e por considerar relevante a inclusão destes alunos nas turmas regulares proporcionando-lhe por meio de projetos o que lhe foi negado em tempo e idades próprias.

Dessa forma, são os alunos o sujeito da história e cabe ao professor criar este ambiente que favoreça a aprendizagem significativa em um ambiente onde a pergunta instigue a busca do conhecimento e que a resposta não seja o fechamento ou isolamento para novos aprendizados.

Como professor da escola ora em tela, e com conhecimento de causa da realidade das turmas de educação de jovens e adultos é que surgem às perguntas que a presente pesquisa busca responder: Como identificar as práticas pedagógicas adotadas pelos docentes da Educação de Jovens e adultos – EJA? Como descrever as técnicas de ensino aplicadas em sala de aula no processo de aprendizagem? E como analisar a história em quadrinhos como técnica didática em turmas acima da faixa etária de 15 anos? Como as histórias em quadrinhos podem ser uma alternativa didática nas turmas de educação de jovens e adultos da EJA?

Desse modo, nos deparamos com a pergunta norteadora da pesquisa: **Como as histórias em quadrinhos contribuem como alternativa didática para a comunicação visual nas turmas de jovens e adultos da EJA?**

Facilmente se percebe que o professor precisa ser muito dinâmico e criativo na sua didática para poder prender a atenção de alunos que estão fora de faixa etária e que precisa de recursos e alternativas que possam favorecer a concentração e assimilação dos conhecimentos e saberes propostos pelo currículo escolar.

Assim para direcionar o trabalho e poder contextualizar a literatura em quadrinhos nas turmas de jovens e adultos da EJA da Escola Municipal IV Centenário, propomos o seguinte **objetivo geral**: Analisar a história em quadrinhos como alternativa didática para comunicação visual nas turmas de Educação de Jovens e Adultos na Escola Municipal IV Centenário em Goiana, PE no Brasil. E como **objetivos específicos**: conceituar a história em quadrinhos; verificar as práticas pedagógicas adotadas pelos docentes da Educação de jovens e adultos – EJA; descrever as técnicas de ensino aplicadas em sala de aula no processo de ensino e aprendizagem dos alunos.

Tendo como base a lei de Diretrizes e Base da Educação LDB N 9. 394/96 e auspiciando responder as perguntas que surjam frente à nossa abordagem.

Apresentamos no primeiro momento em forma de abordagens propostas o **Marco Referencial Teórico** que vai se subdividir dentro do capítulo I com a história em quadrinhos, abordando todo o processo e contextualização de recursos didáticos ao ensino e aprendizagem na EJA, e como pode ser utilizado em sala de aula.

No segundo e terceiro capítulo discorreremos sobre o **Marco Metodológico** da pesquisa, na qual estão as abordagens do estudo qualitativo e como foram os procedimentos para a coleta dos dados. E no quarto capítulo apresentamos as **Análises de dados**, que mostram os resultados obtidos através da técnica do questionário aberto e ao final estão as conclusões e as recomendações feitas na investigação.

A investigação apresenta-se relevante para o campo educacional e científico, uma vez que apresenta a proposta de análise da história em quadrinhos como uma alternativa didática nas turmas de jovens e adultos EJA. Sendo assim, um valioso elemento para a elaboração do currículo escolar das turmas da EJA, como também, para intensificar o estudo de língua portuguesa em sala e diversificar as temáticas referentes ao campo da literatura, leitura, escrita e interpretação de texto para uma educação significativa. Por fim, este trabalho não pretende encerrar os debates acerca do tema, mas somar-se aos que

estudam e já produziram matérias sobre esta temática para que assim possamos apresentar a comunidade educacional e a sociedade em geral uma importante contribuição sobre este tema.

CAPÍTULO I- MARCO TEÓRICO

1 HISTÓRIA EM QUADRINHOS

A História em Quadrinhos nasceu como gênero em 1895, com a publicação da primeira tirinha que convencionou a linguagem das HQs -Histórias em Quadrinhos, tal qual conhecemos hoje, não é considerada Literatura, mas constitui um gênero interessante ao aliar texto e imagem (Berclaz, 2012).

As Histórias em Quadrinhos, ou simplesmente HQs, normalmente estão associadas à narração, apresentando texto e imagem que estabelecem uma ideia de complementaridade. Gênero muito popular entre crianças e adolescentes, as Histórias em Quadrinhos infelizmente ficaram, por muito tempo, relegadas ao injusto rótulo de “subgênero”. Contudo, as HQs têm ganhado cada vez mais força, demonstrando que grandes histórias podem ser contadas sob o viés da Arte Sequencial (Fogaça, 2008).

A primeira história em quadrinhos no mundo foi criada pelo artista americano Richard Outcault em 1895. A linguagem das HQs com personagens fixos, ações fragmentadas e diálogos dispostos em balões de texto, foi inaugurada nos jornais de Nova York com uma tirinha de Outcault, chamada The Yellow Kid, e fez tanto sucesso que acabou sendo disputada por jornais de renome. Claro que esse modelo utilizado por Outcault não surgiu do acaso, pois as histórias em quadrinhos mais antigas surgiram nos primórdios, basta lembrar que os homens das cavernas se comunicavam através das pinturas rupestres, contando através de desenhos a saga diária de nossos ancestrais na luta pela sobrevivência (Berclaz, 2012).

As comics, como são conhecidas nos países de língua inglesa, surgiram na mesma época do cinematógrafo, mas diferente do que aconteceu com o cinema, que desde sua estreia foi considerado a sétima arte, os quadrinhos não receberam a crítica à devida importância, sendo até mesmo considerados como uma má influência para crianças e adolescentes. Isso aconteceu em virtude das temáticas abordadas, que fugiam às narrativas

convencionais, pois se nem a disposição no papel era convencional. Essa inovação provocou grande estranhamento e as impressões iniciais sobre as HQs transportaram a arte sequencial para o submundo das artes, onde permaneceu até a década de 60, quando invadiu o universo acadêmico e ganhou a simpatia de estudantes e professores (Santos, 2001).

As histórias em quadrinhos mais famosas são aquelas que retratam a vida de super-heróis, eternizados na arte sequencial e transportados para a linguagem cinematográfica, ganhando projeção internacional e povoando o imaginário de leitores do mundo inteiro.

O Conceito de Revista em Quadrinhos e Literatura: Porque persistem as diferenças Comics, mangás, gibis, história em quadrinhos ou, simplesmente, HQs. As denominações são muitas para este formato popular de leitura, mas que trazem implicitamente significados restritivos.

Comics e mangá denominam a origem cultural, respectivamente revistas americanas e japonesas, de material publicado nacionalmente. Gibi e história em quadrinhos, termos nacionais, ganharam um apelo mais popular e tornaram-se os títulos designativos de qualquer narrativa que tivesse como características a ação dos personagens em esboços, balões de diálogos e direcionados ao público infantil. Infelizmente, essa limitação ideológica no Brasil não colaborou com o desenvolvimento desta peculiar forma de arte, a exemplo de outros cenários, como o europeu e o americano.

As barreiras que separam este tipo de literatura com a já difundida culturalmente – do comum formato dos livros – tornam perceptíveis os preconceitos existentes com a 9ª arte*, impedindo um foco mais amplo, em âmbito social e escolar, para uma visão literária.

Na última década observamos, felizmente, a aceitação crescente dos quadrinhos nas salas de aula. Pedagogos e educadores chegaram à conclusão que as HQs são um ótimo meio para desenvolver a leitura na infância. Mas, um caminho longo para mudanças de pensamento foi percorrido.

Vergueiro (2010), indica a popularização das Histórias em Quadrinhos entre o público infantil e juvenil como um dos fatores restritivos para sua exploração com função educacional; “de uma maneira geral os adultos tinham dificuldades para acreditar que, por

possuírem objetivos essencialmente comerciais, os quadrinhos pudessem contribuir para o aprimoramento cultural e moral de seus jovens leitores.”

Para Vergueiro (2010, p. 17):

Essa crença, aos poucos vem sendo ultrapassada, promovendo na última década a criação de leis que possibilitaram a entrada dos quadrinhos nas escolas e bibliotecas. Mais recentemente, em muitos países, os próprios órgãos oficiais de educação passaram a reconhecer a importância de se inserir as histórias em quadrinhos no currículo escolar, desenvolvendo orientações para isso. É o que aconteceu no Brasil, por exemplo, onde o emprego das histórias em quadrinhos já é reconhecido pela LDB e pelo PCN.

Se por mimetismo às leis estrangeiras ou por iniciativas próprias para a adoção dessa literatura nas salas de aula, o ato foi positivo. No entanto, é notório que há uma necessidade de preparação dos profissionais da área sobre o universo dos quadrinhos.

1.2 Inspirações da arte nos quadrinhos

Segundo Bosi (2000, p.13), “a arte é um fazer, a arte é um conjunto de atos pelos quais se muda a forma, se transforma a matéria oferecida pela natureza e pela cultura”. A história em quadrinhos congrega diferentes atributos com a possibilidade da condução de prazer e satisfação e se faz presente em quase todas as manifestações culturais.

O quadrinho influencia a imaginação do leitor, por causa da sua riqueza de detalhes. O roteiro, assim como o desenho, sem esquecer, das cores, traços e o formato são os atrativos que seduzem e que satisfazem diversos gostos.

Os quadrinhos são uma expressão artística que usa o desenho e pintura para levar o leitor a acompanhar suas aventuras, ou melhor, suas narrativas. Estabelece uma comunicação simples utilizando contexto consegue construir, um diálogo científico através de situações que contemplam sua curiosidade natural (Oliveira, 2005).

As atividades manuais, principalmente nas artes, contribuem efetivamente para o desenvolvimento motor e intelectual do homem, com ou sem deficiência intelectual. A atividade artística proporciona uma oportunidade de experiência, outra forma de expressão, que não a verbal, por meio da qual esses jovens e crianças podem apresentar os conteúdos aprendidos e sua capacidade. Essa capacidade muitas vezes não aparece em atividades rotineiras, mas pode aparecer na produção artística. A ampliação da possibilidade de auto expressão possibilita às pessoas uma experiência prazerosa de auto realização (Caneiro, 2007).

Segundo a Enciclopédia Itaú (2008), Pop Arte é um movimento estilístico inspirado na cultura da sociedade. Uma das suas inspirações foi a história em quadrinhos, sem deixar seus atrativos que seduzem o apelo das cores vivas. A arte pop ganha lugar no cenário artístico em fins da década de 1950 como um dos movimentos que recusam a separação arte/vida, apresentando como característica a incorporação das histórias em quadrinhos, da publicidade, das imagens televisivas e do cinema.

Entre os representantes da Pop Arte está Roy Lichtenstein, em cuja obra se utiliza da linguagem dos quadrinhos. Para Berclaz (2012), é necessário ressaltar que as pinturas pop de Roy Lichtenstein foram extremamente importantes à trajetória das histórias em quadrinhos, pois as HQs passaram a ser vistas como arte e foram inseridas em galerias e museus, alcançando assim, um novo estado: à de obra aurática. É onde cria emoções, vida, e demonstrar seus sentimentos através de uma pintura, o autor considera que a HQ é, sem dúvida, uma forma de comunicação visual com alto poder de penetração na mídia, nas artes plásticas e nas múltiplas possibilidades de manifestação iconográfico/verbal.

Segundo Araújo, Costa e Costa (2008), a partir de imagens vulgares e banais, extraídas de cartoon, história em quadrinhos e anúncios publicitários, Lichtenstein demonstrou que as imagens veiculadas pelos canais de comunicação em massa são meticulosamente produzidas com a finalidade de esvaziar o pensamento, rebaixar a leitura e a escrita, transformar a fala numa forma de expressão repleta de gírias e balbucios sem sentido.

Ao incorporar elementos da cultura de massa, imagens vulgares ou mesmo banais, para expressar o momento que a arte passada, era do consumismo e da reprodução, fazendo assim com que o quadrinho se popularize ainda mais.

No Brasil, o artista Romero Britto também tem sua linha de trabalho inspirada em histórias de quadrinhos e desenhos animados, sempre coloridíssimos. O artista combina o cubismo com o pop, abusa das cores vibrantes e da linguagem visual. Desenvolveu as peças da campanha da Rede Cegonha do Ministério da Saúde, trazendo imagens representativas deste universo que envolve a maternidade (Santos, 2001).

A história em quadrinhos está impregnada na sociedade, fazendo parte da cultura da sociedade contemporânea. Por sua boa aceitação popular é que ela pode ser uma ferramenta muito útil de aprendizado em sala de aula (Rama & Vergueiro, 2010).

1.3 Uma imposição histórica

A produção da arte sequencial no Brasil foi, e a ainda é influenciada pelo mercado americano. Da produção à temática, essa conexão reverberou de tal modo que o mercado nacional sofreu as mesmas imposições direcionadas aos quadrinhos publicados nos EUA.

Do surgimento na América, em 1896, ao início da década de 40, os quadrinhos evoluíram em forma e conteúdo. Seu caráter de mídia de massa adaptava-se aos poucos a nichos menores de público. O foco deixava de serem as crianças e jovens e se voltava para o universo adulto e suas infinitas representações. O escritor e desenhista americano Will Eisner foi o profissional que personificou essa transformação, e sua influência é perceptível até hoje. Suas histórias como a do super-herói Spirit – herói que ao invés de utilizar super poderes para salvar o dia tinha a seu favor agilidade e inteligência – primam por um naturalismo inédito que seguiria como principal característica em suas obras (Patati & Braga, 2006).

Para Patati e Braga (2006, p.86), após Spirit “houve a ascensão de gêneros mais cuidadosamente realizados que os super-heróis da época. Eram os policiais, o terror, o romantismo, o western, a ficção científica e até mesmo as adaptações literárias”.

Logo, as tirinhas deixariam os jornais para ganhar publicação independente para atender a demanda. E Will Eisner, envolvido no processo, explicou em uma entrevista como isto aconteceu: o pessoal do jornal queria manter as prensas funcionando, então juntaram várias tiras em um livro, que chamaram de comic book, e resolveram imprimir aquilo. Acontece que, em apenas um dia, aquele livrinho vendeu um milhão de exemplares. Estava descoberto um novo mercado e começaram então a ser publicadas histórias em sequência (Oliveira, 2005).

A transformação que os quadrinhos sofreu a partir da década de 40 foi tão sensível e revolucionária que o próprio Will Eisner resolveu criar um termo para designar HQs com temáticas adultas, para atender um público mais maduro que estava em expansão. Ainda na vanguarda da forma apesar da idade, Eisner cunhou o termo “graphic novel” romance gráfico, e especificou que se tratava de algo mais que um gibi bem impresso (Patati & Braga, 2006, p.89).

A discussão tomou maiores proporções com o lançamento do livro *Seduction of the Innocent* (A Sedução do Inocente), em 1954, de autoria do psiquiatra Fredric Werthan. Em um estudo com pacientes, o Dr. Whertan chegou à conclusão que as histórias em quadrinhos induziam jovens a violência, sexo e ao uso de drogas. Junte a isso a psicose anticomunista e o mercantismo, nas décadas de 40 e 50, para iniciar a caça às bruxas aos comics. Logo foram criados meios para controlar o conteúdo dos quadrinhos (Berclaz, 2012).

A censura começava a tomar forma através das Comics Code – leis que regulamentavam do conteúdo às cores das revistas. Grupos religiosos e políticos passaram a perseguir tudo aquilo que representasse perigo para os valores morais e éticos americanos.

Com base nos argumentos do livro do Dr. Whertan que relata que as revistas policiais e de terror eram o que mais vendia, e o oportuno moralista dos formadores de opinião da época os atacou. Iniciou-se uma perseguição àquilo que era considerado responsável pelo aumento da delinquência juvenil daquele país. As publicações da EC foram praticamente proibidas nos tribunais a partir de seus títulos, e muitos gibis, queimados em praça pública.

O puritanismo vigente tornou ofensivo dar um título que incluísse as palavras “horror”, “terror”, “crime” e diversas no mesmo gênero (Patati & Braga, 2006, p. 97).

A queda nas vendas foi instantânea. As revistas que resistiram foram adaptadas ao Comics Code, ou seja, material com histórias e traços infantilizados começaram a se tornar a face do que seria reconhecida por um bom tempo como revistinhas em quadrinhos.

1.3.1 Enquanto Isso, no Brasil

A odisséia a qual as publicações de HQs¹ passaram nos EUA acabou refletindo no mercado brasileiro. Desde a empolgação inicial com este novo universo literário até as dúvidas sobre os possíveis efeitos na educação do público juvenil, todas as fases de julgamento, perseguição e censura foi imitada.

O INEP (Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos), do Ministério da Educação, publicou em 1944 uma pesquisa referente aos quadrinhos e seus leitores. O resultado mostra claramente como o pensamento dos formadores de opinião no Brasil mimetizou a forma de pensar americana sobre o assunto.

Além da tese da dominação cultural e do “estímulo à violência promovida pelos quadrinhos, o INEP trouxe uma preocupação a mais aos pais: segundo aquela pesquisa, quem lia quadrinhos ficava com preguiça mental e avessa a livros” (Gonçalo, 2004, p. 114).

Tais pesquisas, de resultados duvidosos, só concretizavam o preconceito ideológico que este tipo de literatura causava. No entanto, escritores da época, os quais tiveram suas obras literárias adaptadas para o novo formato, tinham um modo de pensar diferente dos pesquisadores.

De acordo com Gonçalo (2004, p.284):

Enquanto alguns críticos se apoiaram na tese de que a revista “prestava um desserviço” à cultura e educação de crianças e adolescentes porque as desestimulava a

¹História em Quadrinhos no Brasil. Recuperado em 22 de Junho de 2020 de: <http://www.brasilcultura.com.br>

ler os originais, outros se mostravam defensores entusiasmados da coleção. Os escritores Jorge Amado e José Lins do Rego figuravam entre os mais empolgados com a ideia.

Mas este apoio não adiantou muito com o início da ditadura militar. A perseguição às revistas, que se estendiam a escritores, desenhistas e editoras, ganhou as mesmas proporções americanas, ceifando o desenvolvimento ascendente de um mercado que aos poucos se desvencilhava dos moldes estrangeiros.

Com o título “Proibição de revista em quadrinhos”, o jornal O Estado de São Paulo informou que, por determinação da lei, os gibis estariam classificados, para efeito de apreensão, na mesma categoria de revistas imorais e pornográficas (Gonçalo, 2004, p.379).

Esses fatos praticamente ceifaram drasticamente o mercado nacional de revistas em quadrinhos. Os efeitos podem ser sentidos até hoje, tanto em termos de mercado quanto criativos. Enquanto nos EUA as grandes editoras criavam receitas de sucessos para manter as vendas e não provocar entidades governamentais, no Brasil, a produção ficou estagnada.

O que passou a ser publicado eram revistas americanas que já haviam passado pela “peneira” da comics code e não encontravam barreiras para chegar às bancas nacionais.

As vendas continuavam com tiragens altas, mas o que encontrávamos em grande quantidade nas bancas era material estrangeiro. A editora EBAL ainda arriscava adaptações de clássicos da literatura, como Gabriela, Cravo e Canela, de Jorge Amado, no entanto, eram publicações raras, levando em consideração a formato e o conteúdo do que era a receita do sucesso da época. A invasão dos heróis americanos, intervenções do governo e até perseguição a artistas, na década de 60, enterraram qualquer chance de desenvolvimento e perspectivas para uma arte em quadrinhos nacional nas décadas seguintes (Berclaz, 2012).

Para Vergueiro (2010, p.16):

De uma maneira geral, durante os anos que se seguiram à malfadada campanha de difamação contra elas, as histórias em quadrinhos quase se tornaram responsáveis por todos os males do mundo, inimigas do ensino e do aprendizado, corruptora das inocentes mentes de seus indefesos leitores. Portanto, qualquer ideia de

aproveitamento da linguagem dos quadrinhos em ambiente escolar seria, à época, considerada uma insanidade.

Tal pensamento acompanhou as HQs no Brasil por muitos anos e parecia ter sido superado com o respeito que essa mídia começou a adquirir no início da década de 80. Mas, infelizmente, não foi o que ocorreu.

1.3.2 A Redenção ou quase

Após vinte anos, os quadrinhos começaram a ser tratados novamente como arte e cultura. A evolução para uma temática mais adulta e a incorporação de fatos reais começou a atrair olhares de críticos e especialistas na área de Comunicação. Esse foi o divisor de águas para as HQs. A partir dos anos 80 os quadrinhos começaram, novamente, a deixar o restrito universo infantil para abarcar variadas temáticas adultas (Vergueiro, 2010).

O despertar para os quadrinhos surgiu inicialmente no ambiente cultural europeu, sendo ampliado para outras regiões do mundo. Aos poucos, o ‘redescobrimento’ das HQs fez com que muitas das barreiras ou acusações contra elas fossem derrubadas e anuladas. De certa maneira, entendeu-se que grande parte da resistência que existia em relação a elas, principalmente por parte de pais e educadores, era desprovida de fundamento, sustentada muito mais em afirmações preconceituosas em relação a um meio sobre a qual, na realidade, se tinha muito pouco conhecimento (Calazans, 1997).

A partir daí, ficou mais fácil para as histórias em quadrinhos, “tal como aconteceu com a literatura policial e a ficção científica”, serem encaradas em sua especificidade narrativa, analisadas sob uma ótica própria e mais positiva. Isso também, é claro, favoreceu a aproximação das histórias em quadrinhos das práticas pedagógicas (Vergueiro, 2010, p.17).

Importante notar o caminho inverso que a revalorização das HQs percorreu no Brasil. Se no mercado estrangeiro o ressurgimento se deu pela reaproximação com o público adulto, aqui, a julgar pelos fatos, ocorreu a permissão desse tipo de leitura para as crianças. O “despertar” citado por Vergueiro (2010), de objeto histórico e cultural da

sociedade contemporânea, não ocorreu aqui no ambiente escolar. Críticos e especialistas podem acompanhar a vanguarda de lançamentos estrangeiros, mas a visão restrita e preconceituosa, presente nacionalmente, impede o desenvolvimento das HQs em território nacional (p.17).

A barreira pedagógica contra as histórias em quadrinhos predominou durante muito tempo e, ainda hoje, não se pode afirmar que ela tenha realmente deixado de existir. Mesmo atualmente há notícias de pais que proíbem seus filhos de lerem quadrinhos sempre que as crianças não se saem bem nos estudos ou apresentam problemas de comportamento, ligando o distúrbio comportamental à leitura de gibis (Vergueiro, 2010).

Tentar controlar o pensamento dos alunos não é o papel das instituições educacionais. Sim, trabalhar ele através do diálogo e do entendimento.

O profissional que escolhe a rede de ensino como área de trabalho busca a priori o desenvolvimento, a construção e o respeito e não o cerceamento. E mesmo ao encontrar barreiras que reflitam suas ideologias e caráter, é necessário amadurecimento para encará-los e estar pronto para transformá-los positivamente. O máximo que pode acontecer é ela se tornar mais lúcida e consciente do mundo. É ilusório e até puritano achar que um livro vai estragar a vida da pessoa. A censura pela pornografia ou por apresentar situações que a criança não entenderia é completamente ingênuo', disse (Zilberman, 2009).

Então um dos problemas base desta discussão seria esconder o problema. Se nos livros há conteúdo impróprio é necessário um direcionamento. O livro pode tratar temas como pedofilia e violência doméstica, mas não é recolhendo-o que apagaremos estas disfunções sociais. No entanto, esta crise não foi acionada por causa da temática abordada nas páginas das HQs e sim por estar em HQs², último lugar que esses educadores esperavam encontrar tais abordagens (Vergueiro, 2010).

Na sua ignorância literária, os educadores que censuraram os quadrinhos não percebem que estes e outros assuntos são retratados em livros diversos, nacionais e estrangeiros, literários e populares, presentes nas bibliotecas.

² Uma possível social para os quadrinhos. Recuperado em: <http://www.entrementes.com.br> .

E torna sensível outra problemática que mesmo não sendo o foco deste trabalho é bom ficar registrado: se os livros aceitos pelo cânone são trabalhados adequadamente em sala de aula. Retornando às HQs, mesmo que a entrada dessa literatura seja autorizada por lei a compor o suporte do processo educativo, agregado como objeto de ensino, não haverá o aproveitamento substancial do material se a visão sobre ele não for transformada, se o preconceito não for destruído.

E é esse mesmo preconceito que não permite o desenvolvimento da arte nacionalmente. Encará-la como uma representação social contemporânea permitirá uma evolução nacional que afetará leitores e artistas positivamente.

É interessante imaginar adaptações de clássicos da literatura para os quadrinhos – vide a série Domínio Público da editora DCL. Nela as histórias são chamadas de Literatura em Quadrinhos colocando o conteúdo a favor da forma. O título é autorizado pelo cânone, que não tem detratores no meio escolar, incluindo os quadrinhos no âmbito da arte em consequência do material usado como texto. Mas, seja uma poesia de Carlos Drummond de Andrade ou um livro de Machado de Assis, sempre teremos ali um texto literário adaptado e não literatura tradicional (Vergueiro, 2010).

Para Ghiraldelli (2005), [...] a atitude estética diz respeito a um tipo de ‘estado mental’ que se estabelece diante de objetos artísticos e que pode ser estendida para outros objetos ou situações, dentro de determinadas condições gerais, gerando então a experiência estética.

Esta experiência estética é que deve ser absorvida e trabalhada com e pelos profissionais da educação. Se determinado autor escolhe narrar suas histórias, seja ficção ou não-ficção, utilizando desenhos ao invés da narrativa comum, isso não desmerece seu conteúdo, ao contrário, os meios utilizados para expressar seus pensamentos são um complemento primordial, peça essencial da narrativa. Não há meio para separar um do outro. Mas como elevar o nível dos quadrinhos a outros patamares se eles não são considerados arte e muito menos literatura em grande parte do meio acadêmico e educacional?

Felizmente isso não acontece com a autorização de determinados grupos e sim por representação histórica e social.

Segundo Ghiraldelli (2005, p.139):

[...] a estrutura da obra de arte é a de uma peça com a estrutura da retórica, e é ofício da retórica modificar as mentes e então as ações de homens e mulheres por meio de cooptar seus sentimentos. Há sentimentos de várias ordens. Alguns implicam um tipo de ação; outros, tipos diferentes. Não pode ser extrínseco à obra de arte que ela deveria fazer isso se a obra de arte e a retórica são a estrutura de uma mesma peça.

Assim, já existem quadrinhos literários por causa do seu papel significativo na literatura. Chamar HQs de para literatura ou subliteratura atualmente por alguns estudiosos pode diminuir o conceito, mas não tira a principal característica que está intrinsecamente ligada a determinadas publicações, de que são literaturas.

Para Ghiraldelli (2005, p.137):

Assim, ele coloca um fim naquele período do pensamento estético e da prática estética que era interessado, para usar um título de David Hume, em padrões de gosto. Isso não quer dizer que a era do gosto foi substituída pela era da apreciação do que não é de bom gosto. Isso quer dizer, antes, que a era do gosto foi sucedida pela era do significado.

Vergueiro (2010), na introdução do livro de pesquisas *Muito Além dos Quadrinhos*, abre as portas para um universo pouco explorado nos corredores acadêmicos das universidades e escolas. Porém, dado os acontecimentos em 2009 relacionados à presença dos quadrinhos nas bibliotecas e escolas, há muito a se discutir sobre o assunto.

Não se trata de negar o papel desta literatura na educação dos alunos, mas de estender a percepção das HQs em sua forma e conteúdo como literatura contemporânea.

Vergueiro (2010) continua no seu texto que abordar histórias em quadrinhos com um viés científico representa o reconhecimento, ainda que tardio, do quanto elas podem revelar sobre a realidade em que são produzidas e consumidas.

Assim, histórias em quadrinhos não devem mais ser encaradas unicamente como produto de massa; se fosse mais algum tipo de moda específica de uma época, não teria resistido à perseguição sistemática a qual passou.

A mídia evoluiu, e como qualquer literatura é possível diferenciar as criações comuns das geniais, mas julgá-las menores por sua forma de representação é a representação da ignorância e preconceito, sentimentos tais que não podem fazer parte daqueles que são responsáveis pela estruturação da educação e iniciação cultural das crianças e jovens no contexto escolar.

1.3.3 Histórias em quadrinhos e o aprendizado em aula

As histórias em quadrinhos são lidas por 30% dos leitores do País, segundo a 3ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada em 2011 e divulgada nesta quarta-feira, dia 28, pelo Instituto Pró-Livro (IPL). O dado representa um aumento em relação a 2007, quando eram 22%. As HQs ficam à frente até mesmo de textos escolares, de internet e de livros digitais, abaixo apenas de revistas, livros, jornais e livros didáticos em número de leitores (Carvalho, 2009).

Para Carvalho (2009), o estudo tem como base uma amostra da população brasileira com 5 anos ou mais (173 milhões), dos quais 50% (88,2 milhões) são leitores (leram um ou mais livros nos três meses antecedentes à pesquisa). Os números refletem a penetração desse tipo de história em públicos de diversas faixas etárias e sustentam os argumentos de quem defende sua utilização em outros ambientes, como a escola.

Mais utilizados em aulas de português e interpretação, os quadrinhos também podem ser bons instrumentos na hora de transmitir ou revisar o conteúdo de outras áreas do conhecimento, como história, física, matemática e geografia.

Uma das principais vantagens em trabalhar com HQs em sala de aula é a aproximação do professor com um universo já conhecido pelo aluno, além da dinamização da disciplina.

Para Vergueiro (2010), ressalta que os estudantes já estão familiarizados com os quadrinhos, e o custo desse material é relativamente baixo, o que diminui as chances de

desinteresse ou rejeição. Mas é preciso planejamento, pois a má aplicação do recurso pode prejudicar o aprendizado e provocar nos alunos até antipatia pelo meio, segundo o especialista. "O professor tem que se preparar. Existem métodos, técnicas, escolhas, seleção apropriada. São vários aspectos que devem ser considerados", adverte.

Quando todos os requisitos para a boa utilização são satisfeitos, o resultado costuma ser positivo. "Há um aumento de interesse pelo tema tratado, além de uma ampliação do diálogo em sala de aula" (Vergueiro, 2010, p. 25).

O aproveitamento da linguagem ocorre tanto na leitura quanto na produção. Segundo a professora, é a partir dessa atividade que se pode ver o quanto o aluno realmente entendeu sobre o conteúdo. Quando ele compreende o processo histórico dos quadrinhos, pode criar usando o conceito e os personagens. O trabalho desenvolvido encontra subsídios em outra disciplina prevista no currículo da escola, a Oficina de Escrita, que propõe exercícios de criação de histórias em quadrinhos (Zilberman, 2009).

Para o coordenador do Observatório de Histórias em Quadrinhos da USP, a prática completa o ciclo de absorção e produção de conhecimento. É importante que o aluno domine os principais elementos da linguagem e se expresse por meio da ferramenta de ensino para todas as idades (Vergueiro, 2010).

O quadrinho, apesar de ser um registro de informação um pouco discriminado no meio acadêmico, permite o aprendizado ao mesmo tempo em que remete ao lazer, entende. Barbosa Filho lista outras possibilidades que foram implantadas pela escola, como a utilização de áudios aliados à leitura das HQs para dinamizar o processo.

A linguagem da história em quadrinhos ainda é adotada em outras publicações, como manuais de instruções e até para a produção de livros-reportagem. Nos dias atuais, é necessário que o aluno conviva com diversas linguagens para que produza seu próprio conhecimento atrelado aos conteúdos estudados.

De forma harmônica, o aprendizado deve ocorrer a partir da interação do aluno com os conteúdos e a prática, de modo que o aluno possa levar estes conhecimentos adquiridos e produzidos como contribuição para a melhoria da sociedade.

Para Carvalho (2009), entre as razões para se utilizar os quadrinhos na escola estão a atração dos estudantes por esse tipo de leitura, a combinação de palavras e imagens-

forma mais eficiente de ensino, a qualidade da informação, o enriquecimento da comunicação pelas HQs, o auxílio no desenvolvimento do hábito de leitura e a ampliação do vocabulário.

Atualmente, é muito comum a publicação de livros didáticos, em praticamente todas as áreas, que fazem farta utilização das histórias em quadrinhos para transmissão de seu conteúdo.

No Brasil, principalmente após a avaliação realizada pelo Ministério da Educação a partir de meados dos anos de 1990, muitos autores de livros didáticos passaram a “diversificar a linguagem no que diz respeito aos textos informativos e às atividades apresentadas como complementares para os alunos, incorporando a linguagem dos quadrinhos em suas produções” (Vergueiro, 2010, p.14).

Segundo Carvalho (2009), antes de desenvolver atividades de qualquer disciplina, um trabalho com operações matemáticas, por exemplo, é preciso explorar todas essas formas de representação para ampliar a capacidade leitora e garantir que a criança ou jovem entenda ao máximo os recursos oferecidos, gerando sentido.

Porém, a realidade do ensino prioriza o processo de aprendizagem através da transmissão de conhecimento, não havendo interesse ou talvez consciência da necessidade de ampliar o potencial do educando, trabalhando conteúdos que sejam significativos e utilizando metodologias que possibilitem ao aluno fazer relação entre o que se está aprendendo e a sua vida.

Outro fator em questionamento é a afetividade, presente na relação professor e aluno, que precisa ser dialógica, pois sabemos que a proximidade e a confiança entre ambos são fatores que possibilitam ao educador perceber a necessidade do aluno e reformular sua prática para uma eficiente aprendizagem e, para o aluno, permite expor seus questionamentos e anseios. Assim, na perspectiva de tornar indivíduos críticos, capazes de construir e reconstruir conhecimentos busca-se sensibilizar educadores para uma constante reflexão e tomada de atitude frente a determinados comportamentos do aluno no seu dia-a-dia (Chaves & Santos, 2002).

A história em quadrinhos peculiaridade que encanta todas as idades e é meio de comunicação de massa de grande penetração popular. Podemos aproveitar a sua

atratividade para trabalhar conteúdos diversos, no intuito de que o aprendizado seja mais prazeroso.

1.4 Sugestões do uso de histórias em quadrinhos como recurso didático e temas transversais

Hoje as histórias em quadrinhos são utilizadas para incentivar a prática da leitura, o desejo e o prazer de ler, muitas famílias e creches oferecem para as crianças histórias em quadrinhos infantis, a partir das quais, mesmo sem saberem ler, as crianças já vão contando histórias apenas pelas imagens dos desenhos, iniciando dessa forma seu contato com os livros (Carvalho, 2009).

As HQ passaram a ser mais bem aceitas nas escolas a partir do momento que foram incluídas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), com isso também ganharam espaço em livros didáticos, bem como em provas de vestibulares e no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

Vergueiro (2010, p.26) afirma que “o único limite para o bom aproveitamento das HQ em sala de aula é a criatividade do professor e a sua capacidade de bem utilizá-las para atingir seus objetivos de ensino.

A intenção é apresentar exemplos práticos e sugestões de atividades para se trabalhar com histórias em quadrinhos como material de apoio didático em salas de aula a partir da leitura de publicações de autores relevantes na área.

Segundo Brasil (1997), os PCNs estão articulados dentro do processo de ensino e aprendizagem e explicitado por intermédio de ações em três eixos norteadores: produzir, apreciar e contextualizar. A estrutura dos eixos de aprendizagem e sua articulação entre os tipos de conteúdos das disciplinas ofertadas e dos Temas Transversais configuram uma organização para que as escolas estruturem seus currículos com certa liberdade que permita considerar o seu contexto educacional.

A história em quadrinhos poderá ser instrumento que contemple esses eixos de aprendizagem, pela facilidade que ela transmite informações de forma atrativa, divertida e facilita a memorização. A escola tem a função de formar indivíduos que contribuam para a

melhoria dessa sociedade e sem deixar de atender as necessidades individuais. Para Brasil (1997, p. 45), os PCNs reforçam dizendo: [...] “é necessário que a escola garanta um conjunto de práticas planejadas com o propósito de contribuir para que os alunos se apropriem dos conteúdos de maneira crítica e construtiva.”

Os quadrinhos devem estar inseridos nos conteúdos de temas transversais que tratam de questões sociais (saúde, orientação sexual, cultura, meio ambiente e ética). Organizadas em diversas linguagens, as histórias em quadrinhos viabilizam diferentes contextos e produzem informações vinculadas aos temas sociais (PCNs,1997).

A história em quadrinhos integra temas transversais com uma linguagem do dia a dia. Explorando diferentes linguagens a história em quadrinhos leva a uma aprendizagem mais dinâmica e divertida.

1.4.1 Como a HQ pode ser usada em sala de aula

Para Rama e Vergueiro (2010, p.20), em se tratando de quadrinhos, “pode-se dizer que o único limite para seu bom aproveitamento em qualquer sala de aula é a criatividade do professor e sua capacidade de bem utilizá-los para atingir seus objetivos de ensino”.

A história em quadrinhos pode ser um recurso didático que oferece uma variação de metodologia para se trabalhar em sala de aula. Torna-se necessário apropriar de maneira crítica e consciente. Deste recurso didático no intuito desenvolver novas formas de criar uma sociedade mais democrática e justa para todas as pessoas.

A aplicação das HQs, segundo Rama e Vergueiro (2010), deve ser adaptada ao cronograma do curso, sendo utilizadas na sequência normal das atividades e sem qualquer destaque em relação a outras linguagens ou alternativas didáticas. De uma forma mais ampla, pode-se dizer que os quadrinhos podem ser utilizados na contextualização do conteúdo, como recurso avaliativo e no incentivo à leitura e à escrita, atendendo as disciplinas diversas, como História, Geografia, Artes, Matemática, Língua Portuguesa entre outras.

Para Vergueiro (2010, p.21):

Os quadrinhos não podem ser vistos pela escola como uma espécie de panacéia que atende a todo e qualquer objetivo educacional, como se eles possuíssem alguma característica mágica capaz de transformar pedra em ouro. Pelo contrário, deve-se buscar a integração dos quadrinhos a outras produções das indústrias editorial, televisiva, radiofônica, cinematográfica etc., tratando todos como formas complementares e não como inimigas ou adversárias na atenção dos estudantes.

A seguir são apresentadas situações em que as HQs ou mesmos as tirinhas ou o quadrinho possam ser utilizados em sala de aula.

Na contextualização de conteúdo de estudo busca ampliar a possibilidade de compreensão. Integrando um determinado tema a uma linguagem agradável, mais próxima do educando. Essa estratégia pode ser usada no intuito de quebrar o paradigma de conteúdo de difícil compreensão para a maioria dos alunos, buscando uma abordagem mais lúdica que pode facilitar a construção de uma aprendizagem significativa.

A utilização de quadrinhos neste caso permite a construção de cenários, a criação de personagens e caracterização dos mesmos. O conteúdo ganha ação, movimento e diálogo, deixa de ser uma leitura distante, para poder dialogar com o estudante de forma objetiva, por meio de elementos linguagem verbal e não verbal que atendem a diferentes estilos de aprendizagem (Carvalho, 2009).

A história em quadrinho ou uma tirinha também pode ser usada como recurso avaliativo para que o aluno exteriorize o resultado do seu aprendizado. Neste contexto a tirinha pode ser utilizada tanto no enunciado da questão, para contextualizar a situação problema, quando nas alternativas de questões objetivas para criar diferentes respostas para a apresentação dos resultados (Oliveira, 2005).

No incentivo a leitura, as histórias em quadrinhos, com seu formato dinâmico, mesclando texto e desenhos e atraem a atenção de todos que as leem. Podendo despertar e motivar jovens e gosto pela leitura, levando a ler desde cedo, e com isso tornando um provável leitor no futuro. Podendo ser uma porta de entrada para o mundo dos livros, quando as HQs são exploradas em função das linguagens utilizadas. Entretanto o professor

deve ficar atento, porque é muito mais fácil e dinâmico ler uma HQ que ler um livro “cheio de letras” (Patati & Braga, 2006).

A história em quadrinhos também pode ser usada como recurso para incentivo à escrita. O próprio aluno pode ser levado a escrever sobre um determinado tema utilizando-se dos quadrinhos, seja para a apresentação de um contexto ou uma situação.

1.4.1. Quadrinhos promovendo a leitura

A leitura deve ser inserida, desde muito cedo, na vida das crianças, uma vez que ler para Oliveira (2005), é uma prática social, na qual se incluem o autor e o leitor, além de ser uma atividade que diz respeito a um processo discursivo. Ainda segundo a mesma autora, para que uma criança aprenda a ler, ela precisa desenvolver o conhecimento sobre a língua, o mundo e o gênero discursivo. A prática da leitura acontece de forma mais efetiva quando é motivada pela necessidade e pelo prazer.

A utilização dos quadrinhos pode ser de grande importância para iniciar no caminho que leva à consolidação da prática e do prazer de ler. Os elementos dos quadrinhos, quando bem utilizados, podem ser aliados do ensino. A união do texto com a imagem facilita a compreensão dos conceitos que ficariam abstratos se relacionados unicamente com as palavras (Santos, 2001).

A maioria das HQ caracteriza-se por apresentar o improvável, a surpresa. Sua sedução está no fato de que correspondem às necessidades e interesses naturais das crianças, incluindo os jogos e a brincadeira (Fogaça, 2008).

Ainda que as HQ tenham sido rejeitadas por pais, professores e bibliotecários num determinado momento, seus benefícios são hoje evidentes. Neste sentido, segundo Vergueiro (2010, p.21), "no Brasil [...] o emprego das histórias em quadrinhos já é reconhecido pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)". Desta forma, fica demonstrada a importância da utilização das HQ na infância, tanto para o ensino, como para o desenvolvimento da prática da leitura.

Assim se expressa Alves (2001, p.07):

A leitura de histórias em quadrinhos pode contribuir para a formação do gosto pela leitura porque ao ler histórias em quadrinhos a criança envolve-se numa atividade solitária e não movimentada por determinado período de tempo, que são características pouco frequentes nas atividades de crianças pré-escolares ou no início da escolarização. Também porque, estando mais próximas da forma de raciocinar destas crianças, elas podem mais facilmente lê-las, no sentido de retirar delas significados, o que seria menos provável com outros tipos de leitura.

As HQ apresentam uma grande facilidade para que as crianças, em fase de alfabetização e início de escolarização, se interessem pela leitura e com ela se estimulem. Para a formação de leitores, é importante que se tenha contato com diferentes objetos de leitura e que estes tenham conteúdos de qualidade, capacitando gradativamente o pequeno leitor para exercer leituras mais complexas (Paraná, 2008).

1.4.3 História em quadrinhos e o ensino de história

Desde que a Escola dos Annales apontou que podemos perceber evidências da História a partir de cada objeto que signifique a presença do homem, descortinou-se um mundo totalmente novo para o historiador, um mundo muito mais amplo do que aquele observado apenas através da documentação escrita e oficial (Rama & Vergueiro, 2010).

Nesse mundo novo, novos personagens passaram a constar das cenas históricas. Não mais somente aqueles mencionados pelos escribas oficiais a serviço dos detentores do poder. A bem da verdade, essa cortina já começara a ser descerrada com as reflexões marxistas que apontavam outros agentes no processo histórico quando apontou a luta de classes como elemento importante para compreender a história.

Com isso, já não eram somente os reis, generais, papas, e outros personagens desse tipo que faziam a história, mas adentram à cena histórica outros personagens, aqueles até então deixados de fora, como camponeses, operários, e os desempregados, enfim, os trabalhadores. Contudo, após as reflexões dos pensadores que configuraram o que ficou

conhecida como a Escola dos Annales, esses outros personagens ganharam mais rostos, e mais canais para se expressarem (Rama & Vergueiro, 2010).

É inegável a necessidade de integrar diferentes linguagens nas aulas em todos os níveis de ensino. A utilização das diferentes linguagens para o ensino de História vem contribuindo para a dinamização do cotidiano da sala de aula diversificando a prática do ensino da disciplina, permitindo melhor compreensão por parte dos alunos da mensagem que o professor deseja que ele receba (Paraná, 2008).

O profissional da educação vive em constante desafio de desenvolver práticas pedagógicas mais eficientes, mantendo-se assim sempre atualizados sobre novas metodologias.

A compreensão dos conteúdos históricos, pode acontecer de diversas maneiras utilizando-se de diferentes documentos ou artefatos, fugindo assim, da tradição do livro didático. Portanto, a escolha que fazemos da proposta de uso de histórias em quadrinhos para o ensino, busca romper com a metodologia centrada apenas no livro didático como fonte de informação e reflexão a respeito da História no processo ensino-aprendizagem, buscando então, possibilidades de tornar o trabalho em sala de aula mais prazeroso tanto para o aluno como para o professor (Paraná, 2008).

As histórias em quadrinhos podem ser utilizadas para introduzir um tema, para aprofundar um conceito já apresentado, para gerar discussão a respeito de um assunto, para ilustrar uma ideia. Não existem regras para sua utilização, porém, uma organização deverá existir para que haja um bom aproveitamento de seu uso no ensino podendo desta forma, atingir o objetivo da aprendizagem (Perrenoud, 2001).

De acordo com as Diretrizes Curriculares de História para a Educação Básica, da Educação Pública do Estado do Paraná: "as imagens, livros, jornais, histórias em quadrinhos, fotografias, pinturas, gravuras, museus, filmes, músicas são documentos que podem ser transformados em materiais didáticos de grande valia na constituição do conhecimento histórico" (Paraná, 2008, p.49).

Para escrever a história das sociedades, os historiadores fazem uso de diferentes documentos, os quais são denominados de fontes históricas, que podem ser escritas, visuais e sonoras. Portanto, a leitura de HQ é essencial, pois se tem nela uma nova forma

de ver, de ler, além de desenvolver habilidades de compreensão. A figura 1 mostra a história em quadrinhos inserida no contexto da disciplina de história, na qual os docentes podem explorar os conteúdos curriculares.

Figura 1: História em quadrinhos no ensino da disciplina de história



Fonte: Dados da pesquisa

A figura 2 mostra a história das sociedades através da obra em quadrinhos.

Figura 2: História das sociedades



Fonte: Dados da pesquisa

1.5 DIDÁTICA E METODOLOGIA DE ENSINO

A didática é a área da Pedagogia que se preocupa com o ensinar.

Segundo Libâneo (1994, p.52):

[...] didática define-se como mediação escolar dos objetivos e conteúdos do ensino, a didática investiga as condições e formas que vigoram no ensino e, ao mesmo

tempo, os fatores reais (sociais, políticos, culturais, psicossociais) condicionantes das relações entre docência e aprendizagem. Ou seja, destacando a instrução e o ensino como elementos primordiais do processo pedagógico escolar, traduz objetivos sociais e políticos em objetivos de ensino, seleciona e organiza os conteúdos e métodos e, ao estabelecer as conexões entre ensino e aprendizagem, indica princípios e diretrizes que irão regular a ação didática [...].

Neste mesmo sentido Haydt (2008, p.13) expressa que:

[...] a didática é uma seção ou ramo específico da pedagogia e se refere aos conteúdos do ensino e aos processos próprios para a construção do conhecimento. Enquanto a pedagogia pode ser conceituada como ciência e a arte da educação, a didática é definida como ciência e a arte do ensino.

O termo didática surgiu com o significado de arte de ensinar. A tentativa de evitar o monopólio do saber para poucos deu ênfase à novas possibilidades explicando que o indivíduo era capaz de compreender o mundo que o cerca (Haydt, 2008).

Cabe ao professor, ao definir suas práticas pedagógicas, preocupar-se com metodologias, recursos e estratégias que, articulados com as atividades em sala de aula tornem possível o crescente processo de aprendizagem dos alunos. Outro aspecto importante e que:

[...] o professor deve compreender e aprender que sua didática faz parte de um todo, base teórica, ações práticas, visão crítica e política, organização e planejamento, etc., e que essas dimensões devem caminhar juntas, pois a caracterizam e visam um significado real ao seu corpo, norteador seu trabalho. (Baradel, 2007, p. 14)

Portanto, ensinar e aprender consiste em um único processo e a metodologia de ensino é aspecto que deve ser considerado. Libâneo (1994, p.53) expressa que:

[...] a metodologia compreende o estudo de métodos, é o conjunto dos procedimentos de investigação das diferentes ciências quanto aos seus fundamentos e validade,

distinguindo das técnicas que são a aplicação específicas dos métodos. A metodologia pode ser geral (ex., métodos tradicionais, métodos ativos, métodos da descoberta, método de solução de problemas etc.) ou específica, seja a que se refere aos procedimentos de ensino e estudo das disciplinas do currículo.

E importante o professor compreender que ensinar e aprender caminham juntas esta ação são importantes para a prática pedagógica do professor, pois exercem um papel importante que podem nortear seu trabalho em sala de aula.

O professor pode seguir os mais variados métodos de ensino e oferecer a seus alunos uma diversidade de experiências de aprendizagem, por isso ensinar e aprender é um processo que enfatiza a relação de professor e aluno. O ensino “é uma ação deliberada e organizada. Ensinar é a atividade pela qual o professor, através de métodos adequados, orienta a aprendizagem dos alunos” (Haydt, 2008, p.12).

Assim podemos encontrar nos quadrinhos elementos bastante úteis que podem ser utilizados na prática educativa, assim percebe-se que as HQs podem trabalhar concomitante com as varias disciplinas, tornando facilitadores no processo de ensino e aprendizagem (Araújo, Costa & Costa, 2008).

As estratégias que o professor utiliza para atingir os objetivos de aprendizagem podem incluir diferentes recursos (informática, histórias em quadrinhos, audiovisuais, entre outros). Ao utilizar as HQs na educação Araújo, Costa e Costa (2008) mencionam que:

[...]sua aplicação como recurso pedagógico, não existem regras para a sua utilização no âmbito educativo, mas é preciso ter um pouco de conhecimento e criatividade por parte do professor para uma melhor aplicação deste instrumento educativo na sala de aula, sem falar que a seleção do material é de inteira responsabilidade sua [...]. (p.33)

Compreender os componentes da ação didática e metodologia de ensino é essencial para o trabalho do docente, para a mediação do conteúdo aos alunos. Portanto durante sua intervenção em sala de aula o professor deve “por meio de sua interação com a classe, ajudar o aluno a transformar sua curiosidade em esforço cognitivo e passar de um

conhecimento confuso, sincrético, fragmentado, a um saber organizado e preciso” (Haydt, 2008, p.57).

Embora a exploração didática das histórias em quadrinhos no ensino tenham começado de forma tímida, pois eram vistas com desconfiança pelos professores, uma vez que acreditavam que eram responsáveis pela delinquência juvenil além de não estimularem a imaginação e a leitura, tais pontos de vistas já foram suficientemente superados com pesquisas sobre o assunto confirmando as vantagens das mesmas em sala de aula (Oliveira, 2005).

1.5.1 A docência na educação de jovens e adultos - EJA.

Desde a Antiguidade até os dias atuais a educação sempre foi e é vista como prática social integrante na vida dos homens, que socializa a cultura, situa os sujeitos como protagonistas da história e conduz um processo de transformações significativas para o cidadão e para a sociedade. Como modalidade de ensino a EJA assume a responsabilidade por essas mudanças junto a jovens e adultos que, em princípio, foram marginalizados do processo de escolarização (Santos, 2009).

A Educação de Jovens e Adultos apresenta hoje uma “identidade que a diferencia da escolarização regular e essa diferenciação não nos remete apenas a uma questão de especificidade etária, mas, primordialmente, a uma questão de especificidade sócio-histórico-cultural” (Ferrari & Amaral, 2010, p.1).

A EJA foi criada para redimir uma dívida social antiga do Estado Brasileiro, denunciada desde os anos de 1930, junto aos cidadãos que, quando crianças, não tiveram acesso nem domínio da leitura e escrita, assim como dos códigos matemáticos como bens sociais. Ser privado desse acesso é de fato a perda de um instrumento imprescindível para uma presença significativa na convivência social contemporânea e, especialmente, para a superação das desigualdades sociais.

Foi com o Art.- 37 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB 9.394/1996, que a Educação de Jovens e Adultos – EJA foi classificada como uma

modalidade da Educação Básica. Atualmente, a idade mínima para frequentar a EJA é 15 anos para o Ensino Fundamental, e 18 para o Ensino Médio.

Desde as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos (Parecer CEB nº 11/2000), em concordância com a citada LDB, apontam-se três funções da EJA: reparadora (para restaurar o direito a uma escola de qualidade); equalizadora (visando restabelecer a trajetória escolar); qualificadora (de modo a propiciar a atualização de conhecimentos por toda a vida, com destaque à valorização do trabalho como princípio educativo).

Quanto aos professores que atuam em turmas de EJA, afirmam compreender a importância de uma formação contínua. Ainda mais, torna-se necessário “(...) estudar e aprofundar os conhecimentos (...)” e “os cursos superiores e profissionalizantes oferecem a base necessária para o exercício profissional” (Ferrari & Amaral, 2010, p.15).

Corrobora-se seu pensamento quando afirmam que isso não é o suficiente frente aos inúmeros desafios dentro e fora da sala de aula, pondo em evidência a importância da reflexão sobre as práticas e a busca de formas de aprimorar.

Giovanetti (2000) garante que o real objetivo de formação do professor não é apenas melhorar seu discurso, mas sim a qualidade de intervenção do educador, para que esse faça diferença na prática.

1.5.2 O professor, sua formação e competências de ensino na educação de jovens e adultos – EJA

A formação do professor e sua prática docente é uma temática que já vem sendo discutida internacionalmente há muitos anos. No Brasil, desde a década de 1970, o tema vem ganhando relevância na literatura nacional, sendo analisado com maior intensidade neste novo século, já que o professor é o elo mais importante entre o aluno e o conhecimento, visando a sua aprendizagem (Perrenoud, 2002).

Nos últimos anos, os estudiosos da formação docente vêm insistindo na importância do desenvolvimento pessoal e profissional no contexto de trabalho, mediante a formação continuada. Os cursos de formação inicial têm um papel muito importante na construção

dos conhecimentos, atitudes e instrumentalização para a prática pedagógica. Mas é na formação continuada que essa identidade se consolida, uma vez que ela pode desenvolver-se no próprio trabalho (Bosi, 2000).

As abordagens atuais que tratam da formação de professores buscam alterar concepções e práticas positivistas do fazer pedagógico, apontando alguns indicadores via pesquisas sobre a prática reflexiva e o desenvolvimento de competências para ensinar.

Os estudos focam sua análise na aprendizagem permanente, na eficácia profissional e na necessidade de uma prática reflexiva por parte dos docentes, ou seja, a reflexão na ação e a ação na reflexão. O autor evidencia três aspectos interligados na formação docente: necessidade do debate a partir da prática docente; a perspectiva dos professores como docentes reflexivos, ultrapassando a esfera técnica; e a relação teoria e prática na formação de professores (Bosi, 2000).

O professor deve estar em constante processo de formação, ou seja, a formação docente deve ser contínua e não acumulativa, por meio de trabalho de reflexão crítica sobre as práticas e de reconstrução permanente de uma identidade profissional, que não se separa do pessoal.

A formação de professores deve ser construída dentro da profissão, a partir de cinco ações: práticas, profissão, pessoa, partilha e público, combinadas com conhecimentos científicos, pedagógicos e técnicos e ancorada nos próprios professores, especialmente, os mais experientes e reconhecidos pelos alunos (Perrenoud 2002).

O pensamento de Perrenoud (2001), o processo de profissionalização e razão pedagógica do professor dá-se a partir dos saberes docentes, não apenas reacionais para enfrentar a diversidade das situações de trabalho, mas sim de um conjunto de saberes técnicos e didáticos provenientes da sua formação continuada conjugada com sua experiência pedagógica.

Não se pode dissociar as competências do professor e a prática de sala de aula, sendo preciso pensar essa formação. Para tanto, destaca-se a construção de competências profissionais coerentes com a evolução da profissão e do sistema educativo que orienta a formação do professor.

Desse modo, espera-se dos professores uma ação relevante, de modo a elevar a qualidade da educação brasileira, por meio da preparação do aluno para o mundo profissional e o exercício da cidadania participativa, contribuindo dessa forma, para a elevação da capacidade docente em resposta ao sistema escolar em meio às novas demandas sociais.

No caso de alunos da EJA, as atividades de sala de aula estão centradas no professor, havendo pouco espaço para que eles aprendam de outra maneira que não por intermédio do professor. Um aluno pode ensinar ao outro, os alunos podem usar sua criatividade para procurar explicações e soluções para os problemas escolares, refletir, pensar, tentar fazer, refazer etc.(Fonseca, 2010).

Na visão de Cagliari (2010), que trabalhou muitos anos pela educação infantil e agora milita pela Educação de Jovens e Adultos, segmento excluído do sistema educacional, no seio de uma sociedade excludente, aprender é um ato individual: cada um aprende segundo suas próprias capacidades: intelectual, afetiva e motora. A aprendizagem não se processa paralelamente ao ensino. O que é importante para quem ensina, pode não parecer tão importante para quem aprende.

A ordem da aprendizagem é criada pelo indivíduo, de acordo com sua história de vida. Cagliari (2010, p. 89):

No ensino, é muito importante o que se diz; na aprendizagem, o que se faz, mesmo quando o fazer significa dizer. Aprender não é repetir algo que foi ensinado, mas criar algo semelhante, a partir da iniciativa individual de quem aprende. Quando simplesmente se repete um modelo, não ocorre exatamente uma aprendizagem. Ela vai aparecer somente quando a pessoa, por ação própria, conseguir realizar algo de acordo com as expectativas alheias.

A experiência e a mediação docentes são essenciais à aprendizagem do aluno, quando reconstrói o conhecimento. Deve haver um equilíbrio entre os dois tipos de atividade: o professor deve ensinar, caso contrário, as escolas não precisariam existir, pois cada um aprenderia por iniciativa própria.

Nas turmas de EJA, a função do professor é de mediação para a efetiva formação integral do cidadão. Por isso, aprender e ensinar requer uma didática bem trabalhada e planejada, utilizando ferramentas e recursos diversos com a finalidade de orientar os jovens e adultos para uma melhor compreensão do mundo e intervenção nas relações sociais em curso (Soares, 2006).

O docente não é mais aquele que expõe todo o conteúdo aos alunos, mas aquele que fornece as condições necessárias para que o aluno reconstrua o conhecimento de modo independente, mas sob a orientação docente. Nessa função, cabe ao professor fazer explicações, oferecer materiais, textos etc. Além disso, promover a análise das propostas dos alunos e sua comparação, ao disciplinar as condições em que cada aluno pode intervir para expor sua solução, questionar, contestar (Cagliari, 2010).

Quanto ao trabalho docente, ele é fruto de um exercício profissional que se aperfeiçoa continuamente a partir do seu compromisso com luta por uma sociedade justa. Sua responsabilidade é preparar os alunos para se tornarem cidadãos ativos e participantes, inclusive nos campos do trabalho e das tecnologias (Soares, 2006).

1.5.3 A docência na educação de jovens e adultos: especificidades e emancipação

O direito à educação está assegurado na nossa Constituição Federal de 1988, entretanto, as estatísticas exibem um dado alarmante quanto ao baixo índice de escolarização e precaríssima condição de leitura e escrita de grande parte da população brasileira: 60 milhões de brasileiros com quinze anos ou mais que não completaram o ensino fundamental; destes, mais de 14 milhões não sabem ler e escrever; e 30 milhões são considerados analfabetos funcionais (Brasil, 2002).

Esse direito constitucional também é assegurado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9.394/96), na qual a Educação de Jovens e Adultos passa a ser uma modalidade da educação básica, destinada, gratuitamente, àqueles que não tiveram acesso à escola na idade própria, abrangendo os níveis de ensino fundamental e médio. Ressalta-se que o termo modalidade significa que a EJA tem “um perfil próprio, uma feição

especial diante de um processo considerado como medida de referência” (Brasil, 2002, p.26).

No Parecer CNE/ CEB Nº 11/2000, de 10 de maio de 2000, estão dispostas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, obrigatórias para os estabelecimentos oficiais que oferecem essa modalidade na forma de cursos presenciais e semipresenciais. Esse parecer conceitua a EJA como uma promessa de qualificação de vida para todos e define que tal modalidade é composta por três funções, a saber: função reparadora, função equalizadora e função qualificadora.

Na primeira função, à EJA cabe restaurar um direito negado, o direito de uma escola de qualidade e o reconhecimento da igualdade entre os seres humanos; a equalização, proposta na segunda função, se daria através da promoção de maiores oportunidades aos educandos da EJA, com o intuito de que possam se igualar no jogo conflitual da sociedade, e, quanto à terceira função, denominada de função permanente, a qualificação não estaria restrita apenas ao campo profissional e seriam oferecidos aos alunos da EJA conhecimentos ao longo da vida (Soares, 2006).

De acordo com Libâneo (1994, p. 22):

O campo específico de atuação profissional e política do professor é a escola, à qual cabem tarefas de assegurar aos alunos um sólido domínio de conhecimentos e habilidades, o desenvolvimento de suas capacidades intelectuais, de pensamento independente, crítico e criativo. Tais tarefas representam uma significativa contribuição para a formação de cidadãos ativos, criativos e críticos, capazes de participar nas lutas pela transformação social.

No que tange à EJA, especificamente, o documento da última CONFINTEA advoga que:

Em última análise, a aprendizagem e educação de adultos têm como objetivo garantir contextos e processos de aprendizagem que sejam atraentes e sensíveis às necessidades dos adultos como cidadãos ativos. Diz respeito ao desenvolvimento de indivíduos autoconfiantes e autônomos, reconstruindo suas vidas em culturas,

sociedades e economias complexas e suscetíveis a rápidas mudanças – no trabalho, na família, na comunidade e na vida social. (Unesco, 2010, p.17)

Realizando uma profunda análise crítica da cidadania, fundamentada numa abordagem histórico – ontológica, Ivo Tonet (2005), em Educação, Cidadania e Emancipação Humana:

- (i) a origem da cidadania moderna está cronologicamente e ontologicamente relacionada à origem da sociedade capitalista;
- (ii) a emancipação política não é sinônimo de emancipação humana, pois a primeira representa o que se encontra, hoje, na esfera dos 7653 direitos, vinculada organicamente à reprodução do capital, limitada, portanto; já a segunda estaria vinculada à construção de uma sociedade livre;
- (iii) lutar pela cidadania não é o mesmo que lutar por uma efetiva liberdade.

Esta é uma reflexão necessária aos alunos da EJA, os quais, por não terem seus direitos respeitados, são, veementemente, estimulados a lutar por sua “cidadania”, “resgatar” a sua cidadania. Sendo, dessa forma, a educação de adultos vista como uma modalidade que deve formar cidadãos, formar pessoas para o exercício pleno da sua cidadania. Entretanto, ainda com Tonet (2005, p.123), considera-se que:

[...] é uma brutal ilusão querer colocar a educação a serviço da formação de cidadãos, especialmente nos países pobres. Se já nos países ricos a cidadania mais aperfeiçoada implica, por força das coisas, a existência da desigualdade social, isto é muito mais verdadeiro no caso dos países pobres. Nestes últimos educar para a cidadania é formar para uma dupla ilusão: primeira, porque é impossível atingir a plenitude da cidadania; segunda, porque mesmo que isto fosse possível, não levaria à formação de pessoas efetivamente livres.

Assim, ao invés de lutar pela cidadania, Tonet (2005) convida a sociedade a lutar pela emancipação humana, por uma nova sociabilidade, pautada no trabalho associado. E adverte para o fato de que articular educação e cidadania, pensando estar fazendo uma

articulação revolucionária, é uma grande ilusão, visto que, “embora pretendendo apontar para além da sociabilidade capitalista, não ultrapassa os limites impostos por ela” (p. 225).

É preciso valorizar os educandos da EJA, seus saberes prévios, suas inteligências múltiplas, sua vontade de aprender, seus sonhos, necessidades e objetivos. E, para tanto, o professor tem um papel decisivo para fortalecer a autoestima dos educandos e impedir novas situações de fracasso escolar e evasão.

O bom acolhimento e a valorização do aluno, pelo(a) professor(a) de jovens e adultos possibilitam a abertura de um canal de aprendizagem com maiores garantias de êxito, porque parte dos conhecimentos prévios dos educandos para promover conhecimentos novos, porque fomenta o encontro dos saberes da vida vivida com os saberes escolares. (Brasil, 2008, p. 19)

De acordo com Costa e Barreto (2006, p. 20), “em todas as regiões do país, o trabalho é apontado pelos alunos de EJA tanto como motivo para terem deixado a escola, como razão para voltarem a ela”.

Faltam abordagens mais integradas à aprendizagem e educação de adultos para tratar do desenvolvimento em todos os seus aspectos (econômico, sustentável, comunitário e pessoal). Iniciativas voltadas para a promoção da igualdade de gênero nem sempre resultam em programas mais relevantes para a maior participação de mulheres. Da mesma forma, programas de aprendizagem e educação de adultos raramente atendem a necessidades dos povos indígenas, de populações rurais e migrantes. A diversidade dos educandos, em termos de idade, gênero, cultura, status econômico, necessidades específicas (incluindo deficiências) e linguagem, não está refletida no conteúdo dos programas ou nas práticas. (Unesco, 2010, p. 21)

Para dar início a uma discussão sobre esta temática tão polêmica e atual, tomar-se-á como base a Resolução nº 3, de 15 de junho de 2010, na qual estão dispostas as Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos nos aspectos relativos à duração dos cursos e idade mínima para ingresso nos cursos e certificação nos exames,

bem como à Educação de Jovens e Adultos desenvolvida por meio da Educação a Distância.

Tomando como base o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), os adolescentes estariam na faixa dos 12 aos 18 anos, destarte há uma grande inserção dos adolescentes na EJA. Houve, entretanto, um debate acirrado sobre a idade mínima para o ingresso nesta modalidade de ensino. Muitos advogavam que o educando teria que ter, no mínimo, dezoito anos para adentrar na EJA e que, com isso, seria diminuído o número de educandos adolescentes no período noturno (Brasil, 2008).

Segundo o art.5º dessa Resolução:

Para que haja oferta variada para o pleno atendimento dos adolescentes, jovens e adultos situados na faixa de 15 (quinze) anos ou mais, com defasagem idade-série, tanto sequencialmente no ensino regular quanto na Educação de Jovens e Adultos, assim como nos cursos destinados à formação profissional, nos termos do § 3o do artigo 37 da Lei nº 9.394/96, torna-se necessário: I - fazer a chamada ampliada de estudantes para o Ensino Fundamental em todas as modalidades, tal como se faz a chamada das pessoas de faixa etária obrigatória do ensino; II - incentivar e apoiar as redes e sistemas de ensino a estabelecerem, de forma colaborativa, política própria para o atendimento dos estudantes adolescentes de 15 (quinze) a 17 (dezesete) anos, garantindo a utilização de mecanismos específicos para esse tipo de alunado que considerem suas potencialidades, necessidades, expectativas em relação à vida, às culturas juvenis e ao mundo do trabalho, tal como prevê o artigo 37 da Lei nº 9.394/96. (Brasil, 2008, p. 2)

Advoga-se que o pensamento de Freire abrange todos os níveis, etapas e modalidades de ensino, podendo ser utilizado, inclusive, dentro e fora da escola, no entanto, torna-se imprescindível para quem atua no campo da alfabetização de adultos, em especial, para quem já tem uma opção política definida a favor das camadas populares. Destarte, “a atualidade deste pensamento decorre não apenas de sua validade universal, mas do fato de que o contexto histórico de hoje não é radicalmente diferente daquele no qual Paulo Freire desenvolveu suas ideias. (Freire, 1989, p. 16)

Conhecer outras pessoas, apropriar-se de elementos culturais diferentes dos seus, relacionar-se, são ações importantes para o crescimento pessoal de todos nós. É no contato com o outro e na vivência de relações e experiências diversas que enriquecemos nosso modo de ver e agir no mundo. Nesse sentido, a escola desempenha um papel importante: o de proporcionar esse encontro do(a) aluno(a) com as outras possibilidades de relação e de realização pessoal (Costa & Barreto, 2006).

Acredita-se que, embora imensamente limitada e tendencialmente a favor da reprodução do capital, a escola – especialmente através da prática docente - possui uma contribuição inegável à luta das classes subalternas pela sua emancipação.

1.6 NA TEORIA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA NO BRASIL

Com a chegada dos padres jesuítas, vindos nas embarcações dos colonizadores portugueses, se deu o início do processo de educação no Brasil. O sistema jesuítico de ensino foi implantado como uma das formas de dominar os nativos. Tratava-se da aculturação sistemática dos nativos, educação que perdurou por volta de duzentos e dez anos, e que não relegou suas funções como dominadores espirituais, ancorou a sua linha curricular de forma muito competente, fazendo maciço investimento na erudição de seus alunos com o apoio a realeza (Gentil, 2005).

O fim deste sistema de ensino se deu, quando a coroa portuguesa percebeu que o domínio dos jesuítas tinha crescido com o passar do tempo. Contudo, a realeza não se preocupou em manter uma educação de qualidade para os adultos da colônia. Posteriormente, com a chegada da realeza ao Brasil em 1808, constatou-se a necessidade de formar uma nova sociedade que atendesse ao processo de urbanização e industrialização.

No desenvolvimento da sociedade, que começou a ser industrial e urbana, surgiu a necessidade de se ter certo domínio de conhecimento e que se apresentasse algumas habilidades de trabalho, de modo que a escola passou a assumir a função de educar para a vida e para a aprendizagem do trabalho (Gentil, 2005).

Segundo Gentil (2005, p.03), “no ano de 1854 surgiu à primeira escola noturna e em 1876 já existiam 117 escolas por todo o país”. Desde período em diante o termo educação para jovens e adultos se tornou mais comum dentro do parlamento. Já no início do século XX, especialmente na década de 30, as discussões sobre a EJA levaram à inclusão na Constituição de 1934 a gratuidade do ensino e frequência obrigatória dos alunos, incluindo os adultos.

A década de 40 pode ser considerada marcante para a educação de jovens e adultos, visto que houve várias iniciativas políticas e pedagógicas com esse propósito, tais como: regulamentação do FNEP (Fundo Nacional de Ensino Primário), criação do INEP, primeiras atividades voltadas ao supletivo, lançamento da CEAA (Campanha de educação de adolescentes e adultos), 1º Congresso Nacional de Educação de Adultos em 1947 e o Seminário de Interamericano de Educação de Adultos em 1949.

Na década de 50, devido o crescimento das indústrias, foi preciso formar pessoas qualificadas para o trabalho. Porém, no fim dessa década e meados da década de 60 pode-se dizer que a preocupação com a educação de adultos ampliou, levando ao II Congresso Nacional de Adultos, contando com a participação de Paulo Freire que propôs uma educação de adultos que os possibilitassem a interagir com o meio social e político (Giovanetti, 2000).

O que chamou a atenção dos educadores e políticos da época foi o fato de que o método Paulo Freire “acelerava” o processo de alfabetização de adultos. Paulo Freire não estava aplicando ao adulto alfabetizando o mesmo método às crianças (Gadotti, 2006, p.50).

Com isso o método de Freire serviu de inspiração para vários movimentos no campo da educação popular. Contudo, no período do golpe militar Paulo Freire foi exilado e suas propostas “engavetadas”. A coragem de pôr em prática um autêntico trabalho de educação que identifica a alfabetização com um processo de conscientização, capacitando o oprimido tanto para a aquisição dos instrumentos de leitura e escrita quanto para a sua libertação, fez dele um dos primeiros brasileiros a ser exilados (Gadotti, 2006, p. 43).

Neste período a EJA sofreu uma estagnação, pouco se fez. Com a volta da Democracia e com a criação da Constituição Federal de 1988, a EJA ganhou novos

alicerces baseados no Artigo 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: I – ensino fundamental obrigatório e gratuito, assegurado, inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria (Constituição Federal, 1988, apud Gentil, 2005, p. 06).

A partir da Constituição de 1988, a educação de jovens e adultos, em forma de supletivo, passou a ser um direito público, sendo-lhe ofertada obrigatoriamente. Na década de 1990 esta temática passou a ser mais discutida, tendo a educação da população como ferramenta para o desenvolvimento do país. Alfabetizar os adultos e incentivá-los a continuar os estudos é uma forma de garantir o direito à liberdade de expressão e comunicação na sociedade, de forma igualitária, onde todos, sem restrições, possam sentir-se de fato cidadãos interagindo com o meio (Costa & Barreto, 2006).

Cabe ao professor, estimular esses alunos a reconhecerem na educação a ponte para a liberdade, para seu desenvolvimento intelectual perante a sociedade. O educador deve obter recursos didáticos adequados à realidade desses educandos, utilizando sua práxis, que para Paulo Freire era entendida como “ação + reflexão” (Gadotti, 2006, p.48).

1.6.1 Necessidades de metodologias diferenciadas para a EJA

O fato do professor da EJA ter metodologias apropriadas a essa faixa etária é essencial para que ele garanta a permanência desses alunos na escola. Usando técnicas e recursos que os façam sentir parte desse novo mundo, o mundo de conhecimentos e oportunidades. A prática da interdisciplinaridade é uma técnica que pode contribuir para esse objetivo, visto que relaciona os conhecimentos de áreas distintas de uma forma global (Giovanetti, 2000).

O objetivo fundamental da interdisciplinaridade é experimentar a vivência de uma realidade global, que se inscreve nas experiências cotidianas do aluno, do professor e do povo e que, na escola tradicional, é compartimentizada e fragmentada. Articular saber, conhecimento, vivência, escola, comunidade, meio ambiente e etc. É o objetivo da interdisciplinaridade, que se traduz, na prática, por um trabalho coletivo e solidário na organização do trabalho na escola (Gadotti, 2006).

A interdisciplinaridade é um recurso didático que proporciona um conhecimento mais amplo ao educando, levando-o a interagir com o meio, opondo-se à educação tradicional onde tudo é fragmentado. Visto que não se trata apenas de uma metodologia ou de uma atitude do professor. Mas sim de uma exigência da própria vivência do ato pedagógico (Souza, 2013).

Percebe-se que o professor em questão utiliza as teorias piagetianas em sua prática pedagógica, onde “o conhecimento é construído na interação do sujeito com o meio que o envolve. Dá-se pela ação do sujeito sobre os objetos, acontecimentos ou pessoa”. (Trivinos, 2012, p.37).

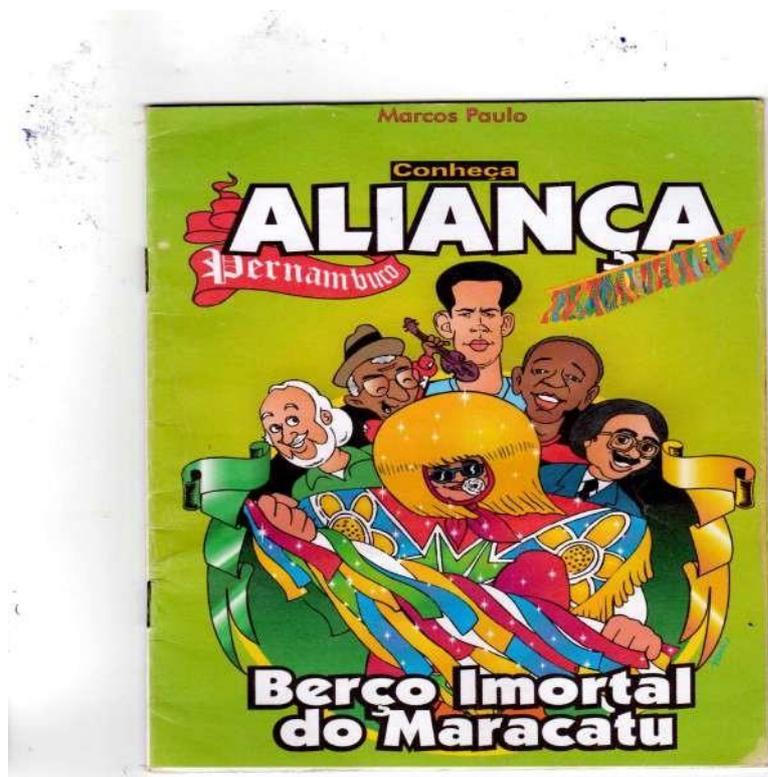
Segundo Paulo Freire (1989), o professor é apenas um ajustador do aluno em relação à alfabetização (aprendizagem), esse aluno é quem deve criar o saber, criar no sentido de fazer a alfabetização de dentro pra fora. Esse saber não tem de ser entendido como algo que é posto ou doado pelo professor ao aluno. Em razão disso, procura-se método capaz de fazer instrumentos tanto do professor quanto do aluno e que identifique o conteúdo da aprendizagem, ou seja, o conteúdo quando relacionado com a realidade do mesmo oferece muito mais sentido do que cartilhas que fazem o analfabeto mais à condição de objeto do que de sujeito.

Um problema visto na prática é o uso de materiais didáticos e metodologias inadequadas que vem se arrastando desde a década de 70 e isso proporciona a alienação do educando. O melhor método é utilizar o próprio aluno, acreditando na sua capacidade de pensar e refletir, fazendo com que ele mesmo acredite nisso, assim ele entende sua função social no lugar e no tempo (Vergueiro, 2010).

Que a educação seja o processo através do qual o indivíduo toma a história em suas próprias mãos, a fim de mudar o rumo da mesma. Como? Acreditando no educando, na sua capacidade de aprender, descobrir, criar soluções, desafiar, enfrentar, propor, escolher e assumir as consequências de sua escolha. Mas isso não será possível se continuarmos bitolando os alfabetizando com desenhos formulados para colorir, com textos criados por outros para copiarem, com caminhos pontilhados para seguir, com histórias que alienam, com métodos que não levam em conta a lógica de quem aprende (Araújo, 2007).

O conhecimento que o educando traz de fora da sala de aula é mais importante para o seu aprendizado quando relacionado com o conteúdo de modo a torná-lo crítico e reflexivo na sociedade, considerando tanto sua comunidade em sua volta quanto o mundo como um todo. Esse conhecimento que o professor aproveita em sala de aula deixa a aula contextualizada. A figura 3 apresenta a história em quadrinhos para alunos da EJA.

Figura 3: História em quadrinhos para alunos da EJA



Fonte: Dados da pesquisa

A figura 4 demonstra como a história em quadrinhos pode ser utilizada pelo docente em sala de aula como recurso didático em sua disciplina.

Figura 4: História em quadrinhos como recurso didático



Fonte: Dados da pesquisa

CAPÍTULO 2. MARCO METODOLOGICO

Os caminhos de uma investigação científica são de fundamental importância para o pesquisador, onde este é sujeito do processo e que de certa forma durante a pesquisa cria e recria conhecimento.

Seria oportuno então dizer que ao se trilhar uma metodologia da investigação científica, tem-se a possibilidade de aprender como se faz pesquisa e assim portanto, trazer conhecimentos para a sociedade em suas dimensões educacional, escolar e científica.

Nesse contexto o tema da presente pesquisa é:

A HISTÓRIA EM QUADRINHOS COMO ALTERNATIVA DIDÁTICA PARA AS TURMAS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA ESCOLA MUNICIPAL IV CENTENÁRIO DE GOIANA – PE, NO BRASIL NO ANO DE 2020.

2.1 PROBLEMA

O problema a partir deste perspectiva é: As histórias em quadrinhos contribuem como alternativa didática para a comunicação e pensamento visual nas turmas de jovens e adultos da EJA?

2.2 OBJETIVOS DE PESQUISA

A formulação dos objetivos de investigação é um dos passos fundamentais para a construção da pesquisa e desenvolvimento para o alcance dos resultados.

Segundo Campoy (2018), os objetivos devem dar respostas ao que a investigação consiste em definir de forma clara e concisa que é o que se pretende obter e que faz com que os resultados sejam alcançados na investigação.

Elaborou-se a partir da questão norteadora os objetivos de pesquisa que são:

2.2.1 Objetivo geral:

Analisar a história em quadrinhos como alternativa didática para comunicação e pensamento visual nas turmas de Educação de Jovens e Adultos na Escola Municipal IV Centenário em Goiana, PE no Brasil.

2.2.2 Objetivos específicos:

- Conceituar a história em quadrinhos;
- Verificar as práticas pedagógicas adotadas pelos docentes da Educação de jovens e adultos – EJA;
- Descrever as técnicas de ensino aplicadas em sala de aula no processo de ensino e aprendizagem;
- Analisar o uso da história em quadrinhos como técnica didática em turmas acima da faixa etária de 15 anos

2.3 CONTEXTO DE INVESTIGAÇÃO- A ESCOLA LÓCUS DE PESQUISA

Escola Municipal IV Centenário situada na Rua do Tanquinho, S/N na cidade de Goiana – PE, no Brasil. É formada por 482 alunos distribuídos nos turnos da manhã e da tarde, oferecendo ensino Fundamental I e II e dispendo de 22 professores, 18 funcionários, uma Gestora e uma Vice Gestora. O prédio ainda dispõe de 11 salas de aula, 1 cozinha, uma sala de secretaria e direção, uma sala de professores, uma quadra coberta, uma sala de professores, quatro banheiros e dois pátios internos.

2.4 DELIMITAÇÃO GEOGRÁFICA

Figura 5: Mapa de Pernambuco



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Goiana_in_the_map_of_Pernambuco.JPG

O projeto de pesquisa foi desenvolvido em uma escola municipal de Goiana – Pernambuco – Brasil.

Inicialmente habitada por índios Caetés e Potiguares, a fundação do município de Goiana é anterior a 1570. Marcada por um rico passado histórico, a cidade foi a primeira no Estado a declarar extinto o regime de escravidão, antes mesmo da Lei Áurea. Nela, também aconteceu, a Epopeia das Heroínas de Tejucupapo. Este último acontecimento teve início em 1645, quando invasores holandeses, ameaçados pela Insurreição Pernambucana, liderada por André Vidal de Negreiros, refugiaram-se no Forte Orange, em Itamaracá. Cercados pelas tropas insurretas, os holandeses se viram impedidos de sair em busca de alimentos. Com a fome e a umidade do local, foram acometidos pelo escorbuto, doença causada pela falta de vitamina C no organismo.

A solução era ir até a Vila de Tejucupapo, em Goiana, onde os cajueiros da região, que eram utilizados como remédio para a doença, estavam em fase de frutificação. Comandados pelo Almirante Lichthant, cerca de 600 holandeses partiram, pelo mar, em direção ao local. Para se defenderem da invasão, os cem homens que habitavam Tejucupapo montaram uma trincheira, levando mulheres e crianças para a luta.

Durante o confronto, 23 holandeses foram mortos, despertando a fúria dos inimigos. Percebendo a superioridade holandesa, Maria Camarão, de crucifixo em punho, percorreu a vila convocando as mulheres a pegarem em armas e ajudarem os homens na luta contra as tropas inimigas.

No dia 24 de abril de 1646, munidas de paus, pedras, panelas, pimenta e água fervente, as mulheres de Tejucupapo venceram os holandeses que ameaçavam suas terras e famílias. O episódio marcou a história brasileira como uma das poucas batalhas a envolver a participação coletiva de mulheres. Para obter mais informações sobre esse evento, visite esse site sobre um filme que mostra a (Epopéia das Mulheres de Tejucupapo).

Administrativamente, o município é formado pelos distritos sede, Ponta de Pedras e Tejucupapo, além dos povoados de Frecheiras, Melões, Gambá, Ibeapicu, Barra de Catuama, Atapuz, Carne de Vaca, São Lourenço e Carrapicho.

Anualmente, no dia 05 de maio Goiana comemora a sua Elevação à Categoria de Cidade.

As terras do município foram habitadas, antes da presença dos brancos civilizados, pelos índios Potiguaras, Tabajaras e Caetés. Os colonizadores chegaram, provavelmente, em 1534.

Goiana inicialmente se localizou no lote doado por El Rei de Portugal a Pero Lopes de Souza, fazendo parte, assim, da Capitania de Itamaracá. Como a povoação situada no vale do Rio Goiana, que é formado pela confluência dos rios Capibaribe-Mirim e Tracunhaém, passou a se destacar na segunda metade do século XVI, quando foram fundados os primeiros engenhos, apesar da hostilidade dos índios Tabajaras e Caetés, que viviam na região.

Alguns desses engenhos foram destruídos pelos indígenas de fato que motivou a organização de expedições de conquistas compostas de portugueses vindos da Paraíba.

Durante o século XIX as atividades comerciais tiveram grande importância no município, graças ao movimento do seu porto, através do qual eram escoadas as mercadorias provenientes do interior.

O topônimo do município aparece pela primeira vez nos catálogos em 1592, com o nome de aldeia de Gueena. O mesmo documento, em 1606, registra-o com a grafia modificada para Goyana e, finalmente Goiana.

Alguns estudiosos dizem que Goiana é palavra de origem da língua tupi e significa: gente estimada. Outros filólogos divergem e dizem ter o significado de: mistura ou parente, em 1627 foi definido como sendo: porto ou ancoradouro.

2.5 DESCRIÇÃO DO LOCAL DA PESQUISA

O Distrito criado com a denominação de Goiana, em 1568. Elevado à categoria de vila com a denominação de Goiana, por provisão Régia de 15-01-1685.

Elevado novamente à categoria de vila com a denominação de Goiana, em 06-10-1742. Elevado à categoria de cidade e sede do município com a mesma denominação, pela lei provincial nº 86, de 05-05-1840. Pela Lei provincial n 461, de 20-05-1859, é criado o distrito de Nossa Senhora do Ó e anexado ao município de Goiana. Pela lei municipal nº 28, de 07-07-1896, é criado o distrito de Goianinha e anexado ao município de Goiana.

Por Alvará de 16-12-1785 é criado o distrito de Tejucupapo e anexado ao município de Goiana. Pela lei municipal nº 11, de 24-11-1892, é criado o distrito de Ponta de Pedras e anexado ao município de Goiana. Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, o município é constituído de 5 distritos: Goiana, Goianinha, Nossa Senhora do Ó, Tejucupapo e Ponta de Pedras. Pela lei municipal nº 129, de 27-09-1912, é criado o distrito de Areias e anexado ao município de Goiana.

Pela lei estadual n 1931, de 11-09-1928, desmembra do município de Goiana o distrito de Nossa Senhora do Ó. Para formar o novo município de Aliança. Em divisão administrativa referente ao ano de 1933, o município é constituído de 5 distritos: Goiana, Goianinha, Areias, Tejucupapo e Ponta de Pedras. Pelo decreto-lei estadual nº 952, de 31-12-1943, o distrito de Goianinha passou a denominar-se Condado e o distrito de Areias a denominar-se Itaquitinga.

No quadro fixado para vigorar no período de 1944-1948, o município é constituído de 5 distritos: Goiana, Condado ex - Goianinha, Itaquitinga ex - Areias, Ponta de Pedras e

Tejucupapo. Em divisão territorial datada de I-VII-1950, o município é constituído de 5 distritos: Goiana, Condado, Itaquitinga, Ponta de Pedras e Tejucupapo.

Pela lei estadual nº 3340, de 31-12-1958, desmembra do município de Goiana o distrito de Condado. Elevado à categoria de município. Assim permanecendo em divisão territorial datada de I-VII-1960. Pela lei estadual nº 4950, de 20-12-1963, desmembra do município de Goiana, o distrito de Pontas de Pedra. Elevado à categoria de município.

Pela lei estadual nº 4962, de 20-12-1963, desmembra do município de Goiana o distrito de Itaquitinga. Elevado à categoria de município. Em divisão territorial datada de 31-XII-1963, o município é constituído de 2 distritos: Goiana e Tejucupapo. Pelo acórdão do tribunal de justiça, mandado de segurança nº 57098, de 27-08-1964, o município de Pontas de Pedra é extinto, sendo seu território anexado ao município de Goiana. Em divisão territorial datada de I-I-1979, município é constituído de 3 distritos: Goiana, Ponta de Pedras e Tejucupapo. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2005.

Figura 06: Escola Municipal IV Centenário



Fonte: <https://globoplay.globo.com>

A Escola Municipal IV Centenário teve uma construção iniciada na administração do Sr. Prefeito **Lourenço Albuquerque Gadelha** e foi concluída pelo Interventor **Dr. Hélio José de Albuquerque Melo** no dia 26 de setembro de 1969, Lei Municipal nº137 /69. Mantida pela Prefeitura Municipal de Goiana, está localizada à Praça Benigno Pessoa Araújo Filho na sede deste Município, na Rua do Toquinho s/nº, em prédio próprio.

Começou a funcionar em 1969 e foi até 1974 sob a Portaria nº 85 art. 1º do Decreto Federal nº 59.157 de 1º de setembro de 1966 combinado com o artigo 102 da Lei 5692 de 15 de outubro de 1965, ouvindo o departamento de Educação Média RESOLVE: conceder autorização de funcionamento do 1º e 2º Ciclo Normal. Diário Oficial de 15.01.1971 com o nome COLÉGIO MUNICIPAL IV CENTENÁRIO.

O seu nome foi homenagem aos quatrocentos anos da cidade de Goiana. No ano de 1974 segundo a portaria nº 613 foi autorizado o funcionamento do curso de Primeiro e Segundo Graus, com habilitação em magistério de 1ª a 4ª série e Técnico em Secretariado, com efeito, a partir de 1º de janeiro de 1974, daí mudança do seu nome para a ESCOLA MUNICIPAL DE 1º E 2º GRAUS IV CENTENÁRIO. Diário Oficial de 21/03/1975.

Tivemos também o curso de 2º graus aprofundamento em estudos gerais, reconhecido pelo port. SE nº 868 de 27 de fevereiro de 1989, de acordo com o artigo 24, da Resolução nº24 de 20.11.1985 do CEE Cadastro Escolar Municipal nº 156005. No ano de 1993 foi extinto o curso de magistério.

No ano 2000 foi extinto o curso de Técnico em Secretariado, causando grande perda para a escola. No ano 2000 houve uma nova denominação. A nossa Escola passou a ser ESCOLA MUNICIPAL IV CENTENÁRIO, baseada na portaria 1303 de 16.03.2000 D.O. de 23.03.2000 Cadastro Escolar nº156005.

A escola é reconhecida pela portaria 1644 de 25.02.81 D. O. de 27.02.81.

A escola atualmente oferece o Ensino Fundamental anos finais do 6º ao 9º ano. Atende a 475 alunos possui 13 salas de aulas 01 coordenação, 01 sala de direção, Secretaria 02 arquivos, Biblioteca e Quadra de Esportes. Funciona nos 02 turnos: manhã e tarde. Atende a comunidade de Nova Goiana, Flecheiras, Nova Terra, Bela Vista e Mutirão. O método de ensino: Eclético. A característica econômica é média baixa.

Atualmente temos como gestora Maria de Fátima Morais de Oliveira Martins, vice gestora a professora Veronica Silveira de Lima Ferreira, supervisora pedagógica: Maria Felix dos Santos e secretária: Felícia Luis Mariano dos Santos, com um quadro de 14 funcionários e 23 professores.

Atuaram como Diretores desta Escola os Srs.:

1. Paulo Gemir Baracho
2. Dr. Charles William Mocok
3. Marcelino Barbosa
4. José Aragão da Silva
5. Ana Emília Andrade do Nascimento
6. José Nascimento
7. Edjanete Maria Valença da Silveira
8. Rubia Cardosos Tavares
9. Fernando Silva
10. Conceição de Souza Barbalho
11. Sinezio Monteiro
12. Luiz Pretrelo Marinho
13. Arnaldo Lopes Ferreira Braga
14. Pedro Vieira da Silva
15. Valter de Jesus Leite de Brito
16. Leidinaide Maria Rodrigues
17. Rosa Maria de Lima
18. Anna Karina Pessoa
19. Valdemir Joaquim de Santana
20. Paulo Fernando de Andrade

2.6 SUJEITOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada em duas turmas da (EJA) do turno da tarde, a saber; 3º Fase da EJA que corresponde aos 6º e 7º Anos e a 4º da Fase da EJA que corresponde aos 8º e 9º

Anos. Na Escola Municipal IV Centenário da cidade de Goiana -PE, no Brasil perfazendo um total de 08 professores participantes.

Logo, entendemos que os participantes da presente pesquisa foram de todos os professores da escola que atuam nas turmas da EJA. Todos contribuíram de forma significativa nos dados para esta pesquisa (questionário aplicado).

Foi agendado o horário para não interromper o horário de aulas e os questionários abertos foram entregues para que os mesmos pudessem responder a as perguntas elaboradas. Este momento de coleta de dados, foram realizados na escola nos horários dos intervalos dos docentes.

O Quadro 1 demonstra a caracterização dos participantes que foram todos os professores lotados na escola que atuam nas séries da EJA. Todos aceitaram participar, não houve nenhum docente que se recusasse.

Quadro 1 – Caracterização dos participantes da entrevista.

Participantes	Gêneros	Idade	Formação / especialização	Tempo de serviço
Professor 01	F	62	Letras e pós-graduação em metodologia do ensino superior.	22 anos
Professor 02	M	54	História e pós-graduação – História	12 anos
Professor 03	F	46	Letras e pós-graduação – linguística aplicada na língua portuguesa.	13 anos
Professor 04	F	50	Matemática e pós-graduação: matemática.	22 anos
Professor 05	F	41	Biologia e pós-graduação: psicopedagogia	12 anos
Professor 06	M	42	Ciências e pós-graduação: Biologia.	11 anos
Professor 07	M	62	Pedagogia / Direito/ Teologia e pós-graduação em Pedagogia Afirmativa	33 anos
Professor 08	M	56	Pós-graduação exercício físico aplicado na reabilitação cardíaca.	31 anos

Fonte: Autoria própria. Utilizou-se da abreviação **F** para feminino; e **M** para masculino

2.7 DESENHO DA INVESTIGAÇÃO

Quadro 2 - Desenho de investigação

<p>Tema: A HISTÓRIA EM QUADRINHOS COMO ALTERNATIVA DIDÁTICA PARA AS TURMAS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA ESCOLA MUNICIPAL IV CENTENÁRIO DE GOIANA – PE, NO BRASIL NO ANO DE 2021</p>
<p>Objetivos Geral:</p> <p>Analisar a história em quadrinhos como alternativa didática no processo de comunicação e pensamento visual nas turmas de Educação de Jovens e Adultos na Escola Municipal IV Centenário em Goiana- PE, Brasil</p>
<p>Objetivo Específicos:</p> <p>1 – Conceituar a História em Quadrinhos (HQ).</p> <p>2 – Verificar as práticas pedagógicas adotadas pelos docentes da Educação de Jovens e Adultos (EJA).</p> <p>3 – Descrever as técnicas de ensino aplicadas em sala de aula no processo de ensino aprendizagem.</p> <p>4 – Analisar o uso da História em Quadrinhos como técnica didática em turmas acima da faixa etária de 15 anos.</p>
<p>Sujeitos da pesquisa: 08 Professores</p>
<p>Técnicas de coleta de dados:</p> <p>-Análise documental: PPP –Projeto Político Pedagógico da escola</p> <p>-Questionário aberto</p>
<p>Metodologia:</p> <p>- Enfoque Qualitativo</p> <p>-Tipo Descritivo.</p>

Fonte: Autoria própria

2.8 ETAPAS DA PESQUISA

Um dos primeiros passos dados foi endereçar um ofício com uma declaração em anexo à Direção da escola, comunicando e ao mesmo tempo solicitando autorização para a realização de processo investigativo da tese.

Como uma das primeiras etapas da presente pesquisa, se deu na observância do espaço escolar no mês de março de 2019. Pelo fato de ser professor lotado na referida escola, foi possível visitar o ambiente que era alvo da minha investigação e analisar exatamente o que gostaria de pesquisar a partir de meus objetivos de investigação, traçar as perguntas para meu questionário aberto. Esses dados qualitativos são a base para esta pesquisa.

Ao observar a prática pedagógica dos professores nas suas respectivas salas de aula, pude perceber a importância de o professor dispor nas turmas da EJA, livros didáticos e paradidáticos para favorecer o aprendizado dos seus alunos. Essa fase se estendeu até o início de abril.

Como segunda etapa da presente investigação, pude dar início ao final de abril até o final de maio de 2019, onde pude realizar a análise do PPP da escola – para a análise documental e coletar as informações para os resultados da pesquisa. Após a análise documental, foi feita as perguntas abertas ao questionário, o qual foi entregue aos docentes que atuam na EJA, e que responderam em dias alternados em seu horário de intervalo.

Todos os professores participantes da escola, assinaram um Termo de Livre Consentimento e Esclarecimento para participarem da pesquisa como também tomaram ciência acerca do sigilo de todas as informações fornecidas durante todo o processo de investigação.

2.9 TIPO DE ESTUDO

O Estudo aqui proposto é do **tipo descritivo**.

Trivinos (2012) afirma que a maioria dos estudos que se realizam no campo da educação é de natureza descritiva e que exigem do pesquisador uma série de informações sobre o que se deseja pesquisar e ainda corrobora dizendo que:

O foco essencial destes estudos reside no desejo de conhecer a comunidade, seus traços característicos, suas gentes, seus problemas, suas escolas, seus professores, sua educação, sua preparação para o trabalho, seus valores, os problemas de analfabetismo, a desnutrição, as reformas curriculares, os métodos de ensino, o mercado ocupacional, os problemas adolescentes, etc. (Trivinos, 2012, p. 110)

As pesquisas descritivas têm como finalidade principal a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas aparece na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados. Esse tipo de pesquisa (MINAYO, 2009).

Diante das incursões apresenta-se o **Paradigma Interpretativo** que objetiva adentrar no mundo das pessoas, e analisar a subjetividade de um contexto social vivido e percebido na vida humana percebendo uma descrição ideográfica, relacionando as percepções e os dados coletados e investigados e também entendendo a forma com que estes elementos constituintes da pesquisa se individualizam.

A presente pesquisa seguirá o modelo em que o pesquisador observa, registra, analisa e correlaciona fatos.

2.10 DESENHO

O trabalho **não será experimental** porque não se vai manipular variáveis, se vai observar de forma natural. De corte **transversal** ou transicional, pois os dados serão coletados em um momento único.

2.11 ENFOQUE DE INVESTIGAÇÃO

A partir dos pressupostos elencados na metodologia de pesquisa que vem sendo detalhada acima, esta investigação adota o enfoque **QUALITATIVO**. A pesquisa será realizada numa abordagem qualitativa.

Segundo Campoy (2018, p.259), quando se utiliza la investigación cualitativa:

- Para conocer um hecho, um fenómeno a ser explorado.
- Cuando el objetivo de la investigación es desarrollar una comprensión de um fenómeno de forma profunda y com gran detalle.
- Cuando se dispone de tempo y recursos necessários.
- Cuando el investigador se involucra em la investigación.
- Cuando sea difícil cuantificar los resultados.

Para Minayo (2011) a **pesquisa qualitativa** trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, do processo dos fenómenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Esta não se preocupa com dados numéricos, todavia não descarta a oportunidade de descrevê-los, analisá-los e portanto assim emitir uma descrição de tal contexto de forma a compreender um grupo social. Os pesquisadores qualitativos recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa (Goldenberg, 1997, p. 34).

Nesses termos todos os alcances, a nível de respostas obtidas em questionário aberto, bem como a análise documental serão subsidiados pela perspectiva acima citadas e descritas na técnica de coleta de dados.

CAPÍTULO 3. TÉCNICAS E INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Para alcançar os objetivos propostos e assim, portanto responder à questão problema lançada para esta investigação, a técnica de coleta de dados está organizada por objetivo de pesquisa.

Sugundo Campoy (2016, p.325) “El cuestionário abierto es aquel que solicita una respuesta libre y provova respuestas de mayor profundidad sin delimitar de antemano las alternativas de respuesta que son redactadas por el propio sujeto”.

A pesquisa utilizou como instrumento o questionário aberto para representar uma resposta livre dos docentes que atuam na EJA, de modo que eles estavam livres para responder como mais profundidade e assim, fornecerem maiores informações sobre os objetos pesquisados, pois as respostas ficam amplas.

El cuestionario como técnica de recogida de datos puede ser muy útil a la investigación cualitativa. Pero, para el, es necesario que en su elaboración y administración se respeten algunas exigências fundamentales. Así, en su forma de presentación, el cuestionario abierto deja espacio en cada una de las preguntas, para que el sujeto escriba sus respuestas. En función de los objetos de investigación muy importantes para hacer buenas preguntas una vez estructurado y diseñado debe someterse a una prueba piloto, con reducido número de sujetos, a fin de determinar como funciona las preguntas e introducir pequeños cambios o reajustes si fuera necesario. (Campoy, 2018, p.325)

Foi realizada a análise documental a partir dos documentos da escola como o projeto Político Pedagógico- PPP, como fonte de informações para sistematizar a coleta de dados desta investigação.

A análise documental foi realizada na escola de pesquisa a qual tive que me dirigir por dias para analisar o PPP da escola sempre no horário de funcionamento, pois este documento não pode ser retirado do local, fiz as anotações necessárias do livro e no mesmo momento devolvia à direção escolar.

Segundo Campoy (2018) a análise documental é uma técnica qualitativa de natureza semiótica que tem por objetivo a coleta das informações que permitem registrar as fontes, organizar, sistematizar as ideias, conceitos e dados para os objetos de estudo e ou problemas da investigação. As características da investigação de análise documental é o armazenamento das informações e acesso a mesma, de forma que tenha o máximo de dados (Tradução minha).

Do PPP foram retiradas as informações válidas sobre todas as questões referentes ao meu tema vigente e anotações relevantes para inserir como coleta de dados.

Para Campoy (2016, p. 327) las ventajas y limitaciones de este tipo de técnica destacan los siguientes:

- No hay sesgo del entrevistador, pues no es necesaria su presencia.
- Menor tiempo en su aplicación en relación a la entrevista en profundidad.
- Ahorra personal, tanto en adiestramiento como en trabajo en campo.
- Se dispone de más tiempo por lo que las respuestas son más pausadas y permite reflexionar.
- Su aplicación permite hacerse de forma colectiva in situ y posterior recogida.

Quadro 3 -Esquematização da Coleta de dados

Objetivo de Pesquisa	Instrumento de Coleta de Dados
Conceituar a História em Quadrinhos (HQ).	Questionário aberto
Verificar as práticas pedagógicas adotadas pelos docentes da Educação de Jovens e Adultos (EJA).	Análise documental

Avaliar se as técnicas de ensino aplicadas em sala de aula estimulam o processo de ensino aprendizagem	Questionário aberto Análise Documental
- Diagnosticar o uso da História em Quadrinhos como técnica didática em turmas acima da faixa etária de 15 anos	Questionário aberto

Fonte: dados da pesquisa

3.1 VALIDAÇÃO DOS INSTRUMENTOS

O esquema de perguntas que fora utilizado na composição da estrutura do questionário para coletar dados durante o meu trabalho de pesquisa foi posto para apreciação dos professores especialistas.

O material elaborado como formulário próprio para a validação de instrumentos, consta cópia no apêndice. E nele vai fugurar todas as suas impressões em forma de avaliação referente a qualidade de técnica, clareza e coesão das questões propostas quanto aos objetivos apresentado. Os referidos avaliadores ficaram a vontade para apresentarem correções, melhorias e sugestões.

A presente pesquisa primou pelos meios de proteção e bem estar do pesquisado, garantindo a sua integridade como resguardou também a todos que ofereceram as suas valiosas contribuições para a presente pesquisa.

Assim sendo, utilizamos nestes instrumentos de pesquisa conteúdos moralmente aceitos, com padrões considerados corretos pela sociedade, tendo credibilidade frente à comunidade acadêmica e garantia quanto a sua utilização.

Após a elaboração dos instrumentos de coleta de dados, estes instrumentos serão validados e em seguida aplicado a prova piloto.

O processo de validação foi realizado por 04 doutores em Ciências da Educação, que após a análise das questões propostas por objetivo de investigação este foram aplicados a alguns profissionais que não participarão da pesquisa, ou seja, não fazem parte

da população elegida para a presente investigação, mas que permitirão ao investigador perceber se eles compreendem as questões formuladas, o que seria então a prova piloto. Neste sentido:

A validação é o processo de examinar a precisão de uma determinada predição ou inferência realizada a partir dos escores de um teste. Validar, mais do que a demonstração do valor de um instrumento de medida, é todo um processo de investigação. O processo de validação não se exaure, ao contrário, pressupõe continuidade e deve ser repetido inúmeras vezes para o mesmo instrumento. Valida-se não propriamente o teste, mas a interpretação dos dados decorrentes de um procedimento específico. A cada aplicação de um instrumento, pode corresponder, portanto, uma interpretação dos resultados. (Pinheiro, 2009, p. 87)

3.2 LOCAL E ANO DA OBTENÇÃO DAS INFORMAÇÕES

As aplicações dos questionários abertos aconteceram conforme local e horário antecipadamente combinado com o grupo de professores dos turnos da manhã e da tarde da Escola Municipal IV Centenário, sendo sugerido o momento para a coleta dos dados, o ambiente dos professores em seus horários de intervalo. Todos os procedimentos de coleta foram efetuados durante o ano de 2019 e também em 2020, que devido a pandemia, houve uma intercorrência para a efetivação das visitas à escola. Porém a parte da coleta de dados já estava sendo executada e neste momento fiz as análises dos resultados e a estruturação da dissertação.

É importante dizer que foi realizado com todos os professores que dão aulas nas turmas da EJA, todos contribuíram com a coleta de dados a partir dos questionários.

3.3 COLETA DAS INFORMAÇÕES

Levando em consideração a coleta dos dados foi realizada pelo investigador da pesquisa, que se dirigiu à escola ora em tela com os documentos de identificação e de

declaração de apresentação ao Diretor, a declaração aborda os motivos da pesquisa em busca das informações para aplicação dos instrumentos.

Para esta pesquisa foram utilizados questionário, registro e análise de documentos como PPP da escola.

CAPÍTULO 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Análise documental- Projeto Político Pedagógico PPP

Analisar as metas do projeto político pedagógico da escola - PPP através de material disponível na secretaria da escola, diários de classe e planejamento das professoras.

Quadro 04: PPP- Projeto Político Pedagógico

META	AÇÕES
1º Procurar conhecer melhor o aluno	Instigar os professores no sentido para realizar avaliações diagnóstica contínua considerando todo o tempo de permanência e atuação do aluno em sala de aula em consonância com o comprometimento e participação dos pais na educação de seus filhos.
Dar mais apoio didático/pedagógico aos professores.	Buscar na Secretaria da Educação apoio didático como: livros acadêmicos, jogos de salas e trabalho de conscientização de supervisores para o cumprimento para o cumprimento de seus deveres.
Organizar cronograma das atividades escolares previstas para o semestre.	Responsabilizar o Departamento de Ensino da Secretaria de Educação e Inovação para manter a presença constante de Assessores e Orientadores Pedagógicos em nossa escola no intuito, de realizar o trabalho.
1º Procurar conhecer melhor o aluno	Instigar os professores no sentido para realizar avaliações diagnóstica contínua considerando todo o tempo de permanência e atuação do aluno em sala de aula em consonância com o comprometimento e participação dos pais na educação de seus filhos.

<p>Dar mais apoio didático/pedagógico aos professores.</p>	<p>Buscar na Secretaria da Educação apoio didático como: livros acadêmicos, jogos de salas e trabalho de conscientização de supervisores para o cumprimento para o cumprimento de seus deveres.</p>
<p>Organizar cronograma das atividades escolares previstas para o semestre.</p>	<p>Responsabilizar o Departamento de Ensino da Secretaria de Educação e Inovação para manter a presença constante de Assessores e Orientadores Pedagógicos em nossa escola no intuito, de realizar o trabalho.</p>
<p>2º Articular o trabalho pedagógico e as disciplinas inseridas na grade curricular.</p>	<p>Propor reunião bimestral com orientador, superior e corpo docente da escola para refletir e planejar conteúdos e atividades escolares para o bimestre.</p>
<p>Gerenciar os recursos financeiros da escola de forma participativa.</p>	<p>Convocar sempre o Conselho Escolar para executar a função deliberativa, no sentido aprovar. Discutir e votar sobre assuntos pertinentes às ações da escola nos âmbitos administrativos, pedagógico e financeiro.</p>
<p>Voltar o uso do boletim (com pagamento do mesmo) caso ocorra o extravio e se queira a 2º via.</p>	<p>Informar aos pais e alunos que a escola estará enviando o histórico de notas e frequências dos alunos para que os responsáveis possam ter maior conhecimento e controle da vida escolar de seus filhos:</p>
<p>Caderno de advertências constando anotações de advertências do aluno, assinada pelos responsáveis, onde o aluno tendo no máximo (três advertências) dependendo do caso o aluno poderá sofrer expulsão da escola.</p>	<p>Informar sempre aos pais ou responsáveis as ações ocorridas na escola pelo aluno e advertir das possíveis consequências.</p>
<p>O aluno que sair de sala de aula sem permissão do professor, só entrará na escola (no dia seguinte) com pais ou responsáveis.</p>	<p>Direcionar as atividades pedagógicas dos alunos sem interferências que possam impedir o desempenho dos mesmos.</p>
<p>O aluno que for pego em ato de vandalismo deve ser punido: os pais devem ser informados e pagarem o que for depredado.</p>	<p>Inibir a ação do vandalismo escolar e instruir para uma melhor formação do cidadão.</p>

<p>Inibir o acesso dos pais direto à sala de aula.</p>	<p>Evitar o contato imediato entre o aluno / professor evitando possíveis constrangimentos (os pais ou responsáveis devem passar primeiro pela direção).</p>
<p>Cumprimento do horário de entrada na sala de aula pelos alunos / professores e demais funcionários.</p>	<p>Fazer uma ação entre pais e alunos que o aluno tem obrigação de ir fardado todos os dias para a escola, e , a entrada do mesmo sem a farda só com a presença de um responsável com justa causa.</p>
<p>Proibir o uso de boné dentro das dependências da escola.</p>	<p>Verificação constante para que os alunos e funcionários não usem boné (o uso do boné muitas vezes dificulta o conhecimento da sua identidade).</p>
<p>Fazer o termo de responsabilidade, no qual os pais ou responsáveis devem assinar no ato da matrícula) em duas vias, uma para a escola e outra para os pais), contendo normas a serem respeitadas e cumpridas pelos pais e alunos.</p>	<p>Informar aos pais os termos a serem cumpridos pelos alunos para que todos fiquem informados o que “pode” ou “não pode” dentro da escola.</p>
<p>Reuniões com pais, Conselho Escolar, supervisor, Coordenador e gestor escolar</p>	<p>Reunir pais, gestor e conselho escolar, no sentido de avaliar o processo de andamento das ações de ensino aprendizagem na escola como também manter os pais bem informados sobre o desenvolvimento intelectual de seus filhos.</p>
<p>Manter a escola limpa e mobiliada</p>	<p>Fazer um trabalho coletivo e cada dois meses, com pais, alunos e professores, no sentido de realizar pequenos consertos no mobiliário, limpeza externa da escola e salas de aula.</p>

Fonte: Projeto Político Pedagógico da escola – PPP

4.2 Análise e interpretação dos resultados obtidos pela técnica de questionário aberto

Quadro 5 Sujeitos participantes da pesquisa

Participantes	Gênero	Idade	Formação / especialização	Tempo de serviço
Participante 1	F	62	Letras e pós-graduação em metodologia do ensino superior	22 anos
Participante 2	M	54	História e pós-graduação – História	12 anos
Participante 3	F	46	Letras e pós-graduação – linguística aplicada na língua portuguesa	13 anos
Participante 4	F	50	Matemática e pós-graduação - Matemática	22 anos
Participante 5	F	41	Biologia e pós-graduação – psicologia	12 anos
Participante 6	M	42	Ciências e pós-graduação – Biologia	11 anos
Participante 7	M	62	Pedagogia / Direito/Tecnologia e pós-graduação em Pedagogia Afirmativa	33 anos
Participante 8	M	56	Pós-graduação exercício físico aplicado na reabilitação cardíaca	31 anos

Fonte: Autoria própria

4.2.1 Questionário aplicado aos docentes da EJA

Nesse momento serão apresentadas em forma de quadros, com as respostas dos participantes. No quadro constam as perguntas realizadas aos professores e as respectivas respostas do questionário aplicado.

Quadro 6 Pergunta 1

Participantes	Como você, enquanto professor conceitua a oferta de literaturas em quadrinhos na rede de ensino de Goiana, PE – Brasil?
Participante 1	<i>Durante o meu período letivo em sala de aula nunca tive a ciência da oferta de obras em quadrinhos.</i>
Participante 2	<i>Durante o meu período de regência escolar, não tomei conhecimento da existência de obras em quadrinhos! Mas seria importante que obras deste gênero passasse a compor o material escolar.</i>
Participante 3	<i>Conceituo no sentido de que com histórias em quadrinhos com os alunos em sala de aula, de acordo com os conteúdos vivenciados no dia a dia seria melhor o aprendizado.</i>
Participante 4	<i>Não tenho conhecimento de obras em quadrinhos na escola.</i>
Participante 5	<i>Nunca fiquei sabendo da existência de obras em quadrinhos.</i>
Participante 6	<i>Primeiro é preciso que haja essa oferta. Mas eu nunca soube que existissem obras em quadrinhos na escola.</i>
Participante 7	<i>Não conheço nenhuma oferta desse tipo.</i>
Participante 8	<i>Não temos e não fazemos uso de tais obras</i>

Fonte: Autoria própria

Professor 1: “Durante o meu período letivo em sala de aula nunca tive a ciência da oferta de obras em quadrinhos”.

Professor 2: “Durante o meu período de regência escolar, não tomei conhecimento da existência de obras em quadrinhos! Mas seria importante que obras deste gênero passasse a compor o material escolar”.

Professor 3: “Conceituo no sentido de que com histórias em quadrinhos com os alunos em sala de aula, de acordo com os conteúdos vivenciados no dia a dia seria melhor o aprendizado”.

Quando damos continuidade a análise dos dados obtidos, percebemos bem presente nas falas e depoimentos dos professores a queixa pela falta do oferecimento de obras em quadrinhos na rede municipal de ensino.

Percebemos também que mesmo o professor levando uma vida corrida em virtude de trabalhar muitas das vezes em diferentes e distantes unidades de ensino. Estão atentos a falta de interesse e até de vontade política para que obras em quadrinhos possam também fazer parte do cotidiano escolar.

Os docentes mesmo desconhecendo a oferta de literaturas em quadrinhos na referida escolar, concordam com a utilidade do presente subsídio para a formação escolar dos alunos.

A linguagem dos quadrinhos teve sua propagação através dos jornais, vista como entretenimento barato ganhou destaque mundial com a produção de super-heróis, tornando-se um meio de comunicação em massa muito popular entre os jovens. Com o passar do tempo, as HQs ganharam estabilidade e alcançou o sucesso absoluto, ganhando espaço em outras mídias com os desenhos animados e filmes.

Apesar do sucesso, a implantação dos quadrinhos no ambiente escolar passou por diversas turbulências em todo o mundo. Elas eram culpadas pelo aumento da delinquência juvenil e pelo baixo rendimento dos jovens nas escolas.

No Brasil, este debate ocorreu, nas décadas de 1950 e 1960, opondo aqueles que consideravam os quadrinhos nocivos à formação dos jovens e os que consideravam os quadrinhos instrumentos úteis à educação. Mesmo sofrendo pressões, censuras, campanhas difamatórias, as edições em quadrinhos continuaram sendo publicadas, aumentando sempre a oferta de títulos e tiragem das revistas (Gonçalo, 2009).

A prática e o ensino da leitura estão entrelaçados com a cadeia discursiva que faz parte do cotidiano das pessoas e a escola é um dos ambientes em que esta cadeia se faz muito presente. O diálogo é capaz de promover um ensino-aprendizagem significativo, além de oferecer condições para o desenvolvimento do aluno como leitor pleno, pois, favorece o conhecimento de novas palavras em uma perspectiva dialógica.

Assim, nos reportamos aos estudos do círculo de Bakhtin que nos permite considerar a leitura como um processo dialógico que envolve a construção de sentido do

texto e a constituição dos sujeitos que participam das situações de interação (Soares, 2006).

A perspectiva pela qual vemos a leitura, neste contexto, a situa na esfera escolar, com o objetivo de desenvolver as capacidades necessárias para a participação consciente do aluno nas práticas de linguagem, verbais e não verbais, nos ambientes convencionais e virtuais.

Essa concepção traz para o centro das reflexões o interesse pelo funcionamento real da linguagem em toda sua essência e que faz parte das relações humanas nas práticas sociais caracterizadas pelo dialogismo. Reportamo-nos assim a Bakhtin (2006, p.96) que afirma: “A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial”. Isto nos leva a crer que produzimos sentido para o que lemos, a partir de nossas experiências significativas.

A história da Educação de Jovens e Adultos - EJA - no Brasil é permeada pela trajetória de ações e programas destinados à Educação Básica e, em particular, aos programas de alfabetização para o combate ao analfabetismo.

Em algumas ações, para o público jovem e adulto, embora não se constitua o objetivo principal, é possível identificar também o incentivo à profissionalização, ainda que de forma tímida. Por um lado, incentivou-se a aprendizagem da leitura e escrita, para que os jovens e os adultos pudessem exercer o seu “direito” de voto; por outro lado, o estímulo à alfabetização veio acompanhado das novas exigências econômicas pela aprendizagem dos elementos básicos rudimentares da cultura letrada (Souza, 2013).

Tendo como base a análise das políticas públicas em vigor nos últimos dez anos, apreende-se que a EJA vem adquirindo uma nova identidade, marcada pela qualificação profissional, em alguns casos, pela oferta de cursos aligeirados, de curta duração e centralizados nos segmentos mais vitimados pelo atual modelo de acumulação do capital. Esse contexto nos conduz a perceber a trajetória da EJA no Brasil com avanços e recuos no processo de contradições da sociedade capitalista, impregnada pelas marcas da dualidade estrutural.

Quadro 7 Pergunta 2

Participantes	Com a sua prática pedagógica você consegue aferir resultados na aprendizagem do aluno no campo da escrita, leitura e interpretação de texto?
Participante 1	<i>Através da aplicação de atividades e a resposta do desempenho do aluno.</i>
Participante 2	<i>Não.</i>
Participante 3	<i>Sim. No sentido de desenvolvê-los para a sua prática Diária</i>
Participante 4	<i>Em alguns sim, outros não.</i>
Participante 5	<i>Há uma certa dificuldade. Através das aulas, acho que eles acham cansativas.</i>
Participante 6	<i>Muitos alunos são dispersos, dormem... alguns não conseguem aprender.</i>
Participante 7	<i>Sim. Através de muitos esforços.</i>
Participante 8	<i>Não são muito satisfatórios os resultados.</i>

Fonte: Autoria própria

À medida que vamos acompanhando as respostas dos questionários podemos perceber a realidade desta modalidade de ensino que fica aos poucos evidenciada nas falas e dos professores.

Quando um professor nos narra o esforço redobrado que precisa empregar para poder atingir indicadores mais satisfatórios, uma vez que tem que ensinar diariamente a alunos que chegam à sala de aula bem cansados e muitas das vezes sem condições físicas e muito menos mental de desenvolverem as atividades escolares propostas. Vejamos esta fala do professor.

Professor 6: “*Muitos alunos são dispersos, dormem... alguns não conseguem aprender*”.

Como também ele nos deixa ciente de que estes fatores internos irão também deixar os alunos dispersos, sonolentos e para o professor caberá a dura tarefa de empregar um maior esforço para poder ensinar a estes alunos.

A partir das reformas curriculares que resultaram nas publicações de 1997, os quadrinhos ganharam presença no ambiente escolar; foram incluídos como materiais pedagógicos relevantes e participam dos textos prescritos pela política educacional no país.

De acordo com os PCNs, as HQs deverão estar estão inseridas nos conteúdos de temas transversais que tratam de questões sociais (saúde, orientação sexual, cultura, meio ambiente e ética). Organizadas em diversas linguagens, as histórias em quadrinhos viabilizam diferentes contextos e produzem informações vinculadas aos temas sociais (Brasil, 1997).

Professor 7: “*Sim. Através de muitos esforços*”.

Logo percebemos que há aferição da aprendizagem em diferentes campos do saber, mas que ao mesmo tempo essa tarefa não consegue ser concluída e o professor fica impossibilitado de fazer essas medições e consolidações pelos inúmeros fatores que acima já foram elencados.

O professor desabafa e frente as dificuldades de alfabetizar e muitas das vezes lecionar para salas compostas por jovens fora de faixa e adultos em um mesmo ambiente de ensino, dessa forma:

Professor 7: “*Não são muito satisfatórios os resultados*”.

Sobre isso, destaca Rama e Vergueiro (2010, p.13):

Vêm-se uma outra relação entre quadrinhos e educação, bem mais harmoniosa. A presença deles nas provas de vestibular, a sua inclusão no PCN (Parâmetro Curricular Nacional) e a distribuição de obras ao ensino fundamental (por meio do Programa Nacional Biblioteca na Escola) levaram obrigatoriamente a linguagem dos quadrinhos para dentro da escola e para a realidade pedagógica do professor.

A importância das HQs é destacada por Vergueiro (2010, p. 21), afirmando seus benefícios para a utilização em sala de aula:

[...] há várias décadas, as histórias em quadrinhos fazem parte do cotidiano das crianças e jovens sua leitura é muito popular entre eles. A inclusão das HQs na sala de aula não é objeto de qualquer tipo de rejeição por parte dos estudantes, que, em geral, as recebem de forma entusiasmada, sentindo-se, com sua utilização, propensos a uma participação mais ativa nas atividades em aula. As histórias em quadrinhos aumentam a motivação dos estudantes para o conteúdo das aulas, aguçando sua curiosidade e desafiando seu senso crítico.

Nesta linha de pensamento podemos também mencionar Paulo Freire (1989, p. 11) que afirma:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

Em outras palavras, Bakhtin afirma ser o homem histórico-social, ou seja, o homem aciona a compreensão verbal quando faz a ligação do que foi dito com a sua própria vida. Nesta óptica, tanto Paulo Freire (1989) quanto Bakhtin (2006) indicam a imprescindibilidade de que a linguagem permeia uma discussão entre o interior e o exterior dos sujeitos que dialogam, estando, assim, ligada às práticas sociais.

Os dois autores nos possibilitam pensar na sala de aula, em que, as interações verbais acontecem a todo o momento, seja entre os próprios alunos ou entre professor e aluno, onde, cada um, em sua subjetividade ao dialogarem com suas diferentes experiências cotidianas possibilitam aos seus pares o enriquecimento da própria linguagem, o que vai influenciar, no entendimento e compreensão da leitura em seus diferentes contextos em que nos são apontadas atualmente através de diferentes gêneros textuais.

No contexto atual em que é necessário reinventar aulas mais contextualizadas, em um ambiente estimulante que garanta a aprendizagem significativa, a história em quadrinhos pode representar uma solução.

A HQ pode atender alguns destes requisitos, como recurso didático, podendo ser uma ferramenta para trabalhar diversas disciplinas. Combinando linguagem verbal e não-verbal, a história em quadrinhos combina imagens e textos escritos, de fácil compreensão, articulando conteúdo com o cotidiano.

Atualmente, os meios de comunicação transmitem cada vez mais informações que aliam imagens, textos e som, devido ao grande avanço tecnológico dos últimos tempos, causando um distanciamento entre o que é transmitido pela mídia e as informações recebidas em sala de aula, pois, a velocidade do meio midiático é muito superior ao que se observa no espaço escolar.

Desta forma, pensamos que a utilização de histórias em quadrinhos no ensino da disciplina pode ser de grande valia, uma vez que as mesmas apresentam uma forma de comunicação visual e verbal e ainda que muitas abordam temas relacionados aos conteúdos trabalhados em sala de aula.

Quadro 8 Pergunta 3

Participantes	Como diferenciar a prática docente aplicada nas turmas regulares em relação a que deve ser usada nas turmas da EJA?
Participante 1	<i>Nas turmas da EJA a prática pedagógica é mais direcionada e objetiva.</i>
Participante 2	<i>As turmas da EJA em relação as turmas regulares é que os mesmos são mais dispersos e desinteressados.</i>
Participante 3	<i>Diferencia os conteúdos e forma de transmitir o conhecimento para o corpo docente.</i>
Participante 4	<i>As aulas devem ser enxugadas, pois os alunos já chegam cansados, alguns vêm direto do trabalho.</i>
Participante 5	<i>As aulas são voltadas à turma da EJA (caracterizadas para essa turma), que é bem diferente da turma regular.</i>
Participante 6	<i>Podemos extrair das turmas regulares mais estímulos através de atividades.</i>

	<i>Já nas turmas da EJA temos que ser mais “enxutos” com os conteúdos.</i>
Participante 7	<i>Práticas direcionadas às turmas da EJA.</i>
Participante 8	<i>Objetivas nas turmas da EJA</i>

Professor 1: *“Nas turmas da EJA a prática pedagógica é mais direcionada e objetiva”.*

Essa resposta do professor acima especifica de forma extraordinária a realidade das turmas da EJA nos diferentes turnos que venha a funcionar.

O professor deixa claro que a **“prática pedagógica é mais direcionada...!”** *Sim, uma vez que o público atendido pela EJA é diferenciado. São jovens que vem de várias reprovações nas salas regulares, que muito cedo tiveram que trabalhar para sustentar as suas famílias ou que depois de certa idade tiveram que voltar à sala de aula. Logo para atender a esta demanda específica e as suas especificidades nos deixa claro o professor que precisamos ter acima de tudo objetividade.*

Professor 4: *“As aulas devem ser enxugadas, pois os alunos já chegam cansados, alguns vêm direto do trabalho”. Assim sendo, o Planejamento de uma turma regular não se aplica de forma alguma as turmas da EJA e tudo é e deve ser bem diferente. Desde a forma do tratamento de professor para com os alunos até a forma de ensinar e exigir resultados.*

Professor 2: *“As turmas da EJA em relação as turmas regulares é que os mesmos são mais dispersos e desinteressados”. Aqui o professor por meio da sua resposta diz que deve existir uma diferenciação entre a forma de ensinar as crianças do ensino regular para com o manejo com alunos nas turmas de Educação de Jovens e Adultos – EJA.*

Os alunos desta modalidade de ensino precisam serem motivados todos os dias para que possam seguir frequentando as nossas escolas. E nos chegam muito dispersos e desinteressados, sendo necessário por parte do professor uma dedicação bem maior para poder prender a atenção de cada aluno por meio de uma didática que seja em tudo diferente da que é aplicada as crianças e jovens que estudam na idade certa no ensino regular.

Além de desenvolver o hábito de leitura e permitir uma abordagem dinâmica sobre determinado conteúdo, as HQs podem ser utilizadas para desenvolver a criatividade dos alunos.

Os professores podem estimular a produção de história em quadrinhos pelos próprios alunos ou a adaptação de um texto historiográfico para a forma de HQs. Sobre essa modalidade, esclarece Vergueiro (2010):

Esse tipo de atividade, além de permitir a interdisciplinaridade da História, Literatura Portuguesa e Artes, pode estimular os estudantes a desenvolverem a competência de representar e comunicar (comunicação escrita, gráfica e pictórica). É também a habilidade de trabalhar em dupla: um aluno pode elaborar o roteiro da história em quadrinhos e outro, desenhá-la; ou em equipe: um pode escrever, outro fazer o desenho a lápis e passar para outro finalizar os desenhos com nanquim ou canetinha preta; e outros podem ainda se incumbir dos balões, das letras, e de colorir. (p.128)

As HQs, em sala de aula, podem ser usadas para trabalhar diferentes disciplinas. Podem ser uma ferramenta que além possibilitar a interação entre as disciplinas, faz com que o aluno adquira um conhecimento utilizando materiais presentes no seu cotidiano e explorando formas de linguagem com reflexões mais críticas.

O quadrinho pode ser usado no intuito de atender diferentes proposta se contribuem para formação de valores e o exercício da cidadania. Fazer releitura de cenas do cotidiano, transformar textos narrativos em quadrinhos, construir histórias e propostas de abordagem de temas de forma mais lúdica e divertida são apenas algumas das formas de se utilizar a HQ em contexto escolar (Alves, 2001).

Cabe ao professor utilizar metodologias diferenciadas a fim de cativar seus alunos e garantir o aprendizado e a permanência dos mesmos na escola. Segundo pesquisas, a interdisciplinaridade associada a contextualização são metodologias que auxiliam o ensino aprendizagem na EJA, visando um conhecimento amplo das situações cotidianas levando em consideração o conhecimento prévio do educando. Porém, para que o professor esteja apto a realizar práticas diversas é preciso que tenha formação contínua.

A partir desta vivência identificamos dificuldades presentes nesta prática tais como: disparidades entre formação e prática, necessidade de metodologias diferenciadas que cativem esses alunos para que os mesmos possam permanecer na escola, formação continuada, para os professores, voltada a esta modalidade para que tenham métodos didáticos adequados para desenvolver seu trabalho.

A formação de professores para a EJA é essencial para que haja uma educação de qualidade, pois somente desta maneira o educador será capaz de elaborar didáticas que resultem bons desempenhos em sala de aula. E, além disso, mostrá-los a importância de continuar seus estudos, a fim de que se tornem cidadãos críticos e reflexivos para que possam interagir de forma participativa perante a sociedade.

Quadro 9 Pergunta 4

Participantes	A didática do professor nas turmas da EJA instiga os alunos a aprender e ressignificar saberes e vivências?
Participante 1	<i>Sim. Pois, através da valorização dos seus saberes prévios, os alunos são motivados a aprender e a compartilhar os seus saberes de vida no seu dia a dia.</i>
Participante 2	<i>Pela minha experiência, não.</i>
Participante 3	<i>Sim. Pois, o conhecimento prévio do aluno é importante com as experiências do professor.</i>
Participante 4	<i>Sim. Sem dúvida nenhuma.</i>
Participante 5	<i>Acredito que sim, porque o professor mostra formas de como o aluno deve captar o entendimento.</i>
Participante 6	<i>Sim. Pois o conhecimento prévio do aluno se completa com o conhecimento do professor, ganhando uma complexidade maior.</i>
Participante 7	<i>Sim. Os alunos da EJA chegam do trabalho e muitos não têm aquele animo para estudar, mas em suas respostas à exercícios escritos, pode-se ver que eles assimilaram o assunto.</i>
Participante 8	<i>Sim percebo tal atitude por conta dos alunos em suas tarefas.</i>

As respostas indicam que o professor respondeu com propriedade as perguntas propostas e que a sua forma de lidar e lecionar nas respectivas turmas os motiva a aprender e ensinar no espaço escolar. Vejamos os depoimentos dos professores a esta pergunta especificamente.

Professor 1: *“Sim. Pois, através da valorização dos seus saberes prévios, os alunos são motivados a aprender e a compartilhar os seus saberes de vida no seu dia a dia”.*

Os alunos que chegam para se matricularem nas turmas de educação de jovens e adultos – EJA, chegam com muitos conhecimentos e experiências de vida. Logo o ambiente escolar é o lugar propício para se trabalhar e desenvolver estes saberes.

Professor 3: *“Sim. Pois, o conhecimento prévio do aluno é importante com as experiências do professor”. Já este professor vem nos falar da fusão de conhecimentos que acontece em sala de aula entre professor e aluno. Acontece uma rica troca de conhecimentos e ambos transmitem as suas experiências por meio dessa troca constante.*

Professor 5: *“Acredito que sim, porque o professor mostra formas de como o aluno deve captar o entendimento”.*

O professor por meio da sua didática leva o aluno a assumir uma postura instigante frente as suas vivências diárias e a construir a sua educação e dar novas interpretações aos seus saberes tão comuns no seu cotidiano.

Os aspectos acima demonstram que é possível trabalhar as HQs em sala de aula, porém como cuidados na utilização. Como todo recurso pedagógico, as histórias em quadrinhos exigem planejamento, ajustamento do material ao conteúdo a ser trabalhado e finalidade em seu uso. Assim, o professor ao selecionar o material que deve ser utilizado deve levar em conta os objetivos, a temática, a linguagem e o desenvolvimento intelectual do aluno.

É importante também que o professor se familiarize com a linguagem deste meio, visto que:

[...] na utilização de quadrinhos no ensino, é muito importante que o professor tenha suficiente familiaridade com o meio, conhecendo os principais elementos da sua

linguagem e os recursos que ela dispõe para representação do imaginário; domine razoavelmente o processo de evolução histórica dos quadrinhos, seus principais representantes e características como meio de comunicação de massa; esteja a par das especificidades do processo de produção e distribuição de quadrinhos; e, enfim, conheça os diversos produtos em que eles estão disponíveis. (Vergueiro, 2010, p. 29)

Professor 6: *“Sim. Pois o conhecimento prévio do aluno se completa com o conhecimento do professor, ganhando uma complexidade maior”.*

Quando o professor durante a aula de Ciências solicita que o aluno traga da área rural na qual reside com a sua família. Plantas medicinais e explique para a sua turma qual a forma de uso de cada erva e a sua utilidade e serventia para o cuidado e tratamento de certas doenças... Desse modo acontece a troca e ressignificação de saberes.

Professor 8: *“Sim percebo tal atitude por conta dos alunos em suas tarefas”. As atividades escolares é o momento da devolutiva! É a hora em que o professor consegue de certa forma e até certo ponto averiguar se houve aprendizado verdadeiramente.*

Desde muito cedo, as crianças já estão em contato com as letras, palavras, textos. Em uma sociedade centrada na cultura escrita, é necessário processar informações que nos chegam por meio de diferentes mídias: impressa, digital, televisiva, radiofônica, etc. É preciso, portanto, desenvolvermos habilidades de leitura para lidar com uma variedade de informações. Mas, a leitura por si só, não tem significado. A habilidade de interpretar tornou-se então essencial e este passou a ser um dos grandes objetivos da escola.

A leitura precisa permitir que o leitor aprenda o sentido do texto, não podendo transformar-se em mera decifração de signos linguísticos sem a compreensão semântica dos mesmos. Para que essa compreensão ocorra é preciso possibilitar situações de aprendizagem significativa e que a leitura seja explorada de forma reflexiva para que o leitor aprenda se posicionar diante de novas informações, buscando, a partir da leitura, novos conhecimentos (Soares, 2006).

Verifica-se que há uma grande preocupação no sentido de se repensarem as práticas educativas voltadas para os adolescentes. Eles não estão mais na faixa etária condizente

com a de ingresso no Ensino Fundamental, entretanto, ao ingressarem na EJA, não percebem esta modalidade de ensino como uma necessidade sua, não se veem na EJA, não encontram o seu lugar na escola noturna.

Os professores, por sua vez, não estão preparados para trabalhar com os conflitos geracionais, com diferentes ritmos cognitivos numa mesma sala, com alunos de idades diferentes, objetivos e visões de mundo tão diversas.

Os professores lembram, até com um certo saudosismo, do tempo em que os adultos e os idosos predominavam nessa modalidade de ensino. O que fazer? É preciso discutir urgentemente essas questões, pois atingem a todos: professores, educandos, gestores e pesquisadores.

A partir desses conflitos, os mais jovens tendem a usar a indisciplina e/ ou indiferença nas aulas e os adultos e idosos, sentindo-se, muitas vezes, desrespeitados pelos mais jovens, acabam deixando a escola, evadindo-se. Trata-se de uma situação gravíssima e que tem se agravado no decorrer desta última década.

Sobre esta juvenilização da EJA, vale repensar a escola do Ensino Fundamental, o fracasso escolar e as condições objetivas desses adolescentes e jovens brasileiros que não concluem o Ensino Fundamental na idade própria, muitas vezes, por necessitarem trabalhar para ajudar no sustento da família.

No que tange aos pontos positivos e negativos encontrados na docência na EJA, as professoras, no decorrer das respostas dos questionários, abordaram dez problemáticas, a saber:

- i) cidadania, pois, tem-se, segundo elas, uma dívida histórica com esses alunos, e é preciso reinseri-los na sociedade;
- (ii) exclusão- processo sofrido tanto por parte dos alunos da EJA, como pelos profissionais que atuam nessa modalidade de ensino;
- (iii) baixa autoestima dos alunos;
- (iv) evasão, problema que foi extremamente ressaltado na fala das professoras;
- (v) trabalho: apontado como o motivo de saída e de retorno à escola;
- (vi) heterogeneidade em relação à idade e aos objetivos dos adolescentes, jovens, adultos e idosos da EJA;

- (vii) despreparo do profissional da EJA e a falta de tempo para dedicação exclusiva a esta modalidade de ensino;
- (viii) saberes necessários e esperados pelos discentes;
- (ix) materiais didáticos e uso das novas tecnologias;
- (x) inclusão e diversidade na EJA. A seguir, expõe-se cada temática minuciosamente.

Quadro 10 Pergunta 5

Participantes	Há interesse por parte dos alunos em literaturas em quadrinhos nas turmas de adultos?
Participante 1	<i>Não. Pois, não tem conhecimento da existência de tais obras.</i>
Participante 2	<i>Não. Porque nunca lhe foi ofertado.</i>
Participante 3	<i>Em alguns casos sim, e em outros não, pois é necessário coloca-los em contato com as histórias em quadrinhos.</i>
Participante 4	<i>Sei que tem um ou dois que eu pego passando um visto num material que parece ser uma revista em quadrinhos.</i>
Participante 5	<i>Acredito que não.</i>
Participante 6	<i>Acho que as revistas em quadrinhos podem fazer parte da vida de alguns, mas não os vejo manuseando um material desse na escola.</i>
Participante 7	<i>Penso que sim, mas não tenho certeza, pois nunca trabalhamos em sala.</i>
Participante 8	<i>Não fazemos uso do material, por isso eles não são interessados.</i>

Pode-se analisar por meio dos relatos dos professores que muitos alunos tem conhecimento da existência de muitas obras em quadrinhos. Mas que lamentam profundamente o fato de obras que fizeram parte da sua infância e adolescência e que deveria depois de uma boa e criteriosa avaliação fazer parte do Currículo Escolar. Apreciemos a fala deste entrevistado.

Professor 3: *“Em alguns casos sim, e em outros não, pois é necessário coloca-los em contato com as histórias em quadrinhos”.*

Este educador nos deixa claro que grande parte dos alunos não tem acesso a obras em quadrinhos em virtude da rede municipal de ensino não disponibilizar na sua biblioteca literaturas em quadrinhos para a consulta e deleite dos alunos. Os poucos alunos que falam em obras em quadrinhos são aqueles que tiveram acesso a tais obras na sua infância e adolescência.

Professor 6: *“Acho que as revistas em quadrinhos podem fazer parte da vida de alguns, mas não os vejo manuseando um material desse na escola”.* Nessa resposta o professor entrevistado nos deixa claro o que já consta nas linhas acima. Que é o fato de que os alunos que se relacionam com obras em quadrinhos, é fora do espaço escolar pelo fato do mesmo não oferecer.

Professor 8: *“Não fazemos uso do material, por isso eles não são interessados”.* Aqui está uma resposta cabal a uma pergunta pertinente que é o fato de não haver interesse pelo fato de não haver oferta.

Diante do exposto, percebemos que os alunos e alunas que são atendidos nas diferentes Fases da EJA são interessados e apresentam motivação quando o tema é história em quadrinhos.

Quadro 11 Pergunta 6

Participantes	Como incentivar o estudo de história em quadrinhos cujo os roteiros retratam o cotidiano da cidade em que se vive?
Participante 1	<i>Primeiramente disponibilizando na rede de ensino e desenvolvendo atividades pedagógicas que tenham como referência as obras em quadrinhos.</i>
Participante 2	<i>Através de dinâmicas em sala, visitas à pontos turísticos da cidade.</i>
Participante 3	<i>Através de pesquisas sobre a história em quadrinhos, mas com a construção deles em sala de aula para a troca de conhecimentos.</i>
Participante 4	<i>Promovendo a leitura do material em sala uma ou duas vezes por semana.</i>
Participante 5	<i>Fazendo com que eles conheçam o material, incentivando à leitura e</i>

	<i>atividades onde eles possam mostrar o que aprenderam.</i>
Participante 6	<i>Através de projetos pedagógicos que possam incentivar a leitura de revistas em quadrinhos.</i>
Participante 7	<i>Por meio do incentivo da própria escola de apresentar o material.</i>
Participante 8	<i>Por meio de atividades usando as histórias em quadrinhos.</i>

O procedimento de entrevista favorece que aos poucos possamos ir entendendo a realidade das nossas escolas em termos estruturais como em termos pedagógicos. Frente a essa pertinente pergunta observemos a resposta deste docente.

Professor 1: *“Primeiramente disponibilizando na rede de ensino e desenvolvendo atividades pedagógicas que tenham como referência as obras em quadrinhos”. Ele nos deixa claro a recorrente necessidade da oferta de obras em quadrinhos na Rede Municipal de Ensino por parte do Poder Público, como também destaca a necessidade do desenvolvimento de atividades de cunho pedagógico que tenha como subsídio as obras em quadrinhos.*

Em meio a diversidade das perguntas e contundência das respostas detalhes e singularidades nos chamam a atenção. Nos deparemos um pouco no que diz este educador.

Professor 2: *“Através de dinâmicas em sala, visitas à pontos turísticos da cidade. Ele em poucas palavras nos apresenta e ao mesmo tempo nos aponta o caminho para que por meio de atividades em sala de aula que devem ser a culminância de atividades pedagógicas externar despertar no aluno o interesse por obras em quadrinhos que elencam situações do seu dia a dia em sua cidade.”*

Com muita propriedade o professor seguinte demonstra que por meio do desenvolvimento de projetos pedagógicos pode se criar um ambiente e hábito de leitura. E que sobretudo se tem espaço para se incentivar a leitura e interação com obras de história em quadrinhos.

Professor 6: *“Através de projetos pedagógicos que possam incentivar a leitura de revistas em quadrinhos”.*

A série “Redescobrimo o Brasil”, lançada nos anos 1980, pela editora Brasiliense, é outra narrativa em quadrinhos que pode ser utilizada em sala de aula. Caracterizada pela mescla eficiente entre didatismo e bom humor, podemos destacar dois volumes: Da Colônia ao Império: Um Brasil para inglês ver e latifundiário nenhum botar defeito, ilustrado pelo cartunista Miguel Paiva, e Cai o Império: República vou ver, ilustrado pelo cartunista Angeli, ambos redigidos por Lilia Mortiz Schawarz, historiadora e professora do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo –USP. Essas duas obras, apesar de reproduzir algumas interpretações vigentes no meio acadêmico daquela época, mostram como é possível utilizar as HQs para a difusão de uma História mais crítica e não uma História dos heróis, idealizada e superficial (Araújo, Costa & Costa, 2008).

O volume, Da Colônia ao Império: Um Brasil para inglês ver e latifundiário nenhum botar defeito, sublinha pontos essenciais para a compreensão desse período histórico. Apresenta resultados de pesquisas e citações originais, linguagem simples e fina ironia, resultando numa visão crítica da independência do Brasil. Na obra, “Cai o Império! República vou ver!”, os autores Angeli e Lilia Mortiz Schawarcz abrangem, a partir de um diálogo descontraído, o período que vai do Golpe da Maior Idade até a Proclamação da República (Berclaz, 2012).

Outra linha possível para a utilização dos quadrinhos na disciplina de História é mostrar como elas refletem as visões de mundo de uma época. Entre essas HQs, destacaremos aquelas que mostram, em dois momentos distintos, como a África e a comunidade negra eram representadas, e as que surgiram sob influência da Segunda Guerra Mundial.

O gênero literário histórias em quadrinhos (HQ), como exemplo de literatura de entretenimento de fácil compreensão, presentes no cotidiano das pessoas, tal como livros, jornais, internet e animes de televisão, podem funcionar como importantes instrumentos de ensino e aprendizagem para diversas disciplinas, contribuindo no processo de construção de sentidos.

Histórias em quadrinhos abordam conteúdos de forma divertida, com esquemas e linguagens que podem complementar o ensino - aprendizagem dos assuntos tratados nos livros didáticos.

As histórias em quadrinhos, aliadas a um enredo de conteúdo científico, podem levar o aluno a compreender inclusive conteúdos abstratos, muitas vezes considerados difíceis, fazendo-o gostar e se interessar por eles, tornando-se assim um material potencialmente significativo.

Quadro 12 Pergunta 7

Participantes	O professor, ao abordar em sala de aula histórias em quadrinhos como paradidáticos, incentiva o aluno a conhecer e escrever a sua própria história?
Participante 1	<i>Claro. Porque ao conhecer as histórias de vida de personalidades da comunidade, eles se sentiriam motivados a sua própria história.</i>
Participante 2	<i>Sim.</i>
Participante 3	<i>Sim. Pois ao trabalhar histórias em quadrinhos, já o desperta a escrever as suas próprias histórias.</i>
Participante 4	<i>Sim. Eles aprenderão a dar significado.</i>
Participante 5	<i>Estando mais próximos de pessoas que viveram no seu contexto, faz com que o aluno se sinta íntimo da história estudada, dando mais importância.</i>
Participante 6	<i>Sim. Estão se identificando com os personagens e com os lugares.</i>
Participante 7	<i>Sim, pois aprender será ganhará uma dimensão lúdica e mais fácil para estudar. O assunto não seria desconhecido por completo.</i>
Participante 8	<i>Eles tomariam mais gosto em estudar, História por exemplo. Expressões e modo de falar da época podem ser assimiladas pelos alunos.</i>

Aos poucos vamos identificando a necessidade de sensibilizar o aluno de que ele é o autor da própria história... À sombra e vendo o exemplo de pessoas resolvidas e bem-

sucedidas das histórias em quadrinhos, eu passo a ver refletir a minha própria história de vida. E se nas páginas ilustradas aparecem as figuras de pessoas contemporâneas e da comunidade ainda mais somos instigados a nos apropriar da nossa história.

Professor 1: *“Claro. Porque ao conhecer as histórias de vida de personalidades da comunidade, eles se sentiriam motivados a sua própria história”.*

Nessa resposta vemos refletido como que em um espelho a essência de se proporcionar ao educando histórias de vida que mesmo trazendo as marcas do sofrimento sejam capazes de se espelharem em estilos de vida que deram certo e galgaram experiências exitosas.

Quando os alunos observam que do meio dos iguais surgiram pessoas que se destacam na sociedade, ele naturalmente se motiva e se sente instigado a também fazer o mesmo caminho de conquistas, diz a professora.

Professor 3: *“Sim. Pois ao trabalhar histórias em quadrinhos, já o desperta a escrever as suas próprias histórias”. Aqui a professora deixou claro em sua fala em forma de entrevista que o alunado tendo constantes contatos com roteiros e obras em quadrinhos que trazem exemplos de vidas que deram certo. Tende naturalmente a também querer escrever a própria história de vida.*

O estudo da história é um veículo por demais propício para que conhecimentos e saberes sejam transmitidos às gerações. É uma forma criativa de expressão entre alunos que buscam conhecimentos.

Aqui percebemos a habilidade do professor que por meio da sua resposta nos recorda que os alunos gostam de ler sobre pessoas, fatos e acontecimentos da sua comunidade. É a sua realidade e o seu contexto que se materializa em roteiros em quadrinhos.

Professor 5: *“Estando mais próximos de pessoas que viveram no seu contexto, faz com que o aluno se sinta íntimo da história estudada, dando mais importância”.*

Professor 7: *“Sim, pois aprender será ganhar uma dimensão lúdica e mais fácil para estudar. O assunto não seria desconhecido por completo”.*

É evidente neste trecho da entrevista do professor que o educador como um modelo a ser seguido, quando traz para a sala de aula essas realidades dos roteiros em quadrinhos, corrobora para o sucesso do ensino aprendizagem. E os seus alunos uma vez motivados começam a escrever a sua própria história.

O controle do desenvolvimento do processo deve partir do docente. O importante é que o professor tenha claro quais as possíveis reações que os alunos terão no contato com a HQ dependendo da forma como ele lê a mesma. Sem o direcionamento correto, a utilização das HQs não terá nenhum benefício pedagógico e os alunos terão apenas um olhar de entretenimento diante do material.

De acordo com Araújo, Costa & Costa (2008, p. 8):

[...] O docente deve ter um planejamento, conhecimento e desenvolvimento de seu trabalho nas atividades que utilizarem as histórias em quadrinhos, independente da disciplina ministrada e, buscar estabelecer objetivos que sejam adequados às necessidades e as características do corpo discente da sala de aula, visto que isto é fundamental para a capacidade de compreensão dos alunos e de conhecimento do conteúdo aplicado.

Quadro 13 Pergunta 8

Participantes	Como inserir as histórias em quadrinhos com as demais literaturas curriculares por meio da interdisciplinaridade?
Participante 1	<i>A história em quadrinhos nos leva à interdisciplinaridade, pois podemos estudar história, geografia, arte, ...</i>
Participante 2	<i>Sim. Uma vez que os leva a conhecer sua história, e a História da sua comunidade.</i>
Participante 3	<i>Colocando-as em contato com os outros conteúdos para a criação de histórias em quadrinhos.</i>
Participante 4	<i>Associando uma história ao assunto estudado em sala de aula.</i>
Participante 5	<i>Dependendo do contexto em que os alunos vivem.</i>
Participante 6	<i>Após uma análise do professor, para ver se seria uma boa ideia</i>

	<i>trabalhar aquela revista em questão, dentro do assunto.</i>
Participante 7	<i>Associando-as às demais obras.</i>
Participante 8	<i>Geografia, por exemplo, pode-se falar de solo, do cuidado, do preparo. E como ilustração do assunto, buscar uma história em quadrinhos que ensina na prática esse conteúdo.</i>

É uma verdadeira saga incentivar os alunos de hoje ao hábito da leitura em uma sociedade dominada pelas novas tecnologias. E onde as redes sociais tem conseguido absorver grande parte do tempo das nossas crianças e jovens. O alunado que se apresenta em nossas escolas, demonstra-se totalmente ao avesso aos sadios hábitos dos seus avós e pais. Observemos:

Professor 1: *“A história em quadrinhos nos leva à interdisciplinaridade, pois podemos estudar história, geografia, arte, ...”*

Na análise desta resposta, percebemos o papel importante das histórias em quadrinhos no que diz respeito a possibilidade de se estudar as demais disciplinas, tendo como força motivadora os próprios roteiros de história em quadrinhos.

O professor ora em tela, no faz entender que para o estudo da disciplina de Geografia a história em quadrinhos nos apresenta as dimensões da cidade, as delimitações dos seus bairros, a localização e limites das zonas rurais e urbanas. Entre tantas outras questões que podem ser despertadas com a finalidade de educar a partir de uma válida provocação.

Ainda o professor em sua resposta fundamenta o uso das literaturas em quadrinhos para o estudo e aprendizado da disciplina de História.

Por meio da interdisciplinaridade a história em quadrinhos pode levar o alunado a buscar as origens da sua cidade, o significado dos seu nome, as datas históricas, os grandes vultos locais e tantas outras questões de cunho histórico e cultural podem ser levantadas, entendidas e estudadas a partir do uso da história em quadrinhos para o entendimento da matéria história junto as demais disciplinas.

Professor 2: *“Sim. Uma vez que os leva a conhecer sua história, e a História da sua comunidade”.*

O Currículo Escolar é uma verdadeira coletânea de desejos e intenções proposto pela escola e que deve nortear todas as atividades e práticas do professor em sala de aula. Desse modo o professor faz com que entendamos que o conhecimento da própria história e da história da comunidade na qual vive, se dá por meio da interdisciplinaridade.

Professor 6: *“Após uma análise do professor, para ver se seria uma boa ideia trabalhar aquela revista em questão, dentro do assunto”.*

É evidente que tudo deve passar pelo crivo do professor, uma vez que o mesmo é o mediador dos conhecimentos propostos e desenvolvidos no ambiente escolar. Embora o aluno já tenha os seus conhecimentos prévios e as histórias em quadrinhos já se apresentem prontas e acabadas, deve tudo passar pelo olhar último do professor para considerações, ajustes e possíveis aplicações.

Professor 8: *“Geografia, por exemplo, pode-se falar de solo, do cuidado, do preparo. E como ilustração do assunto, buscar uma história em quadrinhos que ensina na prática esse conteúdo”.*

Neste fragmento da fala de um professor entrevistado encontramos a feliz sugestão do uso das histórias em quadrinhos para o estudo de uma disciplina como Geografia. A interdisciplinaridade é a forma segura e mais prática para se atingir os objetivos propostos.

Quadrinhos, das cores e do formato dos balões, nas expressões fisionômicas dos personagens, etc. mostrando-se como um eficiente dispositivo de ensino dos saberes escolares e tornando-se um coerente recurso de transposição didática para a aquisição do conhecimento passando a ter um lugar de destaque com o desenvolvimento das ciências da comunicação.

Estudos apontam que história sem quadrinhos tornam o ensino mais prazeroso, pois, motivamos estudantes a se interessarem mais pelos conteúdos escolares tendo em vista que, estimulam a curiosidade e incitam o senso crítico considerando a relação existente entre texto e imagem ampliando assim a possibilidade de entendimento além de contribuir para a formação de hábitos de leitura e enriquecimento do vocabulário, dentre outras, por seu caráter dinâmico e animado.

Segundo Macedo (2011):

Reconhecer e utilizar histórias em quadrinhos como ferramenta pedagógica parece ser fundamental, numa época em que a imagem e a palavra, cada vez mais, as associam para a produção de sentido nos diversos contextos comunicativos. (p.207)

Trata-se assim, de um gênero muito rico e de fácil acesso haja vista que circulam em diferentes veículos.

Rama e Vergueiro (2010) afirma que trata-se de um gênero que se constitui por meio de uma linguagem visual onde há um protagonista e personagens secundários, figuras cinéticas, metáforas visuais, utiliza linguagem verbal, balão de fala, legendas e onomatopeias e que, evidentemente, sempre transmite uma mensagem sendo amplamente utilizado também nos jornais de grande circulação.

Quadro 14 Pergunta 9

Participantes	As histórias em quadrinhos podem incentivar os alunos para uma aprendizagem mais significativas?
Participante 1	<i>Sim. Uma vez que leva os alunos a conhecer na própria história e a partir daí darem significação a sua aprendizagem.</i>
Participante 2	<i>Sim. Uma vez que os levam a conhecer sua história e a história da sua comunidade.</i>
Participante 3	<i>Sim, mas com incentivo do professor em sala de aula.</i>
Participante 4	<i>Sem dúvida. Se torna mais fácil aprender.</i>
Participante 5	<i>Claro. Porque as revistas em quadrinhos trazem um material condensado, mas sem perder a qualidade do assunto tratado.</i>
Participante 6	<i>Sim, pois é uma leitura mais divertida, que mexe com a imaginação de forma mais rica porque o aluno pode contar com as cenas nos quadrinhos.</i>
Participante 7	<i>Acredito que sim. É uma leitura que os alunos entendem com mais facilidade.</i>
Participante 8	<i>Certamente. Podem trazer os alunos à suas realidades.</i>

O ato de aprender é deliberado pelo indivíduo! Ou seja, só se aprende se houver vontade e disposição para tal. Assim sendo, para a ressignificação ou até mesmo para significar o que se aprende em sala de aula tem que haver incentivos e força de vontade.

Professor 1: *“Sim. Uma vez que leva os alunos a conhecer na própria história e a partir daí darem significação a sua aprendizagem”.*

Nessa fala percebemos a importância de um conhecimento pessoal. Ou seja, conhecer a si mesmo e conhecer logicamente a própria história. A resposta positiva deste entrevistado no primeiro momento demonstra que roteiros em quadrinhos bem elaborados podem provocar uma aprendizagem bem mais prática e útil para o aluno no seu dia a dia.

Se busca nos dias de hoje uma escola que não só transmita uma educação sistêmica, mas que também possibilite ao aluno usar no seu dia a dia aqueles saberes e vivência assimilados no meio escolar. Neste aspecto as histórias em quadrinhos se apresentam bem propícias para tal empreitada.

Professor 1: *“Sim, mas com incentivo do professor em sala de aula”.* Aqui este entrevistado deixa claro o papel insubstituível do professor na mediação do conhecimento. Ele deve figurar como o grande incentivador para essa aprendizagem que sendo iniciada no simbolismo converge para as realidades vivenciadas dentro e fora da escola.

Professor 6: *“Sim, pois é uma leitura mais divertida, que mexe com a imaginação de forma mais rica porque o aluno pode contar com as cenas nos quadrinhos”.*

O aval positivo de mais um professor não pode ser entendido como algo feito de forma aleatória e sem um planejamento pensado e bem elaborado onde estejam claras as metas e ações.

Mesmo sendo uma leitura divertida, com textos curtos dentro de balões e cenas do cotidiano de um povo. O propósito e finalidade é levar a uma aprendizagem significativa e cheia de finalidades pedagógicas.

Professor 7: *“Acredito que sim. É uma leitura que os alunos entendem com mais facilidade”.*

Soa como um pouco duvidoso o entendimento deste professor no primeiro momento da sua resposta, mas logo em seguida se pode perceber em sua resposta que a leitura de obras em quadrinhos no espaço escolar, leva sim a uma aprendizagem mais significativa.

As propostas para a utilização de metodologias de ensino com histórias em quadrinhos em sala de aula apresentam diversos exemplos do como unir esse material às práticas docentes planejadas tendo em vista a finalidade de ensinar conteúdos de forma atraente e motivadora.

Nas palavras de Macedo (2011,p. 19):

Já se tornou trivial a ideia de que gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social, fruto de trabalho coletivo os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia. São entidades sócio discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. No entanto, mesmo apresentando alto poder preditivo e imperativo das ações humanas em qualquer contexto discursivo, os gêneros não são instrumentos estanques da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos, surgem emparelhados a necessidades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação as sociedades anteriores à comunicação escrita.

A diversificação dos gêneros é de suma importância para a efetivação da leitura na escola e os Parâmetros Curriculares Nacionais nos trazem diretrizes que orientam essa abordagem:

Portanto, é preciso priorizar os gêneros que merecerão abordagem mais aprofundada. Sem negar a importância dos textos que respondem a exigências das situações privadas de interlocução, em função dos compromissos de assegurar ao aluno o exercício pleno da cidadania, é preciso que as situações escolares de ensino de Língua Portuguesa priorizem os textos que caracterizem os usos públicos da linguagem. (Brasil, 2006, p.24)

Com o surgimento de novos fenômenos, como a internet, surgem outros gêneros textuais que precisam ser contemplados no ensino da leitura, o que torna cada vez mais desafiador para o professor formar leitores competentes que possam construir sentido para os diversos gêneros textuais multimodais presentes no cotidiano.

Esses gêneros textuais possibilitam representar uma informação utilizando palavras e imagens, pois, além do código das letras há também os recursos visuais que ilustram o conteúdo em questão. Tudo isso, imagens, cores, tipos de letras também são pistas/estratégias que permitem construir sentido e precisam ser lidos e interpretados; trazem informações que precisam ser assimiladas e, isso só será possível se o indivíduo desenvolvera capacidade de compreender os vários modos de significar, próprios da linguagem, ou seja, a multimodalidade assim descritas.

Segundo Eisner (2009):

Imagem e palavra mantêm uma relação cada vez mais próxima, cada vez mais integrada. Com o advento de novas tecnologias, com muita facilidade se criam novas imagens, novos layouts, bem como se divulgam tais criações para uma ampla audiência. Todos os recursos utilizados na construção dos gêneros textuais exercem uma função retórica na construção de sentidos dos textos. (p.132)

As práticas pedagógicas utilizadas em sala de aula: os professores de jovens e adultos devem estar aptos a repensar a organização disciplinar e de séries, no sentido de abrir possibilidades para que os educandos realizem percursos formativos mais diversificados, mais apropriados às suas condições de vida.

Sabe-se que no contexto escolar, o professor deve transformar o conhecimento num conjunto de saberes que traga a compreensão para os alunos. Todavia, é difícil encontrar profissionais especializados ou que estejam preparados para atuar na EJA.

É evidente a escassez dos cursos de pós-graduação e técnicos relacionados a essa modalidade de ensino, e as instituições de educação superior (IES), desde os cursos de licenciatura à pós-graduação *stricto sensu* ainda não priorizam a formação docente para essa modalidade da educação básica, embora haja demandas do sistema educacional e seja a educação um direito humano fundamental.

O professor de EJA necessita dominar técnicas e metodologias capazes de, não somente adentrar o universo dos educandos, como também de fazê-los compreender que sua busca por concluir os estudos vale a pena. Neste sentido, o principal objetivo da Educação de Jovens e Adultos é auxiliar cada indivíduo a tornar-se tudo aquilo que tem capacidade para ser.

A formação do professor depende do desempenho e do compromisso que ele tem com a educação. Contudo, apenas a força de vontade deste profissional não é suficiente. É preciso que os órgãos públicos disponibilizem mais cursos de capacitação.

Quadro 15 Pergunta 10

Participantes	Com base nas histórias em quadrinhos como incentivar o aluno adulto a rescrever a sua própria história?
Participante 1	<i>Apresentando aos mesmos que o caminho de sucesso traçado pelos personagens da história em quadrinhos estão abertos à sua frente.</i>
Participante 2	<i>Temos como exemplo história de vida marcadas pela superação e pelo sucesso.</i>
Participante 3	<i>Mostrar a importância da sua vida ao formular histórias em quadrinhos.</i>
Participante 4	<i>Incentivando-os a se reconhecer nos personagens,</i>
Participante 5	<i>Ao descobrir que outras pessoas passaram pelo mesmo tipo de sofrimento, do qual passou o aluno, é possível que ele se encontre na trama e dê desfecho na sua vida a espelho do personagem.</i>
Participante 6	<i>Mostrando a importância de preservar as suas memórias.</i>
Participante 7	<i>Incentivando-os a trabalhar a imaginação, inspiração e criatividade, que são as principais capacidades humanas, que os ajudam a lidar com as suas lidas.</i>
Participante 8	<i>Mostrando que eles (os alunos) podem ser contadores de suas próprias histórias.</i>

Como já vimos aqui nas entrevistas o aluno que se apresenta para a matrícula na modalidade de ensino da EJA que é a Educação de Jovens e Adultos. É um aluno

diferenciado e que tem as suas especificidades. Assim sendo precisa encontrar um ambiente favorável ao seu aprendizado e sobretudo deve encontrar um ambiente bem mais acolhedor do que os que ele está acostumado a frequentar.

Professor 1: *“Apresentando aos mesmos que o caminho de sucesso traçado pelos personagens da história em quadrinhos estão abertos à sua frente”.*

A expressão “escrever a própria história” aparece de uma forma figurativa e apenas quer dizer que o aluno tem o dever de fazer valer a sua existência.

Quando o professor nos responde, leva-nos a uma reflexão sobre a história de vida de cada aluno que são na sua maioria tidos como fracassados ou que assim se sentem. Por já terem passado da fase escolar, serem de idade avançada ou terem sido expulsos ou obrigados a deixarem as turmas regulares em horários muita das vezes bem mais favoráveis a aprendizagem segundo a ótica de cada um.

Por atividades significativas e reflexivas entendemos que são aquelas que, realmente possibilitam que o aluno aprender a ler um texto, a interpretar, buscar informações, argumentar, ampliar seus conhecimentos e preparar-se para a vida em sociedade. Nessa direção, argumenta Cagliari (2010) que “(...) o melhor que a escola tem a oferecer aos alunos deve estar voltado para a leitura (...). (p.148)

Desenvolver o gosto pela leitura é primordial e precisa ser uma prática iniciada bem cedo. A escola, principalmente a sala de aula, deve ser espaço de leitura com atividades estimulante se que permitam que o aluno possa desenvolver a competência leitora. Porém, apesar dos esforços da escola, ainda é comum ouvir alunos dizerem que não gostam de ler. Acreditamos ser tarefa do professor elaborar situações que explorem a leitura como prática social e que possibilitem ao aprendiz compreender a necessidade de uma leitura eficiente, tal como proposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997):

(...) ressaltar a importância da leitura como objetivo do ensino, de aprendizagem e como objetivo de realização imediata. Isto significa trabalhar com a diversidade de objetivos e modalidades que caracterizam a leitura, ou seja, os diferentes para quês: resolver um problema prático, divertir-se, estudar, escrever ou revisar o próprio texto. (p.54)

Desse modo a resposta do professor reforça a certeza de que a história de vida de pessoas vencedoras motiva as demais a vencerem, uma vez que o caminho está aberto e quem quer caminhar é só dá o primeiro passo na direção da aprendizagem significativa.

Professor 2: *“Temos como exemplo história de vida marcadas pela superação e pelo sucesso”. O entrevistado nos lembra que o aluno pode sim escrever uma história de sucesso. Mas uma vez o termo “escrever” aparece de forma figurativa, pois escrever está ligado ou quer dizer tomada de atitude e boas escolhas.*

Professor 4: *“Incentivando-os a se reconhecer nos personagens”.*

No ato de reescrever a sua própria história o aluno tem a figura do seu professor como o grande incentivador e aquele que através da sua prática pedagógica aponta o caminho certo para um reconhecimento movido pelo entendimento.

O papel do professor é insubstituível para poder levar o aluno a transfigura-se frente a personagens que povoam as histórias em quadrinhos e cuja as histórias no curso dos roteiros fictícios conclama a tomada de atitudes, de mudança de vida e aprendizado.

[...] o verdadeiro (e bom) quadrinho seduz pelo conhecimento que leva ao despertar, que leva à alegria, ao prazer, à consciência. O despertar que leva à soma de possibilidades formais e conteudísticas, mediadas pelo simbolismo da função poética entre o objeto apenas visto e o objeto de fato desejado. A função poética, assim entendida, passaria a ter, digamos, uma função amorosa baseada, inicialmente, na sedução. E a arte, mesmo a mais clássica, desde que sensível e de modelar competência, não é apenas para ser vista, para ser contemplada como algo inerte; é para ser desejada, amada (ou odiada) com intensidade (Eisner, 1999).

Professor 5: *“Ao descobrir que outras pessoas passaram pelo mesmo tipo de sofrimento, do qual passou o aluno, é possível que ele se encontre na trama e dê desfecho na sua vida a espelho do personagem”.*

A resposta acima reflete a verdade como em um espelho! A grande ideia é esta levar o aluno a se identificar com os personagens das histórias em quadrinhos e igualar sofrimentos para se assemelharem nas conquistas e vitórias.

Um roteiro em quadrinho de uma cidade na qual vive o aluno vai trazer muitas coisas do seu dia a dia para que assim, o aluno possa se ver nas páginas dos quadrinhos e buscar nos ditos personagens os comportamentos e atitudes que mudarão a sua vida para melhor.

Professor 7: *“Incentivando-os a trabalhar a imaginação, inspiração e criatividade, que são as principais capacidades humanas, que os ajudam a lidar com as suas lidas”.*

Como que coroando as entrevistas este educador traz mais uma vez à baila a figura necessária do professor como aquele que instiga e motiva. Nesta resposta já passamos a ver o professor não apenas como aquele que está na regência da sala mediando os saberes, mas como aquele que faz despertar as emoções e sentimentos e os canaliza para a produção criativa em sala de aula.

O aluno tendo acesso a bons roteiros em quadrinhos e por meio da interdisciplinaridade poderá atingir vários objetivos no campo educacional e assim reescrever a sua história.

Frente às questões descritas é importante considerar que as aulas na EJA precisam assumir uma dinâmica própria, partindo das condições do aluno, das demandas socialmente necessárias, da nova realidade educacional e da atual conjuntura do país. Além disso, as práticas nessa modalidade de educação básica, devem contemplar as aprendizagens dos sujeitos e suas dificuldades, o trabalho e a carga experiencial carregada por cada aluno em sua história de vida.

Outra temática explicitada no diálogo com as professoras foi o trabalho. Sabe-se que a grande maioria do corpo discente da EJA é composta por trabalhadores que vivenciam cotidianamente os efeitos da lógica destrutiva do capital, expressos nas dificuldades de sua inserção laboral e de acesso à renda.

São jovens e adultos que tiveram bloqueado o acesso à escola na idade própria, na maioria das vezes pela necessidade de trabalhar, e que a ela estão retornando, após vários anos sem acesso ao conhecimento formal, muitas vezes, por esta mesma necessidade, a de

trabalhar. Ou melhor, para se prepararem para tentar uma vaga no mercado de trabalho, com a esperança, ideologicamente alimentada, de, através dos estudos, conseguirem um “emprego melhor”, ou para poderem permanecer em seus postos de trabalho.

É importante que os docentes desta modalidade tenham uma consciência plural, para que não tentem utilizar os mesmos pressupostos do ensino regular na EJA, para que, de fato, percebam as especificidades dos educandos e, com isso, reflitam sobre as suas práticas educativas. Para tanto, é preciso repensar a formação dos professores da EJA. Sabe-se que grande parte dos educadores não possui formação específica, ou seja, não estão habilitados a ensinar para o público adulto. Some-se a isso a sobrecarga de trabalho desses profissionais, visto que muitos trabalham os três expedientes.

Destarte, o professor desta modalidade de ensino está trabalhando, muitas vezes, no seu terceiro turno (noturno) e não dispõe de tempo livre para planejar da maneira que gostaria e, muito menos, criar atividades diferenciadas para os seus educandos. Entretanto, o educador tem em suas mãos um instrumento que se considera como indispensável à prática educativa, pois é um instrumento fundamental no processo de escolarização: o livro didático.

Embora se saiba que o livro didático, de uma maneira geral, não é neutro, e que, muitas vezes, está impregnado de mensagens ideológicas a favor da classe dominante, o livro, muitas vezes, é o único material de leitura que os educandos possuem em suas residências, assim, possui, como diz Fonseca (2010), uma dimensão material e simbólica muito forte para aqueles que dele se utilizam. Os alunos pedem e cobram que o livro seja utilizado em sala. O professor não sabe como utilizá-lo, mediante tantas dificuldades cognitivas por parte dos educandos.

CONCLUSÕES

A presente pesquisa buscou através da questão norteadora de pesquisa e do objetivo geral analisar o uso da história em quadrinhos como alternativa didática no processo de comunicação e pensamento visual nas turmas da EJA na Escola Municipal IV Centenário em Goiana- PE, Brasil. Logo nesta linha e dentro desta perspectiva, podemos afirmar os resultados últimos desta pertinente investigação. Diante do exposto, apresentam-se resultados que são importantes frente ao objetivo geral e os objetivos específicos.

A devolutiva por meio de dados que se relacionam ao uso da história em quadrinhos em turmas da EJA, pode levar a um novo olhar de perspectivas e elenca possibilidades de novos saberes pedagógicos desenvolvidas no espaço escolar.

Em se tratando do **primeiro objetivo específico**: Conceituar a história em quadrinhos – HQs. Pode se perceber que exista vasta documentação produzida acerca da literatura em quadrinhos e que desde tempos bem distantes vários teóricos e estudiosos já versaram e produziram sobre está temática de ontem e de hoje conceituando a mesma.

Entendemos que existem muitas fontes de cunho acadêmico, histórico e social que nos oferecem ricos achados e conhecimentos sobre este tema que é bem atual. Os professores guardam vivo na memória as obras em quadrinhos, as quais já leram e que até hoje povoam e fazem vibrar as suas imaginações ao recordarem inesquecíveis roteiros em quadrinhos.

O professor uma vez instigado a recordar a importância da história em quadrinhos durante a sua infância, e sobretudo durante a sua vida escolar. Terá muito mais propriedade para abordar a temática em sala de aula e sem sombra de dúvidas conseguirá por meio de atividades didáticas encantar os seus alunos com o universo mágico, lúdico, atraente e pedagógico das histórias em quadrinhos.

O **segundo objetivo diz**: Verificar as práticas pedagógicas adotadas pelos docentes da Educação de Jovens e Adultos – EJA. Com base na consulta feita a documentos escolares, nas entrevistas e sobretudo na observação constante nas salas de aula se percebe que a prática adotada pelos docentes instiga os alunos para o ato de aprender.

O dinamismo dos professores e a diversidade na apresentação de atividades lúdicas favorece a aprendizagem dessa parcela significativa da sociedade que por motivos os mais diversos não tiver acesso à escola no tempo próprio para a formação de cada um.

As práticas pedagógicas associadas a horários de aula mais flexíveis, consegui criar um ambiente onde as práticas pedagógicas fluem com mais facilidade. E os alunos mesmo sendo muita das vezes de idade avançada, conseguem ser alcançados com as especificidades e objetivos propostos no Currículo escolar e consolidadas em sala de aula.

Neste ponto ainda se conclui que uma melhor infraestrutura ou uma reforma na escola se proporcionaria aos alunos espaços mais bem elaborados e propícios para o desenvolvimento de novas atividades de cunho educacional.

Verifica-se também a utilização em algumas atividades de equipamentos eletrônicos o que facilita a compreensão da atividade proposta. E, sobretudo motiva os alunos a participação pelas cores e sons extraídos dos equipamentos.

O desenvolvimento de projetos com a finalidade de comemorar os 450 anos de fundação da Cidade de Goiana e a celebração das Bodas de Ouro da escola (1969 – 2019), contribuíram muito com o aprendizado dos alunos, uma vez que a postura didática dos professores favoreceu a aprendizagem dentro e fora dos limites da escola.

O terceiro objetivo específico: Descrever as técnicas aplicadas em sala de aula no processo de ensino aprendizagem. A coletânea de respostas que nos foram oferecidas por meio de entrevistas, questionários, observações e visitas dirigidas nos levam a perceber que as técnicas de ensino que estão sendo repassadas e treinadas nas Formações Contínuas da Rede Municipal de Ensino oportunizam o processo de ensino aprendizagem.

Mas chegamos também a seguinte conclusão de que o trabalho do docente por mais caracterizado que seja, de inovadoras tecnologias deve está associado a uma inseparável acolhida de jovens e adultos. A demanda específica da EJA é caracterizada por pessoas em distorção idade série, de idade avançada e de repetentes do ensino regular que lotam as nossas salas de aula nas escolas públicas.

Desse modo conseguimos concluir que embora as constantes Formações Continuadas estejam oferecendo e instrumentalizando o professor para que desenvolva com habilidade e competência as suas técnicas de ensino de modo que os seus alunos

aprendem. Mas acima de tudo eles precisam ser bem acolhidos e os seus professores devem ser bem afetuosos para poderem lidar com alunos e alunas bem carentes não só de afeto como de tudo na vida.

O **quarto objetivo específico**: Analisar o uso da história em quadrinhos como técnica didática em turmas acima da faixa etária de 15 anos. Referente a este propósito já ficou evidenciado que as histórias em quadrinhos uma vez introduzidas nas turmas da EJA são de grande valia para o enriquecimento e diversificação do processo de ensino aprendizagem. Como ficou demonstrado a literatura em quadrinhos quando usadas corretamente nestas turmas de jovens e adultos favorecer o convívio social entre pessoas de diferentes idades e contextos sociais conflitantes ao passo em que facilita a assimilação de conteúdos e grades curriculares que são comuns nesta Modalidade de Ensino.

Desse modo se consegue diagnosticar com precisão de detalhes notados na observação a serventia e utilidade destes paradidáticos como uma importante técnica didática em turmas que mesmo foram dos padrões normais de escolarização buscam na nossa Rede de Ensino a oportunidade de estudarem e concluírem os seus estudos.

Como utilizar as histórias em quadrinhos como alternativa didática nas turmas da EJA? Podemos perceber que as obras em quadrinhos podem ser utilizadas com bastante rendimento escolar e aproveitamento pedagógico nas turmas da EJA. Comprova-se que as obras em quadrinhos podem ser utilizadas para a problematização de todas as disciplinas de uma forma interdisciplinar, onde nos oportuniza ensinar desde Língua Portuguesa, Ciências, Geografia até História passando por todas as demais matérias escolares.

Quando nos debruçamos sobre o objetivo geral da investigação: analisar o uso da história em quadrinhos como alternativa didática no processo de comunicação e pensamento visual nas turmas da EJA na Escola Municipal IV Centenário em Goiana- PE, Brasil, vemos que as histórias em quadrinhos se evidenciam como ferramenta que se mostraram de grande valia para o processo de ensino aprendizagem em nossas unidades de ensino. Estas literaturas também levaram os professores a repensarem as suas práticas pedagógicas. Desse modo é recorrente a necessidade de se intensificar a formação do professor para que desenvolva as suas habilidades para trabalhar com as histórias em quadrinho nas diferentes disciplinas escolares.

Os objetivos para os quais esta pesquisa se propôs foram alcançados no decorrer da coleta de dados e análise dos mesmos, resultando em um resultado satisfatório.

Por fim, entendemos que o estudo da presente pesquisa poderá ser de grande valia para os professores desta unidade de ensino de uma maneira toda especial para aqueles que lidam com a modalidade de ensino da EJA e para os que pesquisam a temática.

Mediante as reflexões trazidas a baila por grandes autores e teóricos, podemos compreender as grandes possibilidades de uso da história em quadrinhos nas turmas da EJA, ressignificando assim saberes e oportunizando a construção de uma educação de qualidade para todos que com vontade de aprender buscam as nossas escolas.

RECOMENDAÇÕES

- ✓ Por meio de Projetos Pedagógicos sensibilizar a Secretaria de Educação para a aquisição de obras em quadrinhos para os kits escolares.
- ✓ Proporcionar aos pais e responsáveis durante as Reuniões de Pais e Mestres exemplares em quadrinhos, destacando a sua importância no processo de ensino aprendizagem.
- ✓ Viabilizar junto aos gestores escolares diversificados exemplares de histórias em quadrinhos para suprir a demanda das bibliotecas escolares.
- ✓ Proporcionar uma maior Formação para que os professores possam trabalhar em sala de aula a história em quadrinhos como um paradigma nos temas transversais.
- ✓ Incentivar por meio de Rodas de Leituras os alunos a produzirem roteiros em quadrinhos a partir da realidade e contexto educacional de cada um.
- ✓ Promover eventos no âmbito escolar de cunho linguístico e literário que instiguem a leitura e a compreensão de textos a partir das obras em quadrinhos.
- ✓ A partir da efetivação do Projeto “Escola Aberta” criar os Clubes de Leitura nos espaços das escolas, oferecendo entre as demais literaturas a história em quadrinhos.
- ✓ Criar junto a população e a sociedade projetos de doação de livros para suprir a necessidade das escolas.

- ✓ Ver a possibilidade de trazer para dentro das escolas escritores da cidade para ministrarem oficinas sobre a iniciação de pequenos autores e a produção de textual.
- ✓ Criar na escola o Jornalzinho Semanal em quadrinhos de forma física ou virtual para incentivar a leitura diária.
- ✓ Por meio da internet levar os alunos ao conhecimento de autores e obras clássicas do mundo dos quadrinhos.
- ✓ Através da criação de pequenos grupos de teatro instigar os alunos a dramatização das histórias lidas, promovendo assim uma maior fixação dos conteúdos estudados.

Promover no fim do ano letivo uma grande culminância literária para uma exposição e compartilhamento dos diferentes saberes adquiridos durante o ano letivo

REFERÊNCIAS

- Alves, J.M. (2001). Histórias em quadrinhos e educação infantil. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 21 (3).
- Araújo, P.C.(2007). *O bibliotecário e a formação de leitores*. Trabalho de Conclusão de Curso (Biblioteconomia) - Centro de Ciências Humanas e da Educação. Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis.
- Araújo, G.C., Costa, M. A., & Costa, E. B.(2008). As historias em quadrinhos na educação: possibilidades de um recurso Didático-Pedagógico. *Revista Eletrônica de Ciências Humanas, Letras e Artes*. Uberlândia, 2, pp. 26-27.
- Andrade, M.M. (2009). *Introdução à metodologia do trabalho científico* (8ª ed.). São Paulo.
- Baradel, C.B. (2007). *Didática: contribuições teóricas e concepções de professores* (Monografia). Faculdade de Ciências -Campus Bauru- Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/SEF.
- Bakhtin, M.(2006). *Estética da criação verbal*. (4a ed.). São Paulo: Martins Fontes, Trad. Paulo Bezerra.
- Brasil. (1997). *Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: história, geografia*. Secretaria de Educação fundamental. Brasília: MEC. SEF.
- Brasil. (2006). *Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil*. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica: Brasília (DF).
- Brasil. (2002). *Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: MEC/SEF.

- Brasil. (2008). Ministério da Educação e Ministério da Cultura. PNLL: *plano nacional do livro e leitura*.
- Brasil. (1997). Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: Língua Portuguesa* /Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: Ministério da Educação.
- Brasil. (2002). Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: MEC/SEF.
- Brasil. (1996). Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei 9394/96. Brasília: MEC, 1996. Recuperado em 22 de Junho de 2020 de: <<http://www.mec.gov.br>>. Acesso em: 05 de dezembro de 2016.
- Brasil. (2000). CNE/CEB. Parecer CNE/CEB nº 11/2000. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos.
- Bosi, A. (2000). Reflexões sobre arte: séries fundamentos. (7ª ed.). São Paulo: Ática.
- Cagliari, L. C. (2010). *Alfabetização e linguística*. São Paulo: Scipione.
- Berclaz, A. P. S. (2012). *A Memória Visual dos Quadrinhos de Lichtenstein na Arte*. Recuperado em 22 Junho de 2020, de:<http://pt.scribd.com/doc/111032288/A-Memoria-Visual-dos-Quadrinhos-de-Lichtenstein-na-Arte-Pop>
- Calazans, F. (1997). *As Histórias em Quadrinhos no Brasil- Teoria e Prática* – Unesp – São Paulo . Roberto, Elísio dos Santos, professor de IMES – Centro Universitário Municipal de São Caetano do Sul.

Caneiro, C. (2007). *A Arte e o Cérebro no Processo da Aprendizagem*. Recuperado em 22 Junho de 2020, de: <http://www.cerebromente.org.br/n12/opiniaio/criatividade2.html><http://inclusaobrasil.blogspot.com/2007/10/o-que-deficincia-intelectual-ou-traso.html>> .

Carvalho, J. (2009). *Trabalhando com quadrinhos em sala de aula*. CECIERJ – Educação Pública. Recuperado em 22 de Junho de 2020 de: <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/suavoz/0116.html>.

Campoy, A. T. J. (2016). *Metodología de la Investigacion Cientifica*. Ciudad del Este: Escuela de Posgrado, Universidad Nacional del Este.

Campoy, A. T. J. (2018). *Metodología de la Investigación Científica – Manual para elaboración de Tesis y Trabajos de Investigación* – Edicion Actualizada.

Chaves, S. S., & Santos, S. B.(2002). *Problema de Aprendizagem: Fracasso Escolar*. De quem aprende, ou de quem ensina? Belém-Pa. Recuperado em 22 de Junho de 2020 de <<http://www.nead.unama.br/>.

Costa, Á. C; & Barreto, V. (2006). *Alunas e Alunos da EJA*. Trabalho com a educação de jovens e adultos. Brasília.

Danton, A. C. (2010). *Após o Fim da Arte*. São Paulo: EDUSP.

Eisner, W. (2008). *Narrativas Gráficas*. São Paulo: Devir.

Eisner, Will (2009). *Um Contrato Com Deus*. São Paulo: Devir.

Eisner, Will (1999). *Quadrinhos e Arte Sequencial*. São Paulo: Devir.

Enciclopédia ITAÚ Cultural – Artes Visuais. Arte Pop. Publicação eletrônica. Recuperado em 22 de Junho de 2020 de: http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=367

Fasheh, M. (2004). *Como erradicar o analfabetismo sem erradicar os analfabetos?* *Revista Brasileira de Educação*, 26, 157- 169.

Ferrari, S. C., & Amaral, S.(2010). *O aluno de EJA: jovem ou adolescente?*

Fonseca, V. (2010). *Introdução às dificuldades de aprendizagem*. Porto Alegre: Artemed.

Freire, P. (1989). *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo (SP): Autores Associados: Cortez. Coleção polêmicas do nosso tempo, 4 (1).

Fogaça, A.G.A. (2008). A contribuição das histórias em quadrinhos na formação de leitores competentes. *Revista do Programa de Educação Corporativa*, 3 (1) , 121-131.

Gadotti, M. (2006). *Projeto político-pedagógico da escola: fundamentos para a sua realização*. Romão, José E. (orgs.). *Autonomia da escola: princípios e propostas*. 3. ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire.

Gentil, V.K. (2005). *EJA: Contexto Histórico e Desafios da Formação Docente*. Recuperado em 23 de junho de 2020 de: In: http://www.cereja.org.br/arquivos_upload/Viviane20Kanitz%20Gentil_nov2005.

Giovanetti, M. A. (2000). *Núcleo de Educação de Adultos: pesquisa e formação*. Neja/UFMG. In: *Educação em Revista*, Belo Horizonte, 32, 197-207.

- Gil, A. C., (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6ª ed). São Paulo: Atlas.
- Gramsci, A. (1991). *Os intelectuais e a organização da cultura*. (C. N.Coutinho, Trad.). Rio de Janeiro (RJ): Civilização Brasileira.
- Gramsci, A. (1986). *Concepção dialética da história*. (C. N.Coutinho, Trad.) (6ª ed.). Rio de Janeiro (RJ): Civilização Brasileira.
- Guimarães, E. (1999). *Uma Caracterização Ampla para a História em Quadrinhos e seus limites com outras formas de expressão* – artigo apresentado no Intercom, Rio de Janeiro.
- Ghiradelli, J. R.P. (2005). *Caminhos da Filosofia*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Gonçalo. (2015). O conceito de revistas em quadrinhos. Recuperado em 23 de Junho de 2020 de: encenasaudemental.com.br.
- Gonçalo, J. (2004). *A guerra dos gibis: a formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos, 1933-64*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Gonçalo, J. (2009). *Vida traçada: um perfil de Flavio Colin*. João Pessoa: Marca de Fantasia, II. Coleção Quiosque, (21) 92.
- Goldenberg, M. (1997). *A arte de pesquisar*. Rio de Janeiro: Record.
- Haddad, S. & Di Pierro, M. C (1994). *Diretrizes de política nacional de educação de jovens e adultos: consolidação de documentos 1985/1994*. São Paulo: CEDI, Ação Educativa, ago.
- Haydt, R. C. C. (2008). *Curso de Didática Geral*. São Paulo: Ática.

Junior, G. (2004). *Guerra dos Gibis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Lakatos, E. M., & Marcone, M. A. (2010). *Metodologia Científica*. 6. Ed. São Paulo: Atlas.

Lakatos, E. M., & Marconi, M. de A. (2003). *Fundamentos de metodologia científica*. (5ª ed.). São Paulo: Atlas.

Libâneo, J. C. (1994). *Didática*. São Paulo: Cortez.

Macedo, A. (2011). *HQ na sala de aula*. Publicações de maio e abril/2011 sobre o Projeto Garapa. Recuperado em 22 de Junho de 2020 de em: <http://hqnasaladeaula.blogspot.com.br/>.

Minayo, M. C. S. (Org.). (2009). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 28 ed. Petrópolis: Vozes.

Minayo, M.C (2011). *Pesquisa Social*. Teoria, método e criatividade. (18ª ed). Petrópolis: Vozes.

Moya, A. S. (1997). *História em quadrinhos* (3ª ed.). São Paulo: Perspectiva.

Oliveira, M.J.A. (2005). *A dinamização de coleções de histórias em quadrinhos nas bibliotecas populares do Rio de Janeiro*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) - Universidade Federal Fluminense. Niterói.

Paraná. (2008). Secretaria de Estado da Educação. Diretrizes Curriculares para o Ensino de História na Educação Básica.

Patati, C., & Braga, F. (2006). *Almanaque dos Quadrinhos*. Rio de Janeiro: Ediouro, pp. 232.

- Perrenoud, Ph. (2001). *A Pedagogia na Escola das Diferenças. Fragmentos de uma sociologia do fracasso*. Porto Alegre : Artmed Editora (trad. en portugais de *La pédagogie à l'école des différences. Fragments d'une sociologie de l'échec*. Paris : ESF, 1996,(2^a ed).
- Perrenoud, Ph. (2002). *A Prática Reflexiva no Ofício de Professor : Profissionalização e razão pedagógicas*. Porto Alegre : Artmed Editora (trad. en portugais de *Développer la pratique réflexive dans le métier d'enseignant. Professionnalisation et raison pédagogique*. Paris : ESF.
- Perrenoud, Ph. (2002). *A escola e a aprendizagem da democracia*. Porto: ASA Editores.
- Pinheiro, Fernanda Picanço da Silva Zarour. (2009). Programa mais educação: uma concepção de educação integral. Dissertação de Mestrado. UFRJ.
- Rama, A., & Vergueiro, W. (2010). *Como Usar as Histórias em Quadrinhos na Sala de Aula*. Ed. contexto.
- Santos, R.E. (2001). Aplicações da história em quadrinhos. *Comunicação & Educação*, 22 (1), 46-51.
- Santos, R. E. (2003). *A história em quadrinhos na sala de aula*. In: Congresso brasileiro de ciências da comunicação. Belo Horizonte-MG.
- Santos, R. (2009). A história em quadrinhos no âmbito acadêmico: 35 anos de pesquisas realizadas na universidade de São Paulo. *Revista eletrônica: Cadernos*. 4 (1).
- Sampieri, H. R. (2010). *Metodologia da Investiação*. (5^a ed.). São Paulo. McGraw – Hill

Sampieri, R. H.; Collado, C. H.; Lucio, P.B (2006). *Metodologia de Pesquisa*. Tradução: Murad, F. C. Kassner, M. Ladeira, S. C. D.(3ª ed.). São Paulo. McGraw – Hill.

Soares, M. (2006). *Letramento: um tema em três gêneros*. (2ª ed.), Belo Horizonte: Autêntica.

Souza, M.R. (2013). *A educação de jovens e adultos: um estudo a partir das quedas nas matrículas iniciais no período de 2000 a 2012*. Dissertação de mestrado, catálogo da USP.

Trivinos, A. N. S. (2012). *Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. (1ª ed.) 21. Reimpr.- São Paulo: Atlas.

Tonet, I. (2005). *Educação, cidadania e emancipação humana*. Ijuí: Unijuí.

Unesco. (2010). *Consultative Meeting on Mainstreaming Information and Communication Technologies (ICTs) for Persons With Disabilities to Access Information and Knowledge*.

Unesco. (2011). *ICTs in Education for People With Disabilities: Review of innovative practice*. UNESCO Institute for Information Technologies in Education, Recuperado de: <http://www.european-agency.org/publications/ereports/ICTs-in-Education-for-People-With-Disabilities/ICTs-in-Education-for-people-with-disabilities.pdf>

Vergueiro, W. (2010). *A linguagem dos quadrinhos: uma “alfabetização necessária”*. (4ª ed.). São Paulo: Contexto.

Zilberman, R. (2009). *Como e porque ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva.

ANEXOS

Anexo 1

Escola Municipal IV Centenário
Goiana – Pernambuco – Brasil

Sra. Diretora,

Solicitamos a sua autorização pra a realização da pesquisa de campo intitulada: *A HISTÓRIA EM QUADRINHOS COMO ALTERNATIVA DIDÁTICA NAS TURMAS DA EJA*, a ser realizada pelo mestrando em Ciências da Educação da Universidade Autônoma de Assunção, Marcos Paulo Aurélio dos Santos sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Olga Gonzáles de Cardozo.

O pesquisador realizará visitas à escola, aplicará um questionários aos professores sobre questões relacionadas ao uso da literatura em quadrinhos e suas contribuições para a prática pedagógica docente. Ao mesmo tempo, solicitamos a autorização para a realização de fotos e que o nome desta Escola possa constar na Dissertação de Mestrado bem como em futuras publicações na forma de artigo científico.

Ressaltamos que serão assegurados o sigilo e privacidade dos participantes durante todas as fases da pesquisa de acordo com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS/MS) 196/96 que trata da Pesquisa envolvendo Seres Humanos.

Na certeza de contar com a colaboração e empenho desta Diretoria, agradecemos antecipadamente à atenção, ficando à disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessários.

Goiana, 05 de março de 2019.

Marcos Paulo Aurélio dos Santos
Prof.^a Dr.^a Olga Gonzáles de Cardozo (Orientadora)

() Concordamos com a solicitação

Diretora

Anexo 1

**Escola Municipal IV Centenário
Goiana – Pernambuco – Brasil**

Sra. Diretora,

Solicitamos a sua autorização pra a realização da pesquisa de campo intitulada: *A HISTÓRIA EM QUADRINHOS COMO ALTERNATIVA DIDÁTICA NAS TURMAS DA EJA*, a ser realizada pelo mestrando em Ciências da Educação da Universidade Autônoma de Assunção, Marcos Paulo Aurélio dos Santos sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Olga Gonzáles de Cardozo.

O pesquisador realizará visitas à escola, aplicará questionários, entrevistas com os professores sobre questões relacionadas ao uso da literatura em quadrinhos e suas contribuições para a prática pedagógica docente. Ao mesmo tempo, solicitamos a autorização para a realização de fotos e que o nome desta Escola possa constar na Dissertação de Mestrado bem como em futuras publicações na forma de artigo científico.

Ressaltamos que serão assegurados o sigilo e privacidade dos participantes durante todas as fases da pesquisa de acordo com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS/MS) 196/96 que trata da Pesquisa envolvendo Seres Humanos.

Na certeza de contar com a colaboração e empenho desta Diretoria, agradecemos antecipadamente à atenção, ficando à disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessários.

**Marcos Paulo Aurélio dos Santos
Prof.^a Dr.^a Olga Gonzáles de Cardozo (Orientadora)**

Concordamos com a solicitação



Diretora

M^{te} de Pátima Marois de O. Martins
Gestora
Por^{ta} 142/2017

Anexo 2

Escola Municipal IV Centenário.

Declaração de Aplicação da Pesquisa.

A direção da Escola Municipal IV Centenário.

Escola Municipal IV centenário declara para os devidos fins e efeitos legais de comprovação que a pesquisa **A HISTÓRIA EM QUADRINHOS COMO ALTERNATIVA DIDÁTICA NAS TURMAS DA EJA** foi realizada nesta escola pelo mestrando Marcos Paulo Aurélio dos Santos Tuma 40. Portanto, declaramos a veracidade dos registros pertinentes que o mesmo demonstrou na realização de sua pesquisa.

Goiana, _____ de 2019

Diretora escolar

Anexo 2

Escola Municipal IV Centenário
Declaração de Aplicação da Pesquisa

À direção da Escola Municipal IV Centenário

A Escola Municipal IV Centenário declara para os devidos fins e efeitos legais de comprovação que a pesquisa **A HISTÓRIA EM QUADRINHOS COMO ALTERNATIVA DIDÁTICA NAS TURMAS DA EJA**, foi realizada nesta escola pelo mestrando, *Marcos Paulo Aurélio dos Santos* Tuma 21. Portanto, declaramos a veracidade dos registros pertinentes que o mesmo demonstrou na realização de sua pesquisa.


Diretora escolar
N.º de Fátima Morais de O. Martins
Gestora
Port.º 142/2017

Anexo 3

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO SEGUNDO A RESOLUÇÃO 196/96 DO MINISTÉRIO DA SAÚDE SOBRE AS PESQUISAS ENVOLVENDO SERES HUMANOS

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa: A HISTÓRIA EM QUADRINHOS COMO ALTERNATIVA DIDÁTICA PARA AS TURMAS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA ESCOLA MUNICIPAL IV CENTENÁRIO DE GOIANA – PE, NO BRASIL NO ANO DE 2020, que irá gerar os dados para a conclusão da dissertação do curso de mestrado em Ciências da Educação pela Universidade Autônoma de Assunção- UAA.

Depois de ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, em caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final do documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador. Em caso de recusa, você não será penalizado (a) de nenhuma forma.

Será realizada análise documental e análise de registros de algumas informações e atividades, além de registrar algumas fotos e aplicação do questionário aberto. Ao mesmo tempo, solicitamos a autorização para que o nome desta Escola possa constar na dissertação de mestrado bem como em futuras publicações na forma de artigo científico.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO, LIBERDADE DE RECUSA E GARANTIA DE SIGILO:

Você será esclarecido (a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar sendo também livre para recusar-se e inclusive retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. Sua participação é voluntária e a recusa em contribuir com este estudo não irá causar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

O pesquisador irá tratar sua identidade com padrões profissionais de sigilo, inclusive com os alunos. Os resultados da coleta de dados vão permanecer confidenciais. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar dessa pesquisa.

Uma cópia desse consentimento informado será arquivada com o pesquisador e outra será fornecida a você.

A participação no estudo não acarretará custos para você e não haverá qualquer compensação financeira adicional.

DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE DA PESQUISA

Eu, _____,
RG: _____, fui informado (a) dos objetivos da pesquisa de maneira clara e detalhada onde esclareci minhas dúvidas a respeito do referido estudo. Tenho ciência que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão se assim o desejar. O pesquisador, **Marcos Paulo Aurélio dos Santos**, me certificou que não permitirá que minha identidade ou dos alunos atendidos nesta unidade de ensino sejam de alguma maneira revelada nas publicações.

Em caso de dúvidas poderei ligar para o pesquisador no telefone (81) 996164761 ou entrar em contato com a orientadora do trabalho a professora **Dr^a Olga Gonzáles de Cardozo** por meio do e-mail olgagiubi48@hotmail.com.

Declaro que concordo, em autorizar a solicitação da profissional, na realização de registro com fotos, observações e, entrevistas gravadas, ou outras gravações necessárias, que o nome desta escola possa constar na dissertação de mestrado bem como em futuras publicações em forma de artigo científico, bem como apresentar os resultados desse estudo em eventos da área de educação e análise dos documentos necessários para conclusão deste estudo. Recebi uma cópia do termo de consentimento, bem como poderei solicitar uma cópia dos instrumentos de coleta de dados tendo a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Assinatura do Participante

Marcos Paulo Aurélio dos Santos
Mestrando

Goiana, ____/____/2019

APÊNDICES

FORMULÁRIO DE VALIDAÇÃO DO PESQUISADOR

Prezado (a) Professor (a),

Este formulário destina-se à **validação** do instrumento de pesquisa, que será utilizado na coleta de dados da pesquisa cujo tema é: A HISTÓRIA EM QUADRINHOS COMO ALTERNATIVA DIDÁTICA PARA AS TURMAS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA ESCOLA MUNICIPAL IV CENTENÁRIO DE GOIANA – PE, NO BRASIL NO ANO DE 2020.

Para isso, solicito sua análise no sentido de verificar se há adequação e clareza na construção desse instrumento. Caso julgue necessário, fique à vontade para sugerir melhorias utilizando para isso o campo de observação.

Neste sentido, quero reforçar a importância desse instrumento para à pesquisa mencionada. Pois, ele oportunizará coletar os dados de forma “in loco”, garantindo a riqueza dos detalhes da prática do professor bem como detalhar o ambiente de sala de aula. Esses itens serão importantes para reforçar os objetivos do presente estudo. Sem mais para o momento antecipadamente agradeço por sua atenção e pela presteza em contribuir com o desenvolvimento da minha pesquisa.

Objetivo geral

Analisar a história em quadrinhos como alternativa didática para comunicação e pensamento visual nas turmas de Educação de Jovens e Adultos na Escola Municipal IV Centenário em Goiana, PE no Brasil.

Objetivos específicos:

- Conceituar a história em quadrinhos;
- Verificar as práticas pedagógicas adotadas pelos docentes da Educação de jovens e adultos – EJA;
- Descrever as técnicas de ensino aplicadas em sala de aula no processo de ensino e aprendizagem;
- Analisar o uso da história em quadrinhos como técnica didática em turmas acima da faixa etária de 15 anos

QUESTIONÁRIO APLICADOS AOS PROFESSORES DA EJA

Questão de referência ao Segundo Objetivo	Verificar as práticas pedagógicas adotadas pelos docentes da EJA;					
---	---	--	--	--	--	--

1- Você já utilizou alguma obra em quadrinhos nas suas turmas da EJA?	0	1	2	3	4	5
2 – Na biblioteca da escola são disponibilizadas obras em quadrinhos? Quais?						

Questão de referência ao Terceiro Objetivo	Avaliar se as técnicas de ensino aplicadas em sala de aula estimulam o processo de ensino aprendizagem;					
--	---	--	--	--	--	--

3- Você utiliza algum equipamento como recurso tecnológico em suas aulas?	0	1	2	3	4	5
4 – Nas suas atividades em turmas da EJA já realizou algum tipo de atividade extraclasse? Explique!						

Questão de referência ao Terceiro Objetivo	Avaliar se as técnicas de ensino aplicadas em sala de aula estimulam o processo de ensino aprendizagem;					
--	---	--	--	--	--	--

5- Nas Formações Municipais de Rede se apresenta novas técnicas para um processo de ensino aprendizagem mais significativo? Justifique!	0	1	2	3	4	5
6 – A escola dispõe de infraestrutura favorável para o desenvolvimento de ações e atividades para os alunos da EJA? Quais?						

Questão de referência ao Quarto Objetivo	Diagnosticar o uso da história em quadrinhos como técnica didática nas turmas da EJA;					
--	---	--	--	--	--	--

7- A proposta de trabalhar a história em quadrinhos nas turmas da EJA pode favorecer a aprendizagem em algumas disciplinas? Cite duas!	0	1	2	3	4	5
8 – As obras em quadrinhos sendo trabalhadas em sala de aula podem levar a um maior entrosamento entre alunos de diferentes idades? Como?						

Questão de referência ao Quarto Objetivo	Diagnosticar o uso da história em quadrinhos como técnica didática nas turmas da EJA;
--	---

9 – Você já respondeu questões sobre história em quadrinhos nas Avaliações do SAEPE? Quando?	0	1	2	3	4	5
10 – O uso das histórias em quadrinhos em turmas da EJA pode ajudar no processo de alfabetização de jovens e adultos? Como?						

FORMULÁRIO DE VALIDAÇÃO
DADOS DO AVALIADOR:
NOME:
FORMAÇÃO:
INSTITUIÇÃO DE ENSINO:
ASSINATURA DO AVALIADOR:
ÁREA DE ATUAÇÃO:
OBSERVAÇÕES:



**DIRECCIÓN DE POSTGRADO
UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN
FACULTAD DE CIENCIAS JURÍDICAS POLÍTICAS Y DE LA
COMUNICACIÓN
MAESTRÍA EN CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN**

QUESTIONÁRIO ABERTO

Prezado (a) professor (a);

Este questionário aberto faz parte da pesquisa de campo desenvolvida pelo mestrando: Marcos Paulo Aurélio dos Santos, turma 40, do curso de Mestrado em Ciências da Educação, da Universidade Autônoma de Assunção que dará subsídios para elaboração da investigação.

A sua participação é de fundamental importância para este estudo. A fim de garantir a validade do método de análise, você deve expressar a sua opinião face às perguntas abertas do questionário aplicado.

Agradeço antecipadamente a sua valiosa contribuição e me coloco a sua inteira disposição para quaisquer esclarecimentos que se façam necessárias. Solicitamos sua colaboração para responder as seguintes perguntas, desde já agradecemos sua atenção por contribuir para o desenvolvimento da seguinte pesquisa:

A HISTÓRIA EM QUADRINHOS COMO ALTERNATIVA DIDÁTICA PARA AS TURMAS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA ESCOLA MUNICIPAL IV CENTENÁRIO DE GOIANA – PE, NO BRASIL NO ANO DE 2020.

As questões formuladas são abertas para que liberdade de expor suas ideias.

Objetivo geral

Analisar a história em quadrinhos como alternativa didática para comunicação e pensamento visual nas turmas de Educação de Jovens e Adultos na Escola Municipal IV Centenário em Goiana, PE no Brasil.

Objetivos específicos:

- Conceituar a história em quadrinhos;
- Verificar as práticas pedagógicas adotadas pelos docentes da Educação de jovens e adultos – EJA;
- Descrever as técnicas de ensino aplicadas em sala de aula no processo de ensino e aprendizagem;
- Analisar o uso da história em quadrinhos como técnica didática em turmas acima da faixa etária de 15 anos

Atenciosamente,

Marcos Paulo Aurélio dos Santos

Mestrando em Ciências da Educação –
Universidade Autônoma de Assunção.

QUESTÕES DO QUESTIONÁRIO

DADOS PESSOAIS E PROFISSIONAIS DO PROFESSOR

Gênero: () Masculino () Feminino.

Idade: _____

Formação:

() Ensino Médio – Citar.....

() Pedagogia

() Licenciatura - Citar

() Especialização – Citar

() Mestrado

() Doutorado

Tempo de serviço:

QUESTIONÁRIO ABERTO

1- Você já utilizou alguma obra em quadrinhos nas suas turmas da EJA?
2 – Na biblioteca da escola são disponibilizadas obras em quadrinhos? Quais?
3- Você utiliza algum equipamento como recurso tecnológico em suas aulas?
4 – Nas suas atividades em turmas da EJA já realizou algum tipo de atividade extraclasse? Explique!
5- Nas Formações Municipais de Rede se apresenta novas técnicas para um processo de ensino aprendizagem mais significativo? Justifique!
6 – A escola dispõe de infraestrutura favorável para o desenvolvimento de ações e atividades para os alunos da EJA? Quais?
7- A proposta de trabalhar a história em quadrinhos nas turmas da EJA pode favorecer a aprendizagem em algumas disciplinas? Cite duas!
8 – As obras em quadrinhos sendo trabalhadas em sala de aula podem levar a um maior entrosamento entre alunos de diferentes idades? Como?
9 – Você já respondeu questões sobre história em quadrinhos nas Avaliações do SAEPE? Quando?
10 – O uso das histórias em quadrinhos em turmas da EJA pode ajudar no processo de alfabetização de jovens e adultos? Como?

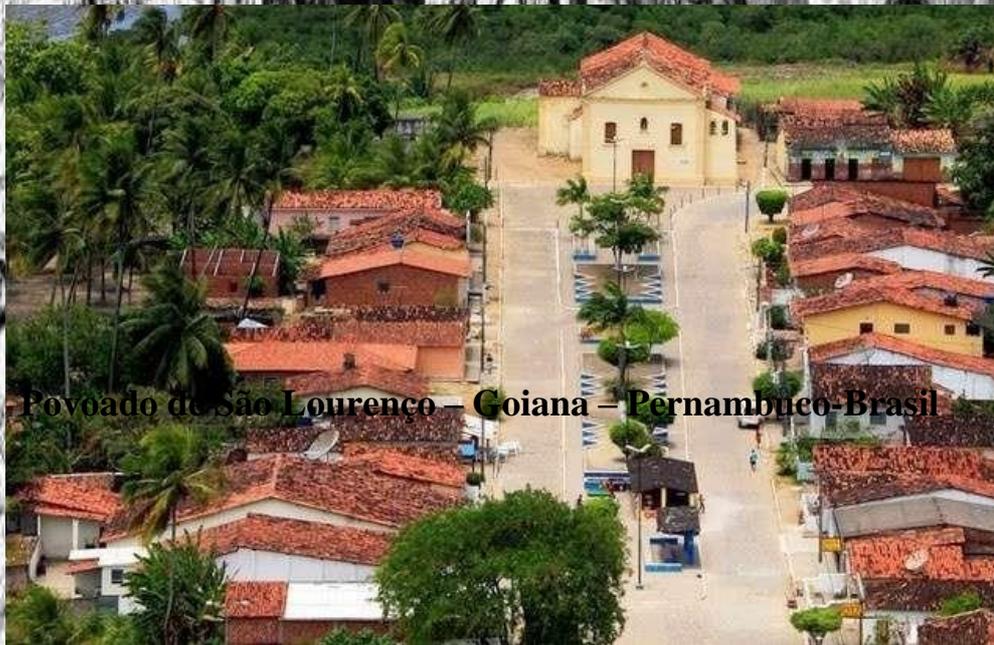
Apêndices

Fotos da escola, local da pesquisa.

Hall de entrada da Escola Municipal IV Centenário, Goiana – Pernambuco- Brasil



Complexo da escola compreendendo algumas salas de aula.



Povoado de São Lourenço – Goiana – Pernambuco-Brasil



Pontas de pedras – Goiana – Pernambuco – Brasil



Rua Direita, Goiana – Pernambuco - Brasil